



UNIVERSIDADE FEDERAL DE PERNAMBUCO
CENTRO DE ARTES E COMUNICAÇÃO
PROGRAMA DE PÓS-GRADUAÇÃO EM LETRAS
MESTRADO EM LINGUÍSTICA

ZAINE GUEDES DA COSTA

**FALSOS COGNATOS: Revisão da fundamentação teórica
e proposta de novas abordagens práticas para sua aplicação
nos processos de ensino-aprendizagem de ELE no Brasil**

Recife-PE
2016

Zaine Guedes da Costa

FALSOS COGNATOS: Revisão da fundamentação teórica e proposta de novas abordagens práticas para sua aplicação nos processos de ensino-aprendizagem de ELE no Brasil

Dissertação apresentada ao Programa de Pós-Graduação em Letras da Universidade Federal de Pernambuco, como requisito para a obtenção do grau de Mestre em Linguística.

Orientador: Prof^o. Dr^o. José Alberto Miranda Poza

Linha de Pesquisa: Descrição e análise estrutural e histórica de línguas

**Recife-PE
2016**

Catálogo na fonte
Bibliotecário Jonas Lucas Vieira, CRB4-1204

- C837f Costa, Zaine Guedes da
Falsos cognatos: revisão da fundamentação teórico e proposta de novas abordagens práticas para sua aplicação aos processos de ensino-aprendizagem de ELE no Brasil / Zaine Guedes da Costa. – 2016.
115 f.: il., fig.
- Orientador: José Alberto Miranda Poza.
Dissertação (Mestrado) – Universidade Federal de Pernambuco, Centro de Artes e Comunicação. Letras, 2016.
- Inclui referências.
1. Linguística. 2. Língua portuguesa. 3. Língua espanhola. 4. Aprendizagem. 5. Ensino. 6. Semântica. I. Poza, José Alberto Miranda (Orientador). II. Título.

ZAINE GUEDES DA COSTA

**FALSOS COGNATOS: Revisão da Fundamentação Teórica e Proposta de
Novas Abordagens Práticas Para sua Aplicação aos Processos de Ensino-
aprendizagem de ELE no Brasil**

Dissertação apresentada ao Programa de Pós-
Graduação em Letras da Universidade Federal de
Pernambuco como requisito para a obtenção do
Grau de Mestre em LINGUÍSTICA, em 3/2/2016.

DISSERTAÇÃO APROVADA PELA BANCA EXAMINADORA:

Prof. Dr. José Alberto Miranda Poza
Orientador – LETRAS - UFPE

Prof. Dr. Vicente Masip Viciano
LETRAS - UFPE

Prof^a. Dr^a. Nelly Medeiros de Carvalho
LETRAS - UFPE

Recife – PE
2016

A Zuleide Farias Guedes da Costa,
minha doce e querida mãe, a Rosemberg
Guedes da Costa, meu amado pai que
sempre me serviu de inspiração para nunca
desistir.

AGRADECIMENTOS

A Deus, Senhor dos senhores, razão da minha vida e da minha existência. Senhor, quando relembro os momentos vividos desde a elaboração do projeto de pesquisa até a defesa, tenho certeza de que sempre estiveste me conduzindo a cada minuto. Neste momento, me faltam palavras para agradecer Tua bondade e misericórdia, pois sei que ambas me cercaram nesta trajetória de minha vida. A Ti, toda honra, glória e louvor para sempre.

A meu pai, que sempre me trouxe incentivo e apoio, me ajudando a enfrentar os desafios da vida.

A minha mãe, *in memoriam*, que até os dias em que estive conosco, me trouxe o entendimento de que a vida sem a realização de sonhos é vivida pela metade e não tem razão de ser.

A minha querida irmã que sempre e sempre com doces palavras de incentivo me ajudou muitíssimo a chegar até aqui.

Aos meus queridos irmãos que sempre me apoiaram e me deram força durante esses dois anos de pesquisa e dedicação quase que exclusiva ao mestrado.

As minhas queridas cunhadas, estimadíssimo cunhado, sobrinhas, a todos os familiares e amigos, pela compreensão da pouca disponibilidade de tempo para partilhar momentos agradáveis de comunhão.

Ao meu queridíssimo orientador e amigo José Alberto Miranda Poza que com esmero e competência me elucidou o tema que culminou neste inédito trabalho de pesquisa. Reconheço, ainda, profundamente seu esforço e agradeço-lhe imensamente as longas horas de dedicação na construção deste.

Ao estimado e admirado professor Vicente Masip Viciano, por seu respeito e competência na condução das atividades acadêmicas que sempre me serviram de inspiração e de base desde a época da graduação.

Aos professores da UFPE, pelos ensinamentos e valiosas contribuições ao longo da jornada acadêmica.

LISTA DE QUADROS

QUADRO 1. Síntese dos conceitos e autores elencados	30
QUADRO 2. Síntese dos autores e conceitos	59
QUADRO 3. Análise fonológico e morfossintático	76
QUADRO 4. Interpretação dos semas	85
QUADRO 5. Exercício prático sobre os falsos cognatos em campo léxico semântico.....	105

LISTA DE FIGURAS

FIGURA 1. Campo léxico ‘recipiente’ espanhol.....	83
FIGURA 2. Campo léxico ‘recipiente’ em português.....	85
FIGURA 3. Campos semânticos, associativos ou nocionais de ‘recipiente’ em espanhol.....	89
FIGURA 4. Campos semânticos, associativos ou nocionais de ‘recipiente’ em português.....	96

RESUMO

No presente trabalho tratamos de averiguar, com base na análise contrastiva, o falso cognato vaso e palavras relacionadas a ele tanto na língua portuguesa quanto na língua espanhola dentro do mesmo campo léxico. Na análise, observamos como esses lexemas se encontram relacionados em cada língua e organizados em função de uma estruturação histórica, onde a mudança linguística é justificada por fatores externos e internos. Nosso intento, além de revisar e refletir a respeito das teorias existentes e das denominações relacionadas ao fenômeno linguístico responsável por um dos problemas mais acusados de interlíngua (Koessley e Derocquinny, 1928; Vinay e Darbalnet 1977; Chuquet e Parlladin 1987, Prado, 1989; Crystal 1991; Leiva, 1994; Bugueño Miranda, 1999; Andrade Neta, 2000; Vaz de Silva, 2003; Martínez de Souza; Vita, 2005; Sabino, 2006 Chacón Beltrán, 2006; Torajano Pérez, 2008; Montaña Rodriguez, 2009; Vicente Masip, 2013; Miranda Poza, 2014), é propor uma nova abordagem teórico-prática baseada na teoria do campo léxico-semântico 'recipiente' com o objetivo de corroborar com as metodologias existentes no processo de ensino-aprendizagem de ELE no Brasil. Para a averiguação dos elementos linguísticos envolvidos, lançamos mão da Semântica Estrutural tomando como base o pensamento de Coseriu (1977), que observa o *campo léxico* formado por um conjunto de *lexemas* dispostos entre si que formam uma cadeia dinâmica recíproca de significação e que, portanto, não formam um contínuo perfeito dentro de cada campo semântico. Concluímos que verificar o sentido de cada falso cognato de mesmo étimo aporta a partir de uma comparação isolada e descontextualizada, não elucida o real problema que há por trás da formação da rede significativa que cada elemento possui em suas respectivas línguas e quando se contrasta com outra etimologicamente aparentada. Antes, porém, se faz necessário que se realize uma investigação que fundamenta, organiza e estrutura cada léxico tanto a partir do denotativo quanto a partir de experiências extralinguísticas (Justo Gil, 1991).

Palavras-chaves: Falsos cognatos. Interlíngua. Ensino-aprendizagem. Campo léxico-semântico.

RESUMEN

En este trabajo, tratamos de averiguar, partiendo del análisis contrastivo, el falso cognado vaso y palabras relacionadas a él tanto en la lengua española como en la lengua portuguesa dentro del mismo campo léxico. En este análisis, observamos cómo en cada idioma estos lexemas están relacionados y organizados a partir de una estructuración histórica, justificada por factores externos e internos a cambios lingüísticos. Nuestro intento, allende revisar y reflexionar sobre las teorías existentes y denominaciones relacionadas al fenómeno lingüístico responsable por uno de los problemas más acusados de interlengua (Koessley e Derocquinny, 1928; Vinay e Darbalnet 1977; Chuquet e Parlladin 1987, Prado, 1989; Crystal 1991; Leiva, 1994; Bugueño Miranda, 1999; Andrade Neta, 2000; Vaz de Silva, 2003; Martínez de Souza; Vita, 2005; Sabino, 2006 Chacón Beltrán, 2006; Torajano Pérez, 2008; Montaña Rodríguez, 2009; Vicente Masip, 2013; Miranda Poza, 2014) es proponer un nuevo enfoque teórico-práctico basado en la teoría del campo léxico-semántico 'recipiente' con el objetivo de corroborar con las metodologías existentes en el proceso de enseñanza-aprendizaje de ELE en Brasil. Para investigar los elementos lingüísticos participantes de la pesquisa, utilizamos los fundamentos de la Semántica Estructural teniendo como base el pensamiento de Coseriu (1977), que señala el campo léxico formado por un conjunto de lexemas dispuestos entre sí que forman una cadena dinámica recíproca de significación y que, por lo tanto no forman un perfecto continuo dentro de cada campo. Concluimos que verificar el sentido que cada falso cognado de mismo étimo aporta a partir de una comparación aislada y descontextualizada, no elucida la realidad del problema que hay por detrás de la formación de la red significativa que cada elemento posee en sus respectivas lenguas y cuando se contrasta con otra etimológicamente emparentada. Antes, sin embargo, es necesario que se realice una investigación que fundamenta, organiza y estructura cada léxico tanto a partir del denotativo como a partir de experiencias extralingüísticas. (Justo Gil, 1991)

Palabras clave: falsos cognados, interlengua, enseñanza-aprendizaje, campo léxico-semántico.

SUMÁRIO

1. INTRODUÇÃO.....	11
2. A PROPÓSITO DO CONCEITO DOS FALSOS COGNATO.....	17
3. CONTATO DE LÍNGUAS E INTERLÍNGUAS: HISTÓRIA.....	33
3.1 Contato de línguas.....	33
3. 2 Interlíngua.....	37
4. NATUREZA DO SIGNO LINGUÍSTICO.....	48
5. ESTUDO DO LÉXICO.....	62
5.1 Campo Léxico, Campo Semântico.....	62
5.2 Conceitos fundamentais do campo léxico.....	70
5. 2.1 Sema.....	70
5.2 .2 Arquelexema.....	71
5.2.3 Semema.....	71
5.2.4 Classema.....	72
5.2.5 Virturema.....	72
5.2.6 Lexema.....	72
6. CORPUS PARA ANÁLISE.....	76
6.1 O ponto de partida: campo léxico “recipiente”.....	76
7. CONSIDERAÇÕES FINAIS.....	103
8. REFERÊNCIAS.....	109

1. INTRODUÇÃO

Nossa prática no ensino de língua espanhola a estudantes brasileiros tem demonstrado que um dos problemas fundamentais presente no processo de aprendizagem e de aquisição desse idioma é a coincidência ou proximidade formal entre as línguas, especificamente no âmbito do léxico. Essa proximidade induz a equívocos de índole semântica no processo de internalização textual, baseados no falso juízo que faz corresponder à proximidade formal com a igualdade de sentido.

A corrente que defende a semelhança entre o espanhol e o português corrobora com as perspectivas de Milás (2012) ou Francis (2010), os quais recorrem a Durão (2002) que assegura que tais línguas possuem um total de 90% de igualdade léxica; desse percentual, 60% é composto por cognatos idênticos, e mais ou menos 30% de não idênticos. Isso se deve ao fato de que ambos os códigos provêm do mesmo grupo linguístico. Richman (1965), em pesquisas sobre proximidade linguística, assegura que português e espanhol são as línguas que mais se assemelham entre si. Tal semelhança entre os códigos é tão evidente que acaba gerando problemas tanto em um momento mais informal de comunicação quanto em uma análise teórica mais minuciosa por parte de um investigador no momento de traduzir, já que é praticamente impossível que esteja disponível no momento do transpasso de uma língua à outra, todas as possibilidades linguísticas e extralinguísticas que expliquem e justifiquem o porquê dos desencontros semânticos que o fenômeno dos falsos cognatos comporta (MASIP, 2013).

Francis (2010) observa que elementos linguísticos relativamente transparentes ao entendimento, na verdade, dificultam a eficácia de comunicação entre línguas tipologicamente próximas. Portanto, quanto maior é a semelhança entre as línguas, maior é a possibilidade de erros, uma vez que a equivalência formal não está diretamente relacionada à equivalência de sentido.

Apesar de a “ocupação” linguística do espanhol remontar ao início da colonização do Brasil, foi a partir da criação do MERCOSUL (Mercado Comum do Sul) que a fusão entre os países membros tornou imprescindível à presença da língua espanhola em território brasileiro, somado a isso, o incontestável fator da presença dos países latino-americanos nas regiões limítrofes do país.

Dessa forma, tanto a proximidade geográfica quanto a de compreensão causam problemas de intercomunicação entre os falantes de ambas as línguas, pois a ideia da relativa

facilidade comunicativa faz com que léxicos parecidos ou iguais queiram referir-se mais ou menos à mesma coisa (BUGUEÑO MIRANDA, 1998).

Sendo assim, acredita-se que um estudo apoiado na Semântica Estrutural poderá contribuir no processo de ensino-aprendizagem do idioma espanhol no Brasil, especificamente quanto à questão léxico-semântica, explicando porque os falsos cognatos das línguas portuguesa e espanhola, embora derivem de um mesmo tronco linguístico, apresentam significações particulares.

A partir das perspectivas descritiva e contrastiva, observa-se que cada língua se constitui no percurso de sua história a partir de características particulares. Para suprir as necessidades comunicativas de uma comunidade linguística, os signos são selecionados de forma arbitrária por não possuir vínculo natural com a realidade que a circunda: “o significante é imotivado, isto é, arbitrário em relação ao significado, com o qual não tem nenhum vínculo natural com a realidade” (Saussure (1916) 2001, p.83).

Cada língua faz um recorte de modo muito particular de sua realidade. O francês e o português, por exemplo, usa apenas uma palavra, *mouton* e *carneiro* respectivamente, tanto para o animal quanto para a carne pronta a ser servida. Já o inglês possui dois termos distintos: *sheep* designa o animal; *mutton* designa a porção de carne preparada (SAUSSURE, 2001). Na língua espanhola também encontramos o mesmo fenômeno francês na palavra *pollo* que tanto serve para referir-se à carne crua como para referir-se a carne assada. Já o português, apesar de apresentar o vocábulo *frango* tanto para carne crua como para carne pronta, exhibe também outra possibilidade para carne assada: *galeto*. Portanto, dentro dessa liberdade de escolha, idiomas que possuem termos oriundos de uma mesma língua, podem-lhe atribuir sentidos diferentes.

O problema que incide os falsos cognatos – nomenclatura que preferimos utilizar neste trabalho por acreditarmos ser mais adequada ao propósito de nossa investigação - se pauta na dualidade linguística deduzida por Saussure ((1916) 2001) no tocante à relação estreita que existe entre a representação física (significante) e a representação da ideia (significado).

O ser humano, no exercício da fala, emite sons que formam parte de um repertório específico da língua falada pela comunidade a qual pertence. Durante o processo interativo, o falante codifica os signos através de um processo denominado onomasiológico, que relaciona o significado ao significante, enquanto que o ouvinte – destinatário – faz o processo inverso do remetente, decodifica a mensagem mediante o processo semasiológico ou de significação. Esses processos se realizam mediante o reconhecimento do código tanto por parte do emissor

quanto do receptor, quando entram em contato com um determinado acervo de palavras através de relações distintivas que permitem identificar o significado das palavras envolvidas nesse confronto (MASIP, 2006). Porém, Miranda Poza (2014) adverte que quando o processo de codificação e decodificação acontece entre línguas de mesmo étimo, é preciso ficar atento, pois a semelhança entre elas não só se realiza no nível da subjetividade, antes, atinge também outros níveis da estrutura linguística.

Sob esta ótica, é imprescindível que o professor de língua estrangeira, além de desvendar a diferença de sentido que cada vocábulo adquiriu ao longo do tempo, mostre também - através do modelo comparativo entre os campos léxico-semânticos da língua portuguesa e espanhola - como cada um dos códigos acomodou esses léxicos especializando de modo particular o significado advindo do latim (ROBINS, 1971).

As observações acima citadas, como sendo algo de extrema relevância à prática docente, nos levaram a considerar também nas investigações sobre os falsos cognatos – além das teorias e das observações óbvias recorrentes no fenômeno dos falsos amigos: palavras que provocam problemas de intercomunicação por possuírem semelhança na forma e/ou no som, porém apresentam sentidos diferentes – não só o sentido em si, mas quais fatores linguísticos e extralinguísticos contribuíram para que tais sentidos se consolidassem e adquirissem características singulares tanto em uma língua quanto na outra.

Nesse contexto, propomos como problema inicial de pesquisa a seguinte indagação: *o que teria levado palavras cognatas aos desencontros semânticos ao longo da história?* O desafio que nos despertou interesse consiste em explicar o que levou as duas línguas oriundas de um idioma comum a adotarem palavras com significantes parecidos ou iguais, para representar significados diferentes do ponto de vista sincrônico, visto que *a priori* o sentido denotativo do latim permaneceu nas derivadas em uma ou mais acepções.

Para tal análise, adotamos uma das propostas da Semântica Estrutural surgida após plurais tentativas: a do *campo léxico*. Optamos pelo pensamento de Coseriu (1977), que define o *campo léxico* como conjunto de *lexemas* dispostos entre si que formam uma cadeia dinâmica recíproca de significação e que, portanto, não formam um contínuo perfeito dentro de cada campo semântico.

Diante dessa realidade, chamamos a atenção para o fato de que nem todas as línguas apresentam o mesmo número de lexemas dentro de um mesmo campo para exprimir os mesmos significados, pois os léxicos são o reflexo da experiência extralinguística em parcelas que são sistematizadas em campos denotativos. No dizer de Justo Gil (1991, p.26):

La estructuración del léxico en “campos” presupone el reconocimiento de una cierta extrutturación de la experiencia extralingüística. De hecho algunos de los campos hasta ahora estudiados, “parentesco”, “color”, “habitación”, etc. Parecen más que estructuras lingüístico-léxicas, el reflejo lingüístico de parcelas de la realidad extralingüística perfectamente delimitada y sistematizadas, “campos de denotaciones”¹

Sendo assim, nossa proposta de trabalho é analisar a relação dos falsos cognatos na língua portuguesa e espanhola, salientando como, em cada língua, os lexemas se encontram relacionados e organizados em função de uma estruturação histórica justificada por fatores externos e internos à mudança linguística.

Para tanto, apresentamos uma análise baseada na teoria do campo léxico que mostra não apenas a relação de falsos cognatos (português-espanhol), senão também, os fatores que contribuíram para que palavras que se originaram do mesmo tronco lingüístico, e, portanto, possuem semelhança de forma, adquirissem matizes particulares na fase atual desses dois idiomas, bem como explicar os processos de mudança linguística que ocorreram em cada língua ao longo do tempo, mostrando como referência os sucessivos sistemas ou paradigmas léxicos até o momento atual.

Assim, nossa pesquisa se insere no que Liberali e Liberali (2011) denominam o paradigma interpretativista, isto é, os fatos analisados passam a ser vistos como relativos a um esquema simbólico particular, constituído por um conjunto de termos, conceitos e rótulos. A pesquisa realizada dentro de um paradigma interpretativista tem como função essencial a possibilidade de encontrar os sentidos dados à realidade, e não controlar essa realidade.

A delimitação do estudo sobre os falsos cognatos foi realizada por meio de uma análise contrastiva entre léxicos de mesma origem etimológica encontrados em dicionários de língua portuguesa e de língua espanhola. Nossa coleta procedeu por meio da seleção dos termos portugueses que coincidem ou que se aproximam dos termos espanhóis quanto à grafia ou a pronúncia, mas que apresentem divergência semântica. Em seguida, definimos o significado de cada um dos vocábulos em ambas as línguas e explicitamos as transformações semânticas por que passaram, bem como em cada caso as estruturas léxicas (campos) de que fazem parte.

¹ A estruturação do léxico em “campos” pressupõe o reconhecimento de uma certa estruturação da experiência extra-lingüística. Na verdade, alguns dos campos estudados até agora, “parentesco”, “cor”, “quarto” etc, parecem mais do que estruturas lingüístico-lexicais, o reflexo lingüístico de parcelas da realidade extralingüística perfeitamente delimitada e sistematizadas, “campos de denotações” (**Tradução nossa**).

Por último, propomos que a identificação e explicação do sentido que cada falso cognato adquiriu ao longo da história sejam feitas a partir de uma análise contrastiva entre as línguas envolvidas no processo de confusão terminológica, para que a partir daí se identifique com maior clareza o que de fato gerou tais desencontros semânticos entre códigos de mesma origem.

Desse modo, nossa pesquisa é de base indutiva, pois partimos da observação específica de fenômenos do léxico para realizar nossas conclusões. Salientamos que, na pesquisa de base indutiva, as conclusões tiradas são sempre possíveis, prováveis ou plausíveis, mas não necessárias. Pela relação da abordagem qualitativa com a quantitativa, adotamos o método dialético para tratamento dos dados coletados, fazendo com que a relação de quantidade sirva à compreensão e à relação com o todo, a partir de padrões que surjam da análise qualitativa.

Para tanto, esta pesquisa está dividida em sete capítulos. No capítulo 1º, explicitamos os antecedentes do problema, tendências, pontos críticos, caracterização do tema e da organização, apresentando, concomitantemente, dados e informações que dimensionam a problemática. Seguimos ainda sinalizando os objetivos que traduzem os resultados esperados e que justificam a defesa da pesquisa tanto em sua importância quanto em sua relevância e contribuições para o ensino-aprendizagem da língua espanhola no Brasil.

No capítulo 2º, apresentamos as diversas conceituações teóricas que existem no tocante às denominações que se referem ao fenômeno e ao campo de alcance teórico dos termos falsos cognatos, falsos amigos e heterossemânticos, analisando os pontos convergentes e divergentes de tais teorias.

No capítulo 3º, explicitamos as consequências da aprendizagem de línguas que provêm do mesmo tronco linguístico, especificamente do espanhol e do português, bem como as teorias que explicam a produção da interlíngua resultante da mescla linguística dos códigos linguísticos supracitados.

No 4º capítulo, damos especial atenção à história do signo linguístico desde as discussões filosóficas gregas a respeito de sua natureza ou convenção até a concepção ideológica que se propõe a observar o signo não de forma isolada, mas a partir de um contexto carregado de sentido.

Já no 5º, abordamos os conceitos fundamentais sobre a estruturação do léxico, do campo léxico e do campo semântico.

No capítulo subsequente, tratamos de explicitar o corpus selecionado, analisando-o a partir do objetivo geral e dos específicos.

Por último, concluímos nosso trabalho, propondo um novo método teórico-prático baseado na análise contrastiva entre campos léxico-semântico, objetivando contribuir com o processo de ensino-aprendizagem dos falsos cognatos no Brasil.

2. A PROPÓSITO DO CONCEITO DOS FALSOS COGNATOS

Através de uma ampla revisão bibliográfica sabemos que os falsos cognatos têm sido um tema bastante investigado pela Linguística Contrastiva, e que não há uma conceituação teórica que esteja livre de contradições no tocante às denominações que fazem referência ao fenômeno e muito menos referente ao campo de alcance teórico de cada uma das denominações dos heterossemânticos.

No campo das investigações sobre o léxico, é comum referir-se aos falsos cognatos como aqueles vocábulos que apresentam similaridade, igualdade morfológica ou fonológica idêntica ou similares, mas que, pertencendo a línguas diferentes, ganham matizes semânticas particulares em uma ou mais de suas acepções.

Em relação à denominação dos ‘falsos amigos’, é importante salientar, que se trata de uma tradição relativamente recente. No Brasil, por exemplo, esse fenômeno é mais difundido sob a denominação de falsos cognatos ou de heterossemânticos, enquanto que nas investigações hispânicas e europeias, o fenômeno se popularizou acunhado como ‘falsos amigos’. De acordo com Bugueño Miranda (2003), a consagração do ‘faux-amis’ se deve aos franceses que, apoiados na Linguística Aplicada, percebeu o fenômeno linguístico como algo que envolve não só aspectos externos, mas também internos à linguagem.

Porém, tanto a denominação francesa quanto aquelas mais conhecidas no Brasil, não se configuram exatas e/ou completas por grande parte dos estudiosos deste fenômeno linguístico, pois muitos deles não se entendem no tocante ao âmbito conceitual que a denominação abarca.

Partindo da perspectiva histórica para a compreensão do termo, é importante ressaltar mais uma vez que a tradição da denominação dada às pesquisas do termo ‘faux amis’ é bastante recente. Seu surgimento se deu em 1928 com a publicação de uma obra intitulada *Les faux amis ou les trahisons du vocabulaire anglais*, de autoria dos pesquisadores Koessler e Derocquigny (1928). Nessa obra, os autores tratam de compreender o fenômeno linguístico dos ‘falsos amigos’ como pares de lexemas que, embora tenham a mesma etimologia e apresentem formas iguais ou similares, possuem acepções particulares de significado.

Mais tarde, na década de 70, Vinay e Darbalnet (1977) fizeram uso do mesmo termo para referir-se aos pares de palavras que, apesar de pertencerem a mesma etimologia e apresentarem formas similares ou iguais, diferem de algumas de suas acepções.

Já na década seguinte, o fator etimológico passa a não ser mais imprescindível para definição teórica dos ‘falsos amigos’. Chuquet e Parlladin (1987) definem o fenômeno como pares de palavras que possuem fonologia e morfologia iguais ou semelhantes, mas que podem compartilhar ou não a mesma origem linguística.

Sob a influência teórica da década de 80, Buguêno Miranda (2003) afirma que o termo ‘falsos amigos’ é considerado pouco científico ou popular; mas, no entanto, tal termo é mais adequado por estar livre de contradições teóricas. Já no que se refere à origem dos falsos cognatos, o linguista entende que a relação histórico-genética só permite entender parte do problema e não sua totalidade. Sendo assim, Buguêno Miranda (2008) observa três possíveis causas importantes para o fenômeno:

1. Unidades de duas línguas distintas de mesma base etimológica, sendo que uma delas perde uma significação;
2. Duas unidades de línguas que mesmo apresentando mesma base etimológica, uma delas, termina adquirindo com o passar do tempo significação nova;
3. A convergência fonológica se deve a um problema de homonímia²; para ele, tal evento deve ser tratado como um problema de lexicografia sincrônica (eixo diatópico e diastrático). Porém, partindo da noção de língua cognata, e a posteriori, léxico cognato, deve-se perguntar o porquê desses desencontros. E, por conta disso, a dimensão diacrônica é, pelo menos parcialmente, imprescindível para compor a análise dos ‘falsos amigos’.

Em consonância com o terceiro aspecto abordado por Buguêno Miranda (2008), Masip (2013, p. 13) também considera a homonímia como um dos elementos fundamentais na caracterização dos falsos amigos:

- Palavras equivalentes: possuem os mesmos sons, sob uma perspectiva fonológica, a mesma grafia e as mesmas acepções, mas que se diferenciam no uso: calar /kaláR/ espanhol; calar /kaláR/ português;
- Palavras homônimas: tem os mesmos sons, sob uma perspectiva fonológica, e a mesma grafia, mas acepções diversas e diferenças e no uso: cubo/kúbo/ espanhol; cubo/kúbu/ português;
- Palavras parônimas: assemelham-se, mas diferem no som, na grafia, nas acepções e no uso: crianza/ kriáNθa/ espanhol; criança / kriáNsa/ português.

² Palavras que tem os mesmos sons, sob uma perspectiva fonológica, e a mesma grafia, mas acepções diversas e diferenças e no uso (MASIP, 2013).

Concernente ao fenômeno da homonímia, Masip (2013) já havia anteriormente definido como pares de palavras que apresentam identidade fonética e ortográfica, porém que divergem no sentido:

Identidade fonética e ortográficas de palavras de diversos sentidos. Em português e espanhol, por exemplo, a palavra *adobar* soa e se escreve igual, mas, em português, significa fazer adobes em argila crua e, em espanhol, temperar comida, curtir peles.

Entretanto, para Miranda Poza (2014) o conceito da homonímia em Masip (2013) carece de uma clara explicitação em relação à definição do que seria parecido ou semelhante. Segundo ele, o exemplo do vocábulo *adobar* trazido por Masip para representar o fenômeno do que seria de mesmo som e grafia, se configura num evento problemático no quesito fonético:

Ahora bien, incluso en el caso de representar las respectivas transcripciones fonéticas "normativas" a las que se refiere Vaz de Silva (2003), el ejemplo aludido por Masip (2013) no se corresponde con la definición, toda vez que, en sentido estricto, - y nunca mejor dicho - no "sueña" igual: [aaoβár] - español - / [adubá] - portugués -, con cierre de la vocal protónica interna, no fricativización de las consonantes oclusivas intervocálicas con diversos matices de pronunciación, en función de la existencia de diversas variantes regionales, muchos de ellos alejados de la vibración múltiple característica del español por lo que se refiere a la [r] final -. Una vez más, después de esas precisiones, planteamos la pregunta nunca adecuadamente respondida hasta ahora, según nuestro criterio ¿dónde radica el parecido o la semejanza: etimología, aspecto fónico y ámbito de lo fónico - lengua (langue) o habla (parole), esto es, fonético (exclusivamente tendencias normativas o ampliamente coloquiales), aspecto ortográfico considerado de modo independiente respecto de su realización fónica? (MIRANDA POZA, 2014, p.15)³.

Ainda no tocante à homonímia, Masip (2013) nos traz outro ‘falso amigo’ para reiterar sua observação. *Vaso* é correspondente no tocante ao sentido por está situado no mesmo campo semântico da língua portuguesa e espanhola - em português, *vaso* significa ‘recipiente que pode conter quaisquer tipos de líquido’, seja ele para consumo humano ou não; já em espanhol, que também denota a ideia de ‘receptáculo’, especializou o sentido para recipiente que serve para guardar líquido para consumo humano - e é similar no quesito ortográfico, porém se configura em um evento discrepante nos âmbitos fonológicos e fonéticos, já que as

³ Agora, inclusive no caso de representar as respectivas transcrições fonéticas "normativas" a que se refere Vaz Silva (2003), o exemplo dado por Masip (2013) não é compatível à definição proposta, uma vez que, em sentido estrito – e não de outra forma - o vocábulo em questão, não soa igual [aaoβár] - espanhol - / [adubá] - português - pois há um fechamento da vocal protônica interna, a não fricativização das consoantes intervocálicas oclusivas com matices diferentes de pronúncia em função da existência de diversas variantes regionais, muitas delas sem a realização final [r] da vibração múltipla característica da língua espanhola. Uma vez mais, depois destes detalhes, a pergunta nunca adequadamente respondida até o presente momento, de acordo com nosso critério, onde reside a semelhança ou afinidade: etimologia, aspecto e âmbito do fônico - língua (langue) e fala (parole), isto é, fonética (exclusivamente tendências normativas ou amplamente coloquiais), aspecto ortográfico considerado de modo independente sobre sua realização fonética? (tradução nossa)

duas línguas não se correspondem completamente quando analisadas em contraste: /báso/, [báso] – espanhol; /vázo/, [vázu] - português. Já no que se refere à tradução, Masip (2013) observa que o fenômeno da homonímia se torna um evento complexo quando se estabelecem contrastes entre línguas naturais, já que nem sempre as mesmas letras correspondem aos os mesmos sons.

Masip (2013, p.21) define a paronímia da seguinte forma:

Semelhança fonética, ortográfica ou de sentido. É o fenômeno mais frequentes entre os “falsos amigos”. Por exemplo, as palavras portuguesa e espanhola abatimento/abatimiento têm grafia, som e sentidos parecidos, mesmo que não coincidam totalmente.

Percebe-se que mesmo desconsiderando o fator étimo na definição dos ‘falsos amigos’, Masip (2013) se utiliza de pares de léxicos de mesma base etimológica para exemplificar tanto a homonímia quanto a paronímia. Assim como a palavra ‘vaso’ conservou nas duas línguas a ideia de ‘receptáculo’ que veio do latim, o exemplo dado pelo linguista para ilustrar o evento paronímico evidencia que em ambas as línguas o sentimento de tristeza, desânimo, e de depressão que vem do latim tardio⁴ abbatuere⁵ foi também conservado em uma das acepções de cada língua, o que fica evidente a observação feita por Bugueño Miranda (2003) quando ressalta ser importante para elucidar o problema dos ‘falsos amigos’, pelo menos em parte, o percurso histórico do léxico, já que o sentido denotativo advindo da língua originária permanece e não desaparece de todo nas línguas provenientes.

Considerando também o advento da paronímia como base para identificação e a etimologia como relevante para a conceituação, Martínez de Sousa (2003, p. 344) se utiliza da denominação dos ‘falsos amigos’, definindo da seguinte forma: “[La paronímia es] aquel fenómeno por el cual dos o más voces de distinta significación tienen entre sí cierta relación o semejanza, bien por su etimología, por su forma o por su sonido”⁶. Desta maneira, pode-se dizer que, para Martínez (2003), a paronímia lexical é aquela que se realiza no vocábulo que possui grafia e som similar à de outro de uma outra língua com a mesma raiz etimológica, mas que, porém, apresentaria discrepância no tocante à significação.

⁴ Trata-se do conjunto dos diversos fenômenos latinos que não estão de acordo com as normas do latim clássico (VÄÄNÄNEN, 1968).

⁵ Abbatuere, vem do latim tardio que significa: bater, ferir, esgrimir, cruzar armas, ou seja, estar ‘abatido’ (Dicionário Priberam, 2008).

⁶ [A paronímia é] aquele fenômeno pelo qual duas ou mais vozes de diferente significação tem entre si certa relação ou semelhança, bem por sua etimologia, por sua forma, ou por seu som (**Tradução nossa**).

No enfrentamento de pares de léxicos de diferentes idiomas que derivem de uma raiz comum, é natural que muitas dessas palavras apresentem a mesma identidade fônica e ortográfica e que a pouca distância entre os sistemas linguísticos, acabe por determinar a quantidade de falsos amigos que existe entre elas (GARCÍA YEBRA, 1997). No caso do português e do espanhol, um dos fatores associados à alta incidência de falsos amigos é o amplo aporte léxico que veio da língua românica latina – fato que já tínhamos mencionado anteriormente.

No entanto, Miranda Poza (2014) adverte que o fenômeno dos falsos amigos nem sempre é peculiar de línguas historicamente aparentadas e que é preciso observar atentamente a tradução que é feita, porque qualquer descuido por parte do tradutor pode acarretar problemas graves de comunicação. E sobre isso Coelin (2003, p. 40) opina:

O problema da existência de falsos amigos é que estes podem numa tradução descontrainda ou menos cuidadosa, comprometer o conteúdo semântico de um determinado enunciado e em consequência o ato comunicativo.

As investigações científicas atuais sempre fazem - além de considerar os ‘falsos amigos’ a partir de seu aspecto externo e interno – analogia ao fenômeno dos falsos cognatos como algo que engana e/ou que trai o interlocutor no momento da comunicação e que causa algum tipo de desconforto ou dano a alguém que pensa está emitindo, através do significante da língua meta, o mesmo sentido - por causa do conhecimento de mundo que possui - que lhe é atribuído em sua língua materna. Essa característica marcante dos falsos cognatos é sempre abordada nos livros didáticos de língua espanhola como algo engraçado, que se configura como um artifício linguístico enganador que se converte em uma *verdadeira armadilha* tanto para leitores como para tradutores no momento do transpasso de uma língua a outra. No entanto, tal abordagem termina camuflando e desvirtuando, em demasia, os reais motivos de incompatibilidade de sentido porque passam léxicos oriundos de mesmo étimo (ALVES, 2003; MASIP, 2013; MIRANDA POZA, 2014; MONTERO, 1996 *apud* CEOLIN, 2003).

Monteiro (1996, *apud* Ceolin, 2003), além de observar a existência dos ‘falsos amigos’ que podem coincidir na ortografia ou não, nos traz também uma importante contribuição no tocante aos ‘falsos amigos fonéticos’ que não são semelhantes nem na escrita, nem na fonologia, porém que incidem ou podem incidir na fonética:

Falsos amigos ortográficos: palavra que coincidindo em ambas as línguas na ortografia, não coincidem ou podem não coincidir na pronúncia; falsos amigos fonéticos: palavras que não coincidindo na ortografia, coincidem ou podem coincidir (por uma pronúncia errada) na fonética. Incluídos aqui

aqueles que possuem diferentes acentos e falsos amigos aparentes: aquelas palavras que sem coincidir na escrita nem na pronúncia, lembram, pela forma aproximada e devido a associações lexicais várias, outros significados e sentidos diferentes. (Monteiro, 1996, *apud*, CEOLIN, 2003, p.40)

Para ele, os ‘falsos amigos fonéticos’ se caracterizam, basicamente, pela semelhança fonética entre palavras de ortografia diferente. Entre o espanhol e o português, temos um exemplo bem claro de falsos amigos fonéticos: [ʎo] “yo” espanhol (pronome pessoal tônico pessoa do singular) / [ʃo] “xô” português (interjeição do verbo ‘enxotar’ que significa ‘afugentar; fazer com que algo ou alguém saia de um lugar empurrando, batendo ou gritando). A realização fonética “chiada” hispânica se configura em um dos traços mais característicos do espanhol rioplatense: o *yeísmo*⁷. O *yeísmo* “chiado”, é característico da ausência da lateral palatal / ʎ /, em contraste com / j /, permitindo, dessa forma, uma variação fonética chamada *sheísmo*. O *sheísmo* é um fenômeno fônico que apresenta um zumbido na realização do fonema /y/ (fricativo palatal sonoro) que, além de reduzi-lo a uma única unidade fônica, apresenta uma realização surda. De acordo com Zamora Vicente (1949), o fenômeno do *rehilamiento*⁸ se reduz a Montevideu, Buenos Aires e Rosário, porém Vidal de Battini (1964) assegura que é um processo que se expande até o interior da Argentina, e que a igualação palatal se constitui em um fenômeno linguístico presente em todos os níveis sociais. Assim sendo, fica evidente que o alófono [ʃ] está presente tanto no quadro fonológico da língua portuguesa – o que termina por confundir ainda mais o lusofalante, já que ora o mesmo som é grafado com “x” e ora é grafado “ch” - nas variações fonéticas do espanhol americano.

Monteiro (1996, *apud* CEOLIN, 2003), apesar de utilizar a nomenclatura que fora designada para referir-se ao fenômeno linguístico entre pares de palavras de étimo em comum, parece sempre deixar de fora de sua análise os elementos internos que estão ligados à palavra. Seu olhar para o fenômeno aponta sempre para o aspecto léxico-semântico, ou seja, para o externo.

Em contrapartida, Vaz de Silva (2003, p.3) além de estabelecer quatro requisitos para a definição dos ‘falsos amigos’, observa o fator etimológico como relevante para a definição do termo:

⁷ O *yeísmo* é um fenômeno da fala que consiste em pronunciar o fonema lateral palatal sonoro como um fricativo palatal sonoro, por uma tendência do falante a projetar a língua numa posição de articulação lateral: o *yeísmo* afeta as extensas zonas da Espanha e da grande parte da América Latina (ZAMORA VICENTE, 1949 p. 122).

⁸ É uma técnica assegurada por Amado Alonso (1925), para designar o “zumbido especial produzido no ponto articulatório”. Mais tarde, este tecnicismo é empregado, também, por Navarro Tomás (1964), porém, não para descrever um fenômeno acústico, mas sim articulatório, que caracterizaria uma pronúncia “chiada”.

[...] o falso amigo é aquele signo linguístico que, geralmente pelo efeito de partilha de uma mesma etimologia, tem uma estrutura externa muito semelhante ou equivalente à de outro signo numa segunda língua, cujo significado é completamente diferente. Essa comunidade de formas ou aparências leva o falante bilíngue a estabelecer uma correspondência de significados ou, aproveitando a mesma terminologia, a acreditar numa relação de amizade semântica falsa.

A comparação dos ‘falsos amigos’ a uma relação amistosa pouco confiável não é exclusividade da autora supracitada. Anos mais tarde, na obra intitulada *Armadilha da língua espanhola*, Masip (2013) também alude ao fenômeno da homonímia e da paronímia como sendo um relacionamento entre pessoas afetuosas e próximas, mas que, aos poucos, se mostram pouco confiáveis:

“Falsos amigos” expressa metaforicamente a dimensão linguística da homonímia e da paronímia: assim como há pessoas afetuosas e próximas que acabam se revelando pouco confiáveis, existem, do mesmo modo, palavras e vocábulos que aparentam o mesmo ou a mesma referência, sem possuí-los. (MASIP, 2013, p.70)

Baseando-se em Robins (1971), Leiva (1994) faz uso da nomenclatura falso cognato para referir-se a palavras de mesma origem, porém com significado diferente. Segundo ela, os falsos cognatos são formas linguísticas que pertencem a duas línguas cognatas, que historicamente tem uma fonte em comum, mas que ao longo da evolução por que toda língua natural passa, tomaram caminhos distintos no tocante aos significados ou quanto a suas funções semânticas. Especificamente no caso dos falsos cognatos, essas mudanças aconteceram em uma ou nas duas línguas, sendo que uma ou as duas conservaram algum elemento originário:

1. Duas formações baseadas em duas palavras latinas diferentes, porém com radicais idênticos. Ex.: vaso/vaso. Em espanhol, significa “copo”, em português, “vaso de flor” ou “vaso sanitário”. 2. Uma única palavra de origem: as duas línguas conservam o significado original, e ambas (ou uma delas) acrescentam um ou mais significados ou estreitam seu campo semântico. Ex.: exquisito/esquisito. Em português, significa “esquisito”, em espanhol, “extraño”, “raro”. Em espanhol, significa “exquisito”, em português, “gostoso”, “saboroso”. 3. Uma única palavra de origem com um ou mais significados, que são conservados por uma das duas línguas. A outra conserva apenas um dos significados originais ou nenhum (e pode até criar, mais tarde, um outro termo para suprir a falta do(s) outro(s). Ex.: sugestión/sugestão. Sugerencia (português – espanhol): indução, desejo provocado numa pessoa em estado de hipnose ou não. 4. Duas palavras semelhantes (ou idênticas), porém de origem e significado diferentes. Ex.: rato/rato. Em espanhol, significa “curto espaço de tempo”, em português, “rato” (LEIVA, 1994, p. 17-19).

No entanto, para Miranda Poza (2014), a definição de Leiva (1994) para o primeiro tipo de falso cognato não é compatível com exemplo dado, pois *vaso* provém da mesma raiz etimológica em ambas as línguas. Já para segunda e terceira classificação de Leiva, o referido

linguista assegura que as observações feitas se adequam perfeitamente na análise proposta por Bréal (1924) no tocante às leis evolutivas pelas quais passa o significado de um léxico, pois a investigação da língua se manifesta em detrimento da fala e da abstração que o indivíduo faz dessa língua, ou seja, faz parte dos postulados brelianos considerar o processamento intencional, interacional do indivíduo e cognitivo da linguagem, quer seja ampliando o sentido original, quer seja especificando esse sentido.

Porém, o que não fica explicado para Miranda Poza (2014) é o quarto tipo apresentado – o que responderia ao princípio da homonímia, apontado por Masip – já que desde o ponto de vista formal, a gramática histórica explica o diferente resultado nas duas línguas enfrentadas. Desta forma, cabe indagar, então, o porquê do conflito na *concepção* do falante, sobretudo, quando o resultado se configura diferente na pronúncia e, principalmente na forma escrita.

Miranda Poza (2014) ainda observa que existe uma discrepância teórica que embasa a definição do último tipo apresentado pela própria Leiva (1994, p.15):

À guisa de definição, podemos dizer que FALSOS COGNATOS são formas linguísticas que pertencem a duas línguas cognatas, que historicamente tem uma fonte em comum, mas que tomaram caminhos diferentes na sua evolução.

Para ele, o discordante no tratamento dos 'falsos amigos', incide na concepção acunhada pelos próprios genitores do termo, Koessler & Derocquigny (1928), onde a definição dada sobre o termo, de acordo com o Dictionnaire de la Linguistique, de Georges Mounin (1974), se refere a um fenômeno que designa palavras de mesma etimologia e de forma parecidas, mas de sentido parcial ou totalmente distante. Para Miranda Poza (2014) a conceituação dada pelos franceses é inadequada, haja vista que o tal fenômeno linguístico tanto pode ocorrer entre línguas cognatas, como é o caso do português e do espanhol, como também entre línguas que não são aparentadas de forma imediata como é o caso do inglês e do francês.

Leiva (1994, p.74), mais adiante, ainda introduz novas posições em relação à denominação do fenômeno:

Então, chamaremos de falsos cognatos, propriamente ditos àqueles que tem uma fonte comum e de falsos cognatos acidentais àqueles que não tem uma fonte em comum, mas que são iguais ou semelhantes em sua forma ortográfica e/o fonológica.

O que Miranda Poza (2014) quer salientar em suas observações sobre os ‘falsos amigos’, além das teorias discrepantes apresentadas pela autora, é que: o que de fato está em jogo nesta relação pragmática, é o papel do falante que tende sempre a relacionar de modo espontâneo e automático as formas que lhe parecem familiar independentemente do uso.

Por isso, em relação às denominações e aos conceitos arraigados ao fenômeno que provoca desconfortos no momento de comunicação, Francis (2010, p. 19) observa ser praticamente impossível uma unanimidade conceitual devido às confusões provocadas pelas nomenclaturas dadas ao fenômeno:

Percebe-se que, para alguns estudiosos, a denominação ‘falsos amigos’ considera, além das relações de forma e significado, questões vinculadas à origem das lexias, enquanto que, para outros estudiosos, as questões etimológicas são irrelevantes. Essas discrepâncias derivam em confusões quanto à nomenclatura do fenômeno, o que gera maior inquietação sobre o caráter pouco científico ou popular que o termo inspira.

A pesquisadora, mas adiante, ainda reconhece que a perspectiva histórica não deve ser entendida como definitiva, quando se vai compreender o fenômeno porque passa os ‘falsos amigos’:

Considerando que o que se propõe aqui é trabalhar os falsos amigos dentro de obras lexicográficas destinadas ao uso de consulentes não especializados, e considerando que as obras em análise deveriam caracterizar-se como ferramentas de auxílio para a produção linguística em LE, a perspectiva tipológica parece-nos ser mais apropriada que a proposta genética. (FRANCIS, 2010, p. 21).

Sabino (2006) porém, em desarmonia com Leiva (1994), considera o fator étimo da palavra como relevante ao evento linguístico dos falsos cognatos, logo, palavras de origem diferente não podem ser consideradas cognatas. Buscando desfazer alguns equívocos no tocante a denominação desse evento linguístico, Sabino (2006) recorre a dois dicionários: o Aurélio (1999) e o de Koogan e Houaiss (1999) para definir o verbete ‘falso’ na função adjetiva. A autora ressalta que a maioria das definições encontradas sempre define o vocábulo *falso* como algo ‘não verdadeiro’, ‘falsificado’, ‘suposto’, ‘fictício’, ‘errado’, ‘infundado’, ‘aparente’. Para esta última significação, Sabino observou que o significado apresentado pelos dicionários supracitados faz menção às palavras de duas línguas diferentes que tiveram origem em comum, mas que por evoluções semânticas apresentam divergências que culminam em significações diferentes. No entanto, para a autora, atribuir o conceito de

‘inverdade’ aos pares de léxicos de mesma origem é no mínimo incoerente, e, para tanto, ela faz uma analogia interessante com o significado da palavra cognato:

(...) seria tão incoerente quanto afirmar, por exemplo, que dois irmãos, filhos de um mesmo casal, por possuírem fisionomias distintas, não são filhos legítimos de uma mesma mãe. Por isso, atribuir a esses vocábulos o nome de falsos cognatos não parece ser uma designação lógica e racional (SABINO, 2006, p.252).

Por isso, diante desta realidade, ela propõe uma nova terminologia tal para o fenômeno: cognatos enganosos. Com este novo conceito, ela entende que denominação é mais adequada para referir-se aos pares de léxicos de mesmo étimo que mesmo apresentando semelhança ortográfica e/ou fonológica, possuem sentidos diferentes em decorrência das mudanças semânticas pelas quais passam as línguas:

Cognatos enganosos são unidades lexicais de duas (ou mais) línguas distintas que, por serem provenientes de um mesmo étimo, são ortográfica e/ou fonologicamente idênticas ou semelhantes, mas que por terem sofrido evoluções semânticas diferentes, possuem sentidos diferentes. Essas mudanças podem ter acontecido em apenas uma das línguas, ou nas duas. Sendo assim, é possível que ambas ainda conservem traços semânticos comuns, ou ainda, que os sentidos originariamente apresentados por esses pares de unidades lexicais tenham se distanciado tanto, em ambas as línguas – tornando-se, por vezes, até antagônicos – a ponto de não parecerem ser vocábulos cognatos. (SABINO, 2006, p. 255)

Já para os falsos cognatos, a referida autora propõe que a nomenclatura seja aplicada a pares de léxicos que apesar de terem étimos e sentidos diferentes, possuem estruturas formais semelhantes:

Falsos cognatos são unidades lexicais pertencentes a duas (ou mais) línguas distintas que, apesar de serem provenientes de étimos diferentes resultaram – em consequência das evoluções fonéticas que sofreram, ao longo do tempo – em unidades lexicais ortográficas e/ou fonologicamente idênticas ou semelhantes, embora seus valores semânticos sejam bastante distintos (SABINO, 2006, p. 256).

Ainda no tocante à denominação e aos conceitos que cada autor confere a ela, Prado (1989, p.721) se utiliza da terminologia ‘seudocognatos’ quando se refere a palavras de mesmo étimo, mas que, por causa da evolução semântica porque passam as línguas, apresentam sentidos diferentes: “los seudocognados (los falsos amigos) son vocablos que tienen la misma etimología pero cuya evolución semántica ha resultado en significados diferentes”.⁹

Miranda Poza (2014) adverte, porém, que o que deve mesmo ser observado neste tipo de evento linguístico é o sentido de cada léxico, pois em muitas palavras a língua portuguesa e espanhola coincidem ou divergem em uma ou mais acepções:

⁹ “Os pseudocognatos (os falsos amigos) são vocábulos que tem a mesma etimologia, porém cuja evolução semântica resultou em significados diferentes” (**Tradução nossa**).

[...] más allá de dilucidar las cuestiones atinentes a la etimología y forma fónica y hasta ortográfica de los pares de palabras enfrentados, radica en cómo se manifiesta en cada lengua el significado que dichas voces abriga [...] (MIRANDA POZA, 2014, p. 14)¹⁰

Prado (1989, p.721) além de categorizar os ‘falsos amigos’ em seudoscognatos, ainda nos traz mais uma importante contribuição em relação aos léxicos oriundos do étimo: "Llamamos cognados (verdaderos amigos) a dos palabras que comparten la misma etimología y mantienen un significado idéntico en ambas lenguas."¹¹

Compactuando da mesma concepção advinda de Prado que defende a terminologia dos ‘seudocognatos’, Crystal (1991, p. 60), advoga o pressuposto de que os falsos cognatos são aquelas palavras que advêm do mesmo do étimo, mas, no entanto, não compactuam do mesmo sentido:

A language or a linguistic form which is historically derived from the same source as another language/form, e.g. Spanish / Italian / French / Portuguese are «cognate language» (or simply «cognate»); père/padre, etc. («father») are «cognate words» or cognates.¹²

Deste modo, observamos que o campo investigativo sobre a denominação e conceitos atrelados carece de uma definição adequada. Se por um lado temos estudiosos que se baseiam pelo étimo para a identificação e precisão do termo, por outro, existem os que elegem atribuições de caráter externo para a caracterização do fenômeno, ou seja, de índole léxico-semântico:

A pesar de que, como decimos, estos criterios previos al establecimiento de una tipología que di cuenta del problema propuesto y los que a continuación vamos a rescatar son casi sistemáticamente referidos por la literatura científica al uso casi de forma unánime pelo lo que nos interesa en realidad – y no solo a nosotros - es que aportan diferencialmente estas precisiones a nuestro propósito, mucho más allá de la mera cita descriptiva erudita. A ello volveremos más adelante, a modo de recaptulación, si bien, basta ahora con señalar que es de nuestro interés recordar la etimología de la voz latina *cognatum*, referida por Sabino (2006) así como la alusión realizada por Vaz de Silva (2003) a propósito de la naturaleza de la supuesta

¹⁰ Além de observar a questão etimológica, a forma fônica e até a ortográfica dos pares de palavras enfrentados, é importante observar como o sentido de cada palavra se manifesta dentro de cada língua (**Tradução nossa**).

¹¹ Chamamos cognatos (verdadeiros amigos) a duas palavras que dividem a mesma etimologia e mantem um significado idéntico em ambas as línguas (tradução nossa).

¹² Idioma ou forma linguística derivado historicamente da mesma fonte como outro idioma. Exemplo: espanhol, francês, italiano, português são aparentado, pere., padre, father são palavras cognatas (**Tradução nossa**).

semejanza de las voces enfrentadas, ya sea esta achacable a un hecho de índole fonética o léxico – semántica.¹³ (MIRANDA POZA 2014, p. 13)

Montaño Rodríguez (2009), em um contexto didático, realizou uma pesquisa acerca da definição dos ‘falsos amigos’ dada por professores que ensinam línguas estrangeiras e chegou à conclusão de que, para a grande maioria dos docentes, esse fenômeno é percebido de modo simples e sem muitos questionamentos sobre o real motivo da discrepância semântica entre palavras que se escrevem ou soam iguais ou parecidas.

Assim, outros pesquisadores como Torijano Pérez (2008) segue categorizando os ‘falsos amigos’ à moda de outras teorias esboçadas anteriormente, e, para tanto, ele seleciona a temática em três categorias: os falsos amigos parciais - aqueles que com forma idêntica ou similar, mantêm os significados comuns e ainda acrescentam aos que já existem um ou outro significado; os falsos amigos de uso - aqueles vocábulos que possuem ortografia equivalente ou parecida com significado idêntico, porém não em seu uso pragmático-comunicativo e para os falsos amigos propriamente dito ele classifica como vocábulos que apresentam semelhança total ou parcial no significante, porém os sentidos ou significados não respondem ao conhecimento linguístico do falante em sua própria língua:

- Falsos amigos parciales: Palabras con forma idéntica o similar que además de mantener significados comunes, añaden a los existentes uno o varios, si bien tan solo en una de las dos lenguas.
- Falsos amigos de uso: Palabras de significante equivalente o parecido con significado idéntico pero no así su uso pragmático-comunicativo.
- Falsos amigos propiamente dichos: Palabras en las cuales existe una semejanza formal total o parcial, pero cuyos significados o sentidos no responden a los que el hablante conoce en su propia lengua.¹⁴

¹³ Apesar de, como dissemos, estes critérios prévios ao estabelecimento de uma tipologia que dê conta do problema proposto, e os que em seguida vamos resgatar, se referem quase que sistematicamente pela literatura científica ao uso de forma quase que unânime pelo que nos interessa na realidade - e não apenas para nós - é que estas precisões contribuam diferencialmente a nosso propósito, muito além de um simples documento descritivo. Para isso, retornaremos mais adiante, a modo de recapitulação, si bem, basta agora ressaltar que é de nosso interesse recordar a etimologia da palavra latina cognatum, referida por Sabino (2006) assim como a alusão feita por Vaz de Silva (2003) a respeito da natureza da suposta semelhança das vozes, seja esta atribuível a um feito de natureza fonética ou léxico – semântica (**Tradução nossa**).

¹⁴ Falsos amigos parciais: Palavras com forma idêntica ou semelhante, além de manter significados comuns, acrescentam aos já existentes um ou mais, embora apenas em uma das duas línguas (tradução nossa). Falsos amigos de uso: Palavras de significante equivalente ou semelhança com significado idêntico, mas não o seu uso pragmático-comunicativo. Falsos amigos propriamente ditos: Palavras em que há semelhança formal, total ou parcial, mas cujos significados ou sentidos não respondem ao que o falante conhece em sua própria língua (**Tradução nossa**).

Compactuando da mesma classificação no tocante a duas concepções dos ‘falsos amigos’ de Torijano Pérez (2008), Chacón Beltrán (2006) define os falsos amigos em duas categorias: os falsos amigos totais e os falsos amigos parciais. O primeiro tipo se refere aos que possuem o significado totalmente diferente nas duas línguas. Um dos exemplos mais clássicos que existem para demonstrar essa teoria é quando se alude a valores numéricos entre línguas diferentes: *dos bilhões* em espanhol, equivale a *um trilhão* em português. Já os ‘falsos amigos parciais’ são aqueles termos que em uma de suas acepções coincide com o sentido que o falante de LE possui em sua língua materna.

Já para a denominação ‘tipicamente’ nacional, Vita (2005) afirma que o termo heterossemântico está vinculado à gramática brasileira e que fora usado pela primeira vez por Nascentes (1934) na *Gramática para uso de Brasileiros* na qual o define como: “palavras semelhantes com sentidos diferentes. A partir de 1945, o termo acunhado por Nascentes ganhou ampla profusão através de Becker (1969 *apud* VITA, 2005) através do *Manual de Espanhol*.

Andrade Neta (2000, p.7), no entanto, define os heterossemânticos como fenômeno linguístico composto pelos ‘falsos amigos’ e pelos falsos cognatos:

Vocablos heterosemánticos. Este grupo se compone de los llamados falsos amigos o falsos cognados muy abundantes entre las dos lenguas y los más peligrosos, ya que pueden provocar interferencias más significativas en la comunicación. Los falsos amigos son vocablos idénticos o semejantes en su forma gráfica y/o fónica, pero que divergen parcial o totalmente en cuanto a su significado en ambas lenguas.¹⁵

Diante das teorias expostas, cabe, aqui, nesta primeira parte das investigações, elaborar um quadro-síntese contendo a definição do conceito dos *falsos cognatos* apresentado por cada autor acima citado:

¹⁵ Vocabulos Heterosemánticos. Este grupo é composto dos chamados falsos amigos ou falsos cognatos; eles são abundantes entre duas línguas e os mais perigosos, porque podem causar interferências mais significativas no momento da comunicação. Falsos amigos são palavras idênticas ou similares em sua forma gráfica e / ou fônica, mas divergem parcialmente ou completamente em seu significado em ambas as línguas (**Tradução nossa**).

Quadro 1 – Síntese dos conceitos e autores elencados

AUTOR	DENOMINAÇÃO	DEFINIÇÃO	TIPOLOGIA
KOESSLER E DEROQUINNY (1928)	Falsos Amigos	Palavras de mesma etimologia, com formas iguais ou parecidas, porém com sentido diferente.	port. - cachorro /kaʃóru/ esp. - cachorro /katʃóro/
VINAY E DARBALNET (1977)	Falsos Amigos	Palavras de mesma etimologia, com formas iguais ou similares, porém que difere em uma ou mais acepções.	port. – taça / tása/ esp. – taza / táθa/
CHUQUET E PARLLADIN (1987)	Falsos Amigos	Palavras que apresentam morfologia e fonologia iguais ou semelhantes de mesmo étimo ou não.	port. - coelho /koélu/ esp. – cuello /kuélo/
CRYSTAL (1991)	Falsos Amigos	Mesma origem, porém com sentido diferente.	port. - abatimento /abatiméNtu/ esp. - abatimiento /abatimiéNto/
BUGUEÑO MIRANDA (1999)	Falsos Amigos	Unidades de línguas diferentes de mesma base etimológica com significação diferente.	port. - apelido /apelídu/ esp. - apellido /apelído/
VAZ DE SILVA (2003)	Falsos Amigos	Mesma etimologia com significação diferente.	port. - saco /sáku/ esp. - saco / sáko/
MARTÍNEZ DE SOUZA (2003)	Falsos Amigos	Palavras com grafia e som parecidos e de mesma raiz etimológica com discrepância de sentido.	port. – tráfico /tráfiku/ esp. – /tráfico/
CHACÓN BELTRÁN (2006)	Falsos amigos totais;	Palavras que possuem significados diferentes;	port. - varal / varáL/

	Falsos amigos parciais.	Palavras que em uma de suas concepções coincide no significado.	esp. - varal /barál/
TORJANO PÉREZ(2008)	Falsos amigos parciais;	Palavras que possuem forma idêntica ou similar que especializam outros significados;	port.- vedar /vedáR/ esp. - vedar / bedáR/
	Falsos amigos de uso;	Palavras com ortografia similar, porém difere no uso;	
	Falsos amigos propriamente ditos	Palavras com semelhança total ou parcial com sentidos não correspondentes.	
MONTAÑO RODRIGUEZ (2009)	Falsos Amigos	Palavras que escreve ou soa igual, porém com sentidos diferentes.	port. - aceite / aséiti / esp. - aceite / aθéite/
VICENTE MASIP (2013)	Falsos amigos	Palavras equivalentes; Homônimas; Parônimas.	port. - vaso / vázu/ esp. - vaso /báso/
MIRANDA POZA (2014)	Falsos Amigos	Palavras que divergem ou coincidem em muitas de suas acepções.	port. - coberto / kubéRtu/ esp. - cubierto /kubiéRto/
PRADO (1989)	Verdadeiros Amigos	Mesma etimologia e com sentido idêntico	port. – vasilha /vasíla/ esp. – vasija / basíxa/
LEIVA (1994)	Falsos Cognatos	Palavras latinas diferentes; Palavras de única origem; Palavra de origem comum com mais de um significado; Palavras semelhantes	port. - esquisito /eSkizítu/ esp. - exquisito /eGkisító/

com origem e significado diferentes.			
SABINO (2006)	Cognatos Enganosos	Pares de léxicos de mesmo étimo com semelhança ortográfica e/ou fonológica que possuem sentidos diferentes.	port. - embaraço /eNbarásu/ esp. - embarazo /eNbaráθso/
ANDRADE NETA (2000)	Heterossemânticos	Fenômeno linguístico composto pelos falsos amigos e pelos falsos cognatos.	port. - vago / vágu/ esp. - vago / bágu/
VITA (2005)	Heterossemânticos	Palavras semelhantes com sentidos diferentes.	port. - vaga / vága/ esp. - vaga / bága/

3. CONTATO DE LÍNGUAS E INTERLÍNGUA

A teoria majoritária sobre o que seria atrito ou contato de línguas se baseia no fato de que a aquisição de uma L2 em um segundo momento da aprendizagem da L1 do aprendiz culmina em mudanças fonológicas léxicas e morfossintáticas. Esse inevitável contato, faz com que os aprendizes misturem as duas línguas e assim provoquem o surgimento de um terceiro código denominado por muitos estudiosos de *interlíngua*. Sendo assim, a interlíngua se configura como resultado da mistura de elementos linguísticos da língua nativa do aprendiz, como elementos da língua meta. Assim, quando se analisa essa produção linguística resultante da mescla dos dois sistemas, se verifica um fenômeno idiossincrático, isto é, com características particulares que nem corresponde à língua materna nem à língua meta desse aprendiz.

Portanto, neste capítulo em especial, trataremos de discutir as investigações desenvolvidas sobre o contato de língua e a produção de interlíngua sob a ótica da Linguística Moderna como suporte dos objetivos pretendidos.

3.1 Contato de línguas

Os romanos conquistaram a Península Ibérica no ano de 209 após séculos de resistências. Os povos que ali habitavam sofreram um processo de romanização que incluía um dos principais veículos de comunicação: a língua latina. Sabe-se que o latim na Península passou por várias modificações por causa de povos como os germânicos, alanos, suevos, vândalos, pireneus e visigodos que ali se instalaram por conta da causa da invasão (TEYSSIER, 2007). Deste modo, o latim escrito se manteve como língua culta e de prestígio, enquanto que o latim falado se fragmentou e mudou rapidamente dando origem a diversas línguas românicas na Península Ibérica. Basseto (2001) observa que essa fragmentação rápida foi determinada por fatores como o grau de latinização e ação dos substratos e superestratos, além das variações dialetais do próprio latim vulgar.

Oriundas do latim vulgar, a semelhança do perfil linguístico entre as línguas portuguesa e espanhola é evidente por causa da origem em comum de ambas e também por causa da influência do germânico e, em especial, do gótico e do árabe. Masip (2006) observa que o português e o espanhol não são línguas estrangeiras estritamente falando, senão duas variantes dialetais do latim que, por sua vez, pertencem ao grupo latino-falisco que provém do

tronco indo-europeu. Porém, inúmeros aspectos como a influência de diferentes variações do próprio latim provocaram diferenças entre as duas línguas. Diferenças essas que podem ser encontradas nos âmbitos fonético-fonológico, morfológico, semântico, lexical, ortográfico e sintático.

No tocante ao léxico, a proximidade entre as línguas é percebida de modo bastante significativo de acordo com as pesquisas que observam desde a perspectiva díspar que incide sobre o fenômeno dos falsos amigos português-espanhol. Para fundamentar essa hipótese, estudiosos como Millás (2012) e Francis (2010) têm como base as investigações de Durão (2002), quando afirmam que português e espanhol possuem 90% de igualdade léxica; desse montante, 60% é composto por cognatos idênticos e, cerca de 30% correspondem cognatos não idênticos. Já Ulsh (1971, *apud* ALMEIDA FILHO, 2001), que sempre manteve suas investigações em línguas geneticamente aparentadas, observa que a equivalência lexical compartilhada entre essas duas línguas, chega à média dos 85%. Por esse motivo, não cabe dúvidas de que no momento de inteiração entre as línguas enfrentadas, a produção de erros seja evidente, pois no transpasso das palavras da língua materna à língua estrangeira estendida pelo significante do português a um significado existente em espanhol, isso aconteça, porém com outra forma (DURÃO, 2002).

Diante dessa realidade, Almeida Filho (2001) defende a hipótese de que brasileiro, na verdade, é um falso aprendiz da língua espanhola por conta da semelhança lexical que existe entre as línguas envolvidas no processo. O léxico que é praticamente comum a ambas as línguas, gera uma vantagem imediata de comunicação já nas primeiras aulas de língua espanhola, porém, tal vantagem produz, na maioria das vezes, diversos desajustes semânticos. Esses desajustes incidem no fenômeno dos heterossemânticos, que termina por assombrar os aprendizes que de modo intuitivo e automático se apoiam em elementos linguísticos pré-existentes no momento da aquisição da língua meta. Goettenauer (2005) e Salinas (2005), asseguram, no entanto, que o apoio que vai desde o léxico até o uso das estruturas morfossintáticas, é um processo que deve ser tratado como um evento natural por que passa o falante de uma língua estrangeira durante o processo de aprendizagem.

A hipótese que sustenta os pressupostos da análise contrastiva entre os sistemas linguísticos, se baseia no estruturalismo que defende a relevância do distanciamento linguístico existente entre língua materna e língua meta do aprendiz. Portanto, a facilidade ou dificuldade de se adquirir um novo idioma, é diretamente proporcional à distância linguística existente entre eles. Porém, outras correntes teóricas que também tratam desse duelo

linguístico, afirmam que existe, sim, vantagem para os falantes nativos de língua portuguesa que iniciam o aprendizado da língua espanhola e que essa vantagem está diretamente relacionada ao fato de que ambas formam um elo linguístico neolatino.

Dessa forma, é possível perceber que tal vantagem, em certos momentos, se configura, na verdade, em um grande inconveniente no momento da aquisição para os aprendizes de línguas próximas:

la similitud entre las lenguas portuguesa y castellana es un inconveniente a la hora de aprender cualquiera de estos idiomas- lo que desmiente la creencia generalizada de la facilidad en la adquisición de la lengua española por parte de los hablantes de portugués y vice-versa.¹⁶ (NAVAS SANCHEZ- ELEZ, 1986, p.12).

O sentimento enganoso que leva o aprendiz a pensar que está em uma zona de conforto se configura, na verdade, em uma verdadeira armadilha, pois acredita que a similaridade da forma acarreta necessariamente a igualdade de sentido. Por isso, diante desse fato, urge a necessidade do professor de língua estrangeira de conhecer bem a estrutura linguística tanto da língua meta quanto da materna do aprendiz, para poder identificar, desde os primeiros instantes, as dificuldades, para que, a partir de então, utilize métodos que sejam de fato facilitadores e mais eficazes durante processo de aprendizagem.

E sobre a relação binária semelhante/diferente, Celada & González (2005 *apud* MIRANDA POZA, 2012) observam que o processo de aprendizagem da língua espanhola não deve ser centrado somente nos fatores convergentes e divergentes das línguas; antes, porém, se faz necessário relacionar tal atividade com a representação de mundo, de usos e de costumes. Ou seja, no processo de ensino-aprendizagem é preciso levar em consideração não apenas esse confronto linguístico, mas também o sujeito envolvido no mesmo. Esse sujeito, por estar inserido dentro de um determinado contexto que por sua vez apresenta uma disposição lógica, percebe o léxico como ferramenta disponível para satisfazer as necessidades específicas de comunicação.

Por perceber a grande semelhança linguística que existe entre a língua materna e a língua meta e que é possível entender e se comunicar já nos primeiros momentos de aquisição da língua espanhola, o brasileiro tende a nutrir um sentimento de domínio da nova língua, levando-o a utilizar o código interlinguístico sem normas e sem regras.

¹⁶ A semelhança entre as línguas portuguesa e espanhola é inconveniente quando aprender qualquer um desses idiomas desmente a crença generalizada de facilidade na aquisição da língua espanhola pelos falantes de português e vice-versa (**Tradução nossa**).

Desde o século passado, Lado (1973) já observava que todo falante que se dispõe a aprender outro código linguístico sem ser o materno, tende naturalmente não só a transferir para a língua meta estruturas linguísticas de sua língua, como também os hábitos dela adquiridos. Logo, em relação a línguas de mesma raiz etimológica, como é o caso do português e do espanhol, o linguista propõe que a perspectiva de análise contrastiva não se limite apenas na transferência de elementos linguísticos, mas também que se observe o modo como esse aprendiz faz uso dessa nova língua.

O referido autor ainda observa que a incidência da dificuldade só aparece nos pontos em que a língua materna diverge da língua meta, e, conseqüentemente, a facilidade incide nos pontos convergentes das duas línguas. Por esse motivo, chega a propor que a comparação linguística seja feita em todos os níveis:

Os elementos que forem similares à sua língua nativa serão simples para ele e os que forem diferentes serão difíceis. O professor que já tiver feito a comparação da língua estrangeira com a língua nativa saberá melhor quais são os problemas reais da aprendizagem e poderá melhor tomar medidas para ensiná-los (LADO, 1973, p. 15).

Analizando a hipótese defendida por Lado, é possível observar claramente que tanto a dificuldade quanto a facilidade por que passa um aprendiz é diretamente proporcional às diferenças e às semelhanças que existem entre os códigos linguísticos envolvidos no processo de ensino-aprendizagem. Do mesmo modo, Fialho (2005) também se posiciona a favor da proporcionalidade facilidade/semelhança, diferença/dificuldade no processo de aquisição da linguagem.

Mediante essa sistematização binária é possível asseverar, então, que todo falante do português está fadado a aprender espanhol com mais facilidade? Miranda Poza (2014) parece não compactuar desse posicionamento teórico, pois além de referir-se à suposta facilidade como um modo deficiente de comunicação, ainda observa que as maiores dificuldades por que passa um lusófono que aprende espanhol incide com mais intensidade na escrita do que na oralidade.

No entanto, sobre o grau de facilidade/dificuldade, Widdowson (1973) já havia preconizado no século anterior, através do modelo de base ideológica comunicativa, que não se podem separar as implicações que envolvem o aprendizado da língua oral da escrita. Diferentemente de Miranda Poza (2014), ele não faz juízo de valor entre a competência oral e escrita, pois considera que tanto uma quanto a outra estão no mesmo patamar de dificuldade, e que, portanto, a importância que cada uma das modalidades dispõe dentro desse processo não pode ser classificada como mais ou menos complexa.

E, diante do resultado das equivalências propostas é possível perceber que a incidência do parecido ou semelhança é muito mais acusada entre o espanhol e o português do que as diferenças. Essa realidade, no entanto, gera no aprendiz uma sensação enganosa de domínio linguístico por causa da instantaneidade que se produz a língua meta. A rapidez de “domínio”, por sua vez, leva esse aprendiz a não se entregar com afinco às orientações que regulam esse novo código linguístico tanto no âmbito escrito quanto no âmbito oral, provocando assim um “relaxamento” que decorre da grande incidência de elementos da língua materna na produção desse novo código. O resultado da hibridização de todos esses elementos se evidencia na produção de erros que se fossilizam e se perpetuam, muitas vezes, até a forma final da proficiência linguística, originando, dessa forma, uma língua intermediária que é comumente conhecida como “portunhol” (ALMEIDA FILHO, 2001).

3.2 Interlíngua

A proximidade tipológica entre o português e espanhol é percebida, por muitos estudiosos, como benéfica no estágio inicial de aprendizagem, mas que em níveis mais avançados termina por gerar sérios problemas no tocante à proficiência deste novo código adquirido.

Como já abordamos ao longo do trabalho, esse fenômeno é explicado por causa da grande semelhança entre duas línguas que possuem o mesmo tronco latino. Porém, no momento em que o aprendiz avança, o grau de dificuldade tende a aumentar e conseqüentemente a incidência de erros vai se tornando ainda mais evidente, culminando, assim, em uma produção interlinguística fruto da fossilização de erros recorrentes nesse processo.

Diante desse fato, a Linguística Aplicada, através de suas pesquisas e avanços, vem desenvolvendo, ao longo da história, estudos relacionados à interlíngua e a ocorrência fossilizada desses erros.

Para nossas investigações, cabe enfatizar as pesquisas realizadas a partir da década de 60 - período em que a concepção da produção “errônea” dos aprendizes deixou de ter conotação negativa e passou a ser vista como parte integrante do processo de aprendizagem da nova língua. A produção linguística cheia de imperfeições e de falhas passou a ser considerada fruto de uma realização da linguagem humana criativa, desenvolvida pelo aprendiz a partir de uma lógica sistemática e não a partir de uma produção aleatória. Dessa

forma, a concepção do que seriam erros na fase inicial da aquisição linguística passou a ser visto como um processo onde a combinação de fatores se tornou válido, configurando-se em tentativas de acertos rumo ao sistema utilizado pelos nativos.

Hoje, a visão sobre esse tema já não se limita à conceituação do positivo e do negativo, visto que a tarefa atual dos estudiosos tende a incidir na explicação pela qual se transfere elementos da L1 para a L2. E na tentativa de responder o porquê das interferências e da fossilização, surgem tendências teóricas de cunho condutivista e cognitivista.

Antes de seguirmos analisando as teorias sobre o processo interlinguístico por que passa um aprendiz de uma L2, é necessário observar também alguns postulados sobre a aquisição da L1 e os mecanismos que envolvem tal processo.

Para abordar a aprendizagem da L1, primeiramente se faz necessário observar que se trata de um mecanismo portador de obstáculos que devem ser superados ainda na infância para que o desenvolvimento linguístico seja fecundo na fase adulta. Crystal (1981) distingue quatro etapas do desenvolvimento e aquisição da linguagem pela qual passa uma criança: pré-linguagem, primeiro desenvolvimento sintático, expansão gramatical e últimas aquisições. Assim, a consumação da apreensão linguística como atributo biológico da espécie humana, ocorre de modo pleno entre os 4 a 5 anos de idade. Sendo assim, é importante salientar que a partir desse momento a capacidade de absorção tanto da língua materna quanto da língua meta cai drasticamente, fazendo com que o indivíduo já não apresente mais tanta eficácia no desempenho. No que se refere à língua meta, passados dos quatorze anos de idade tal aprendizagem é ainda mais sofrida, pois se manifesta ainda mais truculenta e cheia de lacunas (ALONSO- CORTÉS, 1989).

Sobre a condição de produção da língua L1 e L2, Miranda Poza (2014) conclui que certos fatores fisiológicos são, na verdade, resultantes do processo biológico imbricado no processo da aquisição da linguagem. Assim, os mecanismos que regem a aquisição da primeira língua, jamais podem ser os mesmos que orquestram a apreensão da segunda. Para asseverar tal hipótese, o linguista observa que desde as obras clássicas, tanto a didática quanto a metodologia para aquisição dessas línguas são percebidas como atividades diferentes. Segundo ele, tais obras defendem a idade, a fossilização e a transferência como fator decisivo no ato de apreensão de um código linguístico.

Enquanto Chomsky (1981) defende, através da teoria inatista, que toda criança nasce com um dispositivo próprio para aquisição da linguagem herdado geneticamente – todo ser humano ao nascer, já possui uma Gramática Universal (GU) inata, que com o passar do tempo

vai sendo aprimorada por causa da convivência com os adultos – Selinker (1972) observa que as manifestações linguísticas partem de operações psicológicas específicas que orquestram tanto o desenvolvimento da língua materna quanto da meta.

Partindo desse pressuposto, Selinker (1972) denominou de interlíngua o sistema linguístico produzido pelo aprendiz na tentativa de produzir a língua meta. Objetivando explicar o porquê da interferência, direcionou seu olhar a perceber quais fatores psicológicos estão imbricados e são relevantes no momento de aprendizagem de uma língua estrangeira. Para o referido pesquisador, o processo de aquisição de uma língua estrangeira apresenta uma estrutura psicológica diferente da estrutura latente responsável pela aprendizagem da língua nativa. Desse modo, é natural que diante da possibilidade da realização de uma nova língua, intuitivamente, o falante se utilize da estrutura latente para produção da língua estrangeira, e, na tentativa de produzir o mesmo significado, termine produzindo um resultado diferente da língua meta.

Através desse modelo de percepção da aprendizagem, ele afirma que existe um dispositivo psicológico que dispara automaticamente quando o indivíduo é exposto à aquisição de uma L2. Logo, essa segunda língua produzida nessas condições não é executada sob as mesmas condições da língua meta, já que as operações que entram em ação na L1 e na L2, no momento da aprendizagem, são diferentes, e, portanto, o resultado desse processo também é diferente. Assim, a língua que se evidencia desde os primeiros momentos da aprendizagem, se configura para Selinker (1972) como interlíngua, já que se trata de uma produção intermediária que possui elementos tanto da língua materna do aprendiz quanto da língua meta.

Nemser (1971) diferentemente de Selinker, faz uso do termo *sistema aproximativo* e ressalta a criação de sistemas linguísticos que se aproximam gradativamente da língua-alvo e que apresentam variações de acordo com o nível de domínio, experiência e aptidões pessoais de aprendizagem.

Já Corder (1971), em princípio, utiliza o termo *dialeto transitório* para caracterizar a produção típica do aprendiz que tanto partilha elementos da língua meta quanto de sua língua materna. No entanto, a posteriori, o mesmo autor faz uso do termo *idiossincrático* para referir-se ao fenômeno de natureza transitória e instável, pois o conjunto de regras que rege essa nova formação linguística não pertence a nenhum dialeto social, senão, ao próprio falante.

Em relação à aprendizagem formal, Selinker (1972) considera duas importantes razões para a produção da interlíngua nesse contexto. Para ele, um dos grandes vilões da produção

interlinguística nesse seguimento, se deve à pobreza de estímulo dos alunos aprendizes em sala de aula. A outra razão para tal produção estaria diretamente relacionada ao material didático utilizado como apoio nas aulas de L2, pois, na maioria das vezes, é inadequado para tal fim e culmina por direcionar esse aluno a uma produção linguística inadequada.

Ainda sobre o advento da fossilização, o mesmo autor opina que tal produção linguística, além de apresentar regras e subsistemas conservados pelos aprendizes de sua língua materna, não possui qualquer relação com a faixa etária e o nível de conhecimento que se tenha da língua meta, ou seja, a presença da produção linguística intermediária não é característico somente dos momentos iniciais de aprendizagem, antes, porém, é percebida em todo e quaisquer níveis de aprendizagem.

Já Lombello (1983), de modo bem mais simples e objetivo, define o fenômeno da interlíngua como um processo intermediário de produção linguística do aprendiz rumo à língua alvo.

Almeida Filho (2006), no entanto, observa que o evento interlinguístico por que passa o aprendiz é um processo natural e até certo ponto esperado; o problema incidente nesta fase, é que muitas vezes o aprendiz não consegue superar os obstáculos iniciais da aprendizagem e termina por fossilizar o erro, que reverbera até os níveis mais avançados da produção da língua meta. O mesmo autor ainda segue explicando que a extrema semelhança entre os sistemas leva os alunos, em um primeiro momento, a perceberem que o português e o espanhol são variantes dialetais, e que por isso, no momento da aprendizagem, existe quase que um apagamento das diferenças, e que como consequência desse processo, acabam manifestando uma excessiva confiança por causa da relativa “facilidade” que, por sua vez, traz grandes benefícios se comparado a aprendizes de línguas que não possuem a mesma raiz etimológica. Sendo assim, a posição de aprendiz principiante desaparece e termina proporcionando à produção intermediária denominada *portunhol*.

Inebriado com a sensação que a aquisição rápida provoca, esse aprendiz relaxa e entra em um período crítico de aprendizagem do novo idioma com o passar do tempo, pois em estágios mais avançados se dá conta que o parecido ou similar muitas vezes mais atrapalha do que ajuda. Dessa forma, esse aprendiz começa a emitir sinais de cansaço e de lentidão no período a produção da interlíngua chegando até mesmo a não avançar em direção a níveis mais complexos, caindo, desta maneira, na triste estatística que atinge a grande maioria dos aprendizes de línguas aparentadas e de contato (ALMEIDA FILHO, 2006).

A interlíngua, por ser fenômeno recorrente na fala de um aprendiz, é caracterizada sempre pelo não domínio do falante da língua meta. Porém, o interessante é que embora não possua características necessárias de uma realização aos moldes de um nativo, essa produção ao mesmo tempo em que é deficiente, é também um meio que ameniza de imediato os problemas de comunicação. Essa tensão só é passível de acontecer por causa da procedência genética das línguas e porque compartilham a mesma geografia, reavivando exponencialmente o fenômeno interlinguístico (MIRANDA POZA, 2014).

Para Santos Gargallo (1993) o processo de aquisição linguística é composto de etapas sucessivas, nas quais cada uma delas vai se modificando e se incrementando de acordo com o conhecimento adquirido pelo estudante. A pesquisadora ainda observa que, na produção do novo código linguístico, o estudante apresenta características particulares que é perfeitamente reconhecível pelo nativo, mesmo apresentando distanciamento da norma linguística da língua meta:

Postula-se que o estudante no momento em que inicia o processo de aprendizagem de uma segunda língua, começa a desenvolver etapas sucessivas de aproximação à língua meta, cada uma das quais constitui um nível de competência em uma progressão que se incrementa. Estes níveis de competência vão se modificando conforme o estudante adquire novas estruturas e vocabulário, mas este novo material utilizável com objetivos comunicativos apresenta certas idiossincrasias que o afastam da norma linguística, ainda que siga sendo reconhecível para um falante nativo. As idiossincrasias se devem a diferentes razões e caracterizam de forma individual a língua de cada estudante. Esta língua, apesar de ser diferente em cada estudante, apresentará características de intersecção em estudantes com uma preparação acadêmica similar e idêntica língua nativa (SANTOS GARGALLO, 1993 *apud* ANDRADE, 2000, p. 48).

Como um dos primeiros a observar que os erros realizados não se configuram em um evento negativo, mas sim num acontecimento de grande relevância no processo de ensino-aprendizagem de uma língua estrangeira, Corder (1971) levanta a hipótese de que os equívocos são elementos valiosos tanto para o aprendiz quanto para o professor, pois podem funcionar como identificador das dificuldades, e, conseqüentemente, também como norteador dos materiais didáticos produzidos, servindo de modo mais específico às necessidades reais do aprendiz.

Já Baralo (1996) postula que a interlíngua, por ser resultado da mescla de elementos de duas línguas, caracteriza-se como erro que pode se materializar nos mais variados contextos da produção linguística. Esses erros, quando reaparecem em estágios já ultrapassados configura-se como recorrência maléfica à evolução da aprendizagem do novo idioma, sendo, portanto, em uma fossilização linguística.

Sobre a fossilização, Ferreira (2001) adverte que é urgente que professores e alunos lusófonos tenham em mente a importância de se “delimitar fronteiras” entre essas línguas. Assim, a consciência “fronteiriça” no aprendiz implica em grande responsabilidade, pois uma vez que houve a delimitação linguística entre os idiomas, a atenção para com os problemas que o fenômeno da interlíngua traz, tanto contribui significativamente para os avanços da língua meta, quanto para a não fossilização dos erros.

Compactuando da mesma perspectiva de Ferreira (2002), a Geografia Linguística também verifica que a proximidade geográfica é um dos principais responsáveis pelo agravo e aparecimento da interlíngua, fenômeno ao qual se refere Weinrich (1974) como *contato de línguas*.

Miranda Poza (2014) porém, adverte que, além dos fatores supracitados na produção da interlíngua no processo de aprendizagem de línguas aparentadas, é preciso também levar em conta fatores interpessoais e intrapessoais dos indivíduos envolvidos, pois a língua é muito mais que formas e funções. Faz-se necessário abranger, também, dentro do que já fora observado, o aprendiz como um ser social que se encontra histórica e ideologicamente situado. Assim, não se pode separar linguagem e pensamento, pois ambas se completam e exercem funções cognitivas e comunicativas inseparáveis. Sob essa ótica, é preciso reconhecer que não existe a possibilidade de separar os aspectos linguísticos e o sentido que os rodeia e os materializa. Assim, a aquisição de uma nova língua é algo que acontece à medida que o sujeito está exposto a tal atividade mediante uma ambientação adequada para esse desenvolvimento.

Fiorin (1990) também advoga que a linguagem, além de ser um produto social, é gerador de imagens de mundo e que a construção dos sistemas linguísticos vai ganhando forma e força em relação às formações ideológicas. Portanto, é perfeitamente natural, nessa rede discursiva, que o componente semântico do discurso seja diretamente afetado pelos fatores sociais, evidenciando, portanto, que a formação ideológica do sujeito está diretamente ligada à materialidade da linguagem em forma de texto.

Nesse contexto, o falante crê, por questões análogas, estar em contato diretamente com o que lhe parece comum ou similar, e termina por criar de modo espontâneo e natural um código linguístico intermediário entre a língua materna e a língua estrangeira, acarretando assim problemas de comunicação e de interação.

O homem, por ser pensante, é incapaz de realizar o pensamento sem a presença do signo; logo, se reconhece que tal atividade é de natureza primordialmente humana. Portanto, a

linguagem se configura como elemento mediador entre o ser humano e o mundo, servindo para representar a realidade por meio dos sentidos que se materializam através do significante. Por conseguinte, a possibilidade de se falsificar mensagens é perfeitamente possível de realização, já que o significado não tem qualquer vínculo obrigatório com o significante que o abriga.

E nesse conflito, surge o portunhol, como materialização de uma mistura imbricada de elementos linguísticos, o que na visão de muitos, é advindo de diversas tentativas ou de desvio linguísticos.

Código sem prestígio por não apresentar regras gramaticais e lei, o portunhol apresenta um estigma negativo pelo simples fato de ser o código linguístico representante dos aprendizes que durante o processo de aquisição se especializam na mescla de regras das línguas envolvidas. Com isso, a distorção de sentido é evidente e incide na materialização de um dos problemas mais acusados de intercomunicação que a interlíngua provoca: o fenômeno dos ‘falsos amigos’.

O fenômeno interlinguístico por constituir-se como ferramenta facilitadora, termina provocando o surgimento de uma língua que não se limita apenas ao contexto de ensino-aprendizagem de acordo com Miranda Poza (2014, p.23). O autor nos adverte de que o surgimento de tal código pode aparecer também em outros contextos. Para asseverar tal perspectiva, ele apresenta três possibilidades e conceitos referentes à possibilidade de realização e de denominação do portunhol:

- Portuñol entendido como interlengua desde la perspectiva específica del aprendizaje de una segunda lengua, esto es, como un momento necesario del proceso que transcurre el aprendiente y con sus correspondientes repercusiones en el ámbito de los procesos de enseñanza-aprendizaje de lenguas (segundas).
- Portuñol entendido como aparición de un idioleto o habla – tal vez, preferible a la denominación lengua – espontáneo de intercambio comunicativo que se produce cuando no se posee pleno dominio de las dos lenguas en contacto, en el seno del propio individuo, que inserta inconscientemente términos o expresiones de L1 y L 2.

- Portuñol entendido como un tipo de lengua pidgin/sabir, que mezcla elementos de otras dos zonas fronterizas, y que llega a convertirse en criolla desde la perspectiva del uso, lo que conlleva un cierto tipo de normativización.¹⁷

Na primeira perspectiva, Miranda Poza (2014) compreende a produção portunhol como um processo natural dos falantes no momento de aquisição da língua alvo. Na segunda perspectiva, e fora do contexto ensino-aprendizagem, o referido autor entende o portunhol como um idioleto¹⁸ que se realiza numa produção espontânea em um momento de interação entre falantes que não possuem domínio das línguas que estão em contato e que, por conta disso, o indivíduo, por falta de aporte linguístico, termina por inserir inconscientemente termos da língua materna na língua meta. Na terceira e última concepção, o portunhol é visto como um tipo de língua que mescla elementos de outras línguas por conta da proximidade geográfica, chegando até mesmo a converter-se em uma língua crioula¹⁹ na perspectiva pragmática, chegando até a algum tipo de normatização.

Ferreira (2001), de modo mais simples e resumido, compreende o fenômeno do portunhol como uma produção linguística intermediária de um falante de espanhol ao tentar falar português e vice-versa.

Gadotti (1992) se refere ao portunhol como sendo produto resultante da semelhança linguística existente na América Latina entre o português e o espanhol e também pelo fato de se tratar de variantes de uma mesma língua.

Outros estudiosos, também percebem essa variação linguística como resultado da variedade do português em regiões limítrofes com países hispano falantes e também como fenômeno absolutamente natural: “a presença dessa variedade do Português na fronteira do Brasil com os países de fala hispânica é vista pelos linguistas como um fenômeno

¹⁷ Portunhol tratado como interlinguagem do ponto de vista específico de aprendizagem de uma segunda língua, isto é, como um momento necessário do processo que transcorre o aprendiz e seu impacto correspondente no âmbito do ensino-aprendizagem de línguas (segundas). **(Tradução nossa)**

Portunhol tratado como aparição de um idioleto ou fala – talvez preferível à denominação da língua - troca comunicativa espontânea que ocorre quando não se possui pleno domínio total de duas línguas em contato, dentro do próprio indivíduo, que insere inconscientemente termos ou expressões de L1 e L2 **(Tradução nossa)**. Portunhol entendido como uma espécie de língua pidgin / sabir, que mistura elementos de duas outras áreas fronterizas, chegando a converter-se em crioula a partir da perspectiva de uso, o que acarreta algum tipo de padronização **(Tradução nossa)**.

¹⁸ É a variação de uma língua particular de um indivíduo. Ela se manifesta através de escolhas linguísticas feitas por cada indivíduo de uma determinada comunidade. Cada indivíduo tem um idioleto; a combinação de frases e de palavras é única.

¹⁹ É uma língua natural que se distingue das demais por conta do processo de formação, de sua relação com a língua de prestígio e por causa de algumas particularidades gramaticais. Uma língua crioula não é considerada uma língua natural, mas apenas um sistema de comunicação rudimentar, alinhavado por pessoas que falam línguas diferentes e que precisam comunicar.

absolutamente natural e historicamente justificável” Elizaincin (1993, *apud* ALMEIDA FILHO, 2001, p. 40).

Já sob a perspectiva antropológica, o *espanhol selvagem* - denominação utilizada por muitos escritores para representar a língua nascida na fronteira entre Brasil e Paraguai - surge como produção de uma nova língua com conotação truculenta e tosca.

Sem status, regras e/ou beleza, o portunhol é visto como veículo de comunicação que circula livremente entre as pessoas simples:

U portunhol selbaje es la língua falada en la frontera du Brasil, com u Paraguai por la gente simples. Es la lengua de las putas que de noite vendem seus sexos en la linha de la frontera. Es una lengua bizarra, transfronteiriza, rupestre, feia, bella diferente. (DIEGUES *apud* COLOMBO, 2007).

No entanto, há quem defenda o portunhol como uma “nova língua” que está em gestação ou quase nascendo e que a troca de linguagem proporcionada por esse novo veículo de comunicação não deve ser impedida. Em um fórum social em 2001, o então ministro Gilberto Gil se pronunciou a favor do portunhol durante uma conferência da América do Sul: Integração, Soberania e Desenvolvimento, no 5º Fórum Mundial, em Porto Alegre: "Tem de deixar fluir, sem preconceitos. Não deixar fluir é impedir os fluxos das trocas das linguagens e dos entendimentos que se dão dessa forma". E prossegue defendendo que a nova língua é uma expressão natural dos povos da América do Sul:

O portunhol é uma manifestação espontânea, natural, vinda dos corpos e das almas culturais dos nossos povos. Nós precisamos nos entender, não sabemos um a língua do outro e temos, ao mesmo tempo, certos resíduos das línguas do português entre eles e do espanhol entre nós, o que nos propicia falar palavras. [...] temos trocas, uma comunicação histórica que, ainda que incipiente, vem sendo feita ao longo desses anos e que propiciou exatamente o fato que tenhamos que falar um pouco as duas línguas, e isso criou uma outra língua que é uma mistura das outras duas, o portunhol (CRISTALDO, 2005, p.1).

O então ministro da Cultura, em defesa da ‘nova língua’ se refere ao portunhol como código necessário ao entendimento entre povos diferentes:

O brasileiro diz 'Yo quiero falar con usted', embora não se lembre do hablar, mas lembra que usted significa você. E o argentino vai entender quando ele falar isso. A mesma coisa quando o argentino chega aqui e diz 'Yo quiero hablar con você'. É a mesma coisa e é assim que nasce a língua e o entendimento (CRISTALDO, 2005, p.1).

Gilberto Gil ao observar a nova língua como uma realização natural de comunicação ainda defende que não há necessidade de normatização gramatical para o novo idioma, pois

percebe o português como língua das ruas, dos hotéis, dos hotéis, dos estádios e do futebol: "Deixa a língua nascer, crescer, deixa ela no léxico natural, na gramática natural. Ela é uma língua livre e precisa ser uma língua livre" (CRISTALDO, 2005, p.1).

Diante das diversas opiniões e teorias, urge, em um contexto de ensino-aprendizagem, que o professor de línguas estrangeiras - e é aqui que incide a colaboração de nosso trabalho aos docentes de língua espanhola - conheça bem as normas reguladoras das estruturas linguísticas tanto de sua língua materna quanto da língua estrangeira de que ele é professor, para identificar os reais problemas de compreensão e as dificuldades porque passam os aprendizes:

Un profesor de lengua, y, en especial, un de lenguas extranjeras, no puede reducir su papel al mero animador cultural. Un profesor debe conocer los mecanismos que regulan la gramática (la de su propia lengua – especialmente si, además, es la lengua de comunicación de - , y también, de la lengua extranjera de la que es profesor). Sólo así le será posible detectar, desde el principio, los problemas reales de comprensión y las dificultades que van aparecer en el proceso de aprendizaje, lo que va a situarlo en la disposición de proporcionar y utilizar los mejores métodos y estrategias para culminar con éxito la asimilación y la adquisición de la lengua meta por parte del aprendiz. (BUGUEÑO MIRANDA, 1998, p. 22-23)²⁰.

Como bem já advertia Miranda Poza (2012), em relação à formação dos professores de língua espanhola no Brasil no artigo *La universidad ante los desafíos de la enseñanza de español en Brasil*, é preciso que além das questões ligadas a prática em si, deve-se observar também a formação dos professores de língua espanhola, sobretudo a dos formadores universitários que não devem limitar-se a conhecimentos linguísticos superficiais, ao contrário, devem aprofundar os conhecimentos através de um estudo reflexivo sobre a língua.

No caso do ensino-aprendizagem de língua espanhola para brasileiros especificamente, no que se refere ao problema de interferência linguística, é necessário que se tenha o discernimento de que se trata de uma realidade que vai muito mais além da estrutura da língua em si, o que requer, portanto, por parte das investigações, uma atenção especial quanto ao uso e à representação de mundo do aprendiz, já que é praticamente impossível a imparcialidade diante do contato de línguas geneticamente aparentadas (LADO, 1973).

²⁰ Um professor de línguas, em especial o de uma língua estrangeira, não pode reduzir seu papel ao de mero animador cultural. Um professor deve conhecer os mecanismos que regulam a gramática (de sua própria língua - especialmente se, além disso, é a língua de comunicação - e também, língua estrangeira que ensina). Só então será possível detectar, desde o início, os problemas reais da compreensão e dificuldades que aparecem no processo de aprendizagem, o que termina por situá-lo na disposição de proporcionar e utilizar os melhores métodos e estratégias para concluir com êxito a assimilação e a aquisição da língua-alvo por parte do aprendiz. (Tradução nossa).

Assim, o problema que incide o fenômeno dos falsos cognatos, vai muito mais além de gracejos e das famosas listas gigantescas de palavras com seus significados, traduções nos materiais didáticos e análises superficiais. Antes, porém, se faz necessário que o professor, em especial, seja consciente das reais condições de produção do equívoco semântico no momento do transpasso de uma língua geneticamente aparentada a outra. (MIRANDA POZA, 2014).

4. A NATUREZA DO SIGNO LINGUÍSTICO

Desde a antiguidade, os filósofos gregos já discutiam se o que regia a língua era a “natureza” ou a “convenção”. A análise da oposição entre esses dois conceitos era lugar comum das indagações filosóficas. Assegurar que uma determinada instituição era natural e imutável era considerá-la um evento exterior ao homem, porém se a convenção fosse um ato interno, fruto da opção humana, esse ato podia ser perfeitamente violado pelos homens (LYONS, 1979).

O interesse pela linguagem é muito antigo, já que os primeiros estudos remontam ao século IV a.C. O impulso dado para se desvendar os mistérios que envolvem os processos linguísticos, se deu a partir de motivações religiosas que levaram os hindus a desenvolverem técnicas fonéticas para que os textos sagrados reunidos no Veda não sofressem alterações no momento de serem pronunciados em alta voz (WEEDWOOD, 2002).

Os gregos se dedicaram a averiguar as relações entre conceito e palavra. Isso pode se ver claramente no *Crátilo*, onde Platão discute com outros filósofos se havia de fato uma relação necessária entre palavra e seu significado. Crátilo, um dos interlocutores, sustenta a tese que a língua é o retrato do mundo; o outro interlocutor, Hermógenes, defende o pressuposto da arbitrariedade linguística; Sócrates, a terceira voz presente no diálogo, representa a instância intermediária entre a língua como espelho do mundo e entre a língua como instituição arbitrária (WEEDWOOD, 2002).

A teoria platônica sobre a linguagem está organizada de modo que é possível fazermos uma analogia à teoria do signo linguístico. De acordo com Chaui (1994), foi em Platão que se teve a base de separação entre o sensível e o inteligível. Segundo os postulados platônicos a teoria do conhecimento se organiza de acordo com os seguintes elementos: nome, definição, imagem, conhecimento, objeto em si.

Chaui (2001) advoga que não há clareza nas explicações platônicas entre os seguimentos identificados, nem se há hierarquia entre eles. Porém, tal identificação nos deixa claro que existe uma grande semelhança entre essas explicações e a teoria do signo linguístico.

Ainda que tenha sido Platão quem observou que a relação entre palavras e coisas se dava de forma indireta, foi Aristóteles o primeiro grego a distinguir as duas faces do signo: *significante* e *significado*. Ele não somente observou a sequência de sons como também o

sentido que estava atrelado ao signo. Essa dualidade foi ainda mais reforçada pelo filósofo grego quando definiu a palavra (rhema) como um som que possui tanto um significado particular como também uma referência no tempo.

Para os postulados aristotélicos, nenhuma de suas partes tem significado em si mesma; antes, é preciso que as partes estejam unidas para que se configure em signo, já que não somente considera a bilateralidade de um signo como portador de uma sequência de sons, como também observa que o significado que está associado a tal sequência é de caráter arbitrário, ou seja, entre som e significado não há nenhuma relação coerciva.

A exemplo de Platão, o filósofo grego interpõe entre as palavras e os objetos a representação e faz da linguagem a representação da representação. Porém, diferentemente daquele, este percebe a linguagem colada no pensamento e nos objetos. Se por um lado a linguagem não é um instrumento heterogêneo à matéria referida, por outro, ela se configura como a representação do objeto que se refere. Aristóteles, além de perceber a existência das partes constitutivas do signo, ousou também definir que o rhema é um som que não somente leva um significado particular, mas também algo que tem referência no tempo em que se realiza.

Os estoicos, opositores da concepção dualista do signo, observaram a presença de um terceiro elemento constitutivo da linguagem: o objeto ou referente. Para eles, haviam três elementos importantes que compunham essencialmente a linguagem: o símbolo (semainon), o signo (semainomenon) que constituiria a parte material da linguagem e o significado (lekton), que se configura no significado propriamente dito.

A linguagem, no entanto, não só foi alvo de investigação filosófica. Biólogos também se deixaram levar, nos últimos anos, pelo fascínio dessa produção humana. Deacon (1998), um biólogo de Harvard especialista em neurofisiologia, publicou sobre a essência da linguagem. Nessa obra, o referido biólogo, assegura que a linguagem só se fundamenta porque é constituída por signos referenciais, e entende também que o signo linguístico é uma associação convencional arbitrária que está vinculada aos sons. O mesmo pesquisador ainda entende que a linguagem é de natureza social e que a existência de contrato entre as partes é o que contém o signo linguístico. Assim, a linguagem é uma forma de contrato de ato público, já que ambas as partes se comprometem.

Nesse raciocínio, Deacon vai de encontro a Chomsky (1981) que defende a linguagem como resultado de uma manifestação inata do ser humano e não fruto de relações sociais.

Para os postulados chomskyanos, a apreensão da linguagem não se trata de um processo aquisitivo externo ou de um contrato social, mas sim que parte de uma gramática universal inata ao próprio ser humano. Essa gramática permite selecionar a língua que uma criança recebe em seus primeiros dias de vida. Através da teoria inatista, Chomsky (1981) fundamenta sua proposta saindo em defesa da existência de uma gramática universal internalizada no ser humano, para explicar a rapidez com que uma criança domina um sistema linguístico sem uma aprendizagem explícita.

Alonso-Cortés (1989), no entanto, entende que a linguagem gira em torno de dois eixos: o da forma e o da função. As formas se caracterizam como um conjunto de propriedades estruturais abstratas que se configuram independentes do significado e seu valor comunicativo. Já para a função, adverte que a linguagem se caracteriza como conjunto diverso de propriedades semióticas que se unem à forma para a realização da finalidade comunicativa.

Já para o signo, Alonso-Cortés entende que é conveniente distinguir entre as coisas e a atividade verbal existente entre um falante e um ouvinte que no exercício dessa prática é capaz de relacionar as coisas através da mente. Tal atividade é, portanto, característica inata do ser humano. Logo, palavras não são coisas. Os signos significam ou apresentam significados quando um falante se utiliza dele para fazer referências às coisas através de um processo mental.

Através do parecer lógico do teórico norte-americano Peirce (2000), o signo configura-se como algo que tem uma representatividade para alguém em um contexto particular. O signo (*representamen*) é capaz de criar na mente de alguém outro signo que Peirce chama de signo *interpretante do primeiro*. Os sons de c-a-s-a, por exemplo, representam outros signos que também contém a ideia de *moradia, lar, habitação*. Ou seja, a essência da teoria peirciana é destacar que para todo signo existe outro interpretante por meio do qual se possa definir o objeto referido, mantendo desta forma, uma rede de associação entre eles, haja vista que nenhum deles tem significação completa em si mesmo:

Um signo, ou *representamen*, é aquilo que, sob certo aspecto ou modo representa algo para alguém. Dirige-se a alguém, isto é, cria, na mente dessa pessoa, um signo equivalente, ou talvez um signo mais desenvolvido. Ao signo assim criado denomino *interpretante do primeiro* signo. O signo representa alguma coisa, seu *objeto*. Representa esse objeto não em todos os aspectos, mas com referência a um tipo de idéia que eu, por vezes, denominei *fundamento* do representâmen. (PEIRCE, 2000, p.46).

Por configurar-se em uma atividade mental, a semiose é definida como atividade característica da capacidade humana que se inicia com a transformação do mundo físico. O

fenômeno apreendido se transforma em um mundo mental, onde se evidencia seu caráter de natureza simbólica, ou seja, em um sistema semiótico.

A sistematização semiótica observada por Peirce (2000) evidencia as relações abstratas e lógicas que existem no fundamento do signo. Assim como os estoicos que percebem a linguagem através de um composto tridimensional, o postulado peirciano também aponta três fenômenos que correlatam a identidade sgnica: o signo, o objeto e o representante. Entre eles há uma relação de interdependência, pois a existência de um dos elementos pressupõe a presença do outro. O signo, na verdade, se caracteriza pela movimentação e pela inter-relação lógica entre as partes envolvidas, caracterizando assim em um crescimento e em uma evolução imbricada entre as partes.

Peirce divide o estudo dos signos em diferentes ramos com o objetivo de analisá-lo. A primeira tricotomia percebe o signo funcionando como referência ao meio, a segunda refere-se às relações que o signo tem com seu objeto e a terceira, se refere às relações entre o signo e seu interpretante.

Para o referido linguista, a primeira tricotomia é aquela em que o signo funciona com referência ao meio, e, portanto, está dividida em três partes sequenciais denominadas de: *quali-signo*, *sin-signo* e *legi-signo*. O *quali-signo* se refere aos aspectos qualitativos do signo, pois quando se muda a dimensão de um dado signo, conseqüentemente ele sofre alterações e passa a ser um novo signo. O *sin-signo*, no entanto, apresenta permanência no tempo e no espaço, pois além de desfrutar de regulamentos próprios para organização e significação, apresenta também características particulares e autonomia. Já *legi-signo*, é o signo empregado de acordo com as normas que o regem em um dado espaço e em um dado tempo.

Para a segunda tricotomia, Peirce denomina o signo como *ícone*, *índice* ou *símbolo*. O ícone se configura como signo que se refere ao objeto que denota apenas virtude de seus caracteres próprios. O ícone, no dizer peirciano, se manifesta como representação do signo através de uma imagem. O *índice*, no entanto, se refere a um signo que faz referência a um determinado objeto, em virtude de ter sido afetado por esse objeto. O índice é, portanto, um signo de referência a um objeto específico. Já para o símbolo, o referido linguística advoga que existe uma lei de associações de ideias e de conceitos que operam através de um signo para referir-se ao próprio objeto.

A terceira e última tricotomia diz respeito ao interpretante. Todo signo está para um objeto, assim como todo objeto está para um interpretante. Em Peirce um *rema* é um signo

qualitativo para seu interpretante, ou seja, o signo é a representação desta ou daquela espécie do objeto. Para referir-se a um signo *dicente*, ele advoga que um signo para seu interpretante tem existência real, pois provoca, a partir de uma interpretação, reações positivas ou negativas. Por fim, o terceiro elemento da tricotomia se refere ao *argumento* que um interpretante faz do signo. Sendo assim, é possível dizer que o *argumento* é um meio pelo qual se expressa verdades ou juízos verdadeiros.

Nessa perspectiva, o signo está sempre em constante crescimento e desenvolvimento, pois a significação é um processo que está movimento, em uma atividade evolutiva, onde um signo se transforma em outro signo por meio de um processo lógico. Assim, o signo quando cresce se movimenta em direção a outro interpretante, pois é incapaz de abarcar com todas as características que identificam o objeto que o representa.

No entanto, na ótica de Saussure ((1916)2001) o signo linguístico não é outra coisa a não ser a união imbricada de duas partes: conceito e imagem acústica:

[...] lo que el signo lingüístico une no es una cosa y un nombre, sino un concepto y una imagen acústica, [...] es una identidad psíquica de dos caras: el concepto y la imagen acústica. Estos dos elementos están íntimamente unidos y se reclaman mutuamente (JUSTO GIL, 1990, p. 12).

Através dessa definição, Saussure percebe o signo linguístico como uma entidade psíquica de duas faces; na primeira a imagem acústica refere-se à imagem mental e na segunda refere-se à sequência fônica que utilizamos para designar o signo, pois além de considerar o signo como um composto de imagem acústica e de conceito, também denomina as partes referidas, respectivamente, como significante e significado:

A palavra arbitrário requer também uma observação. Não deve dar a ideia de que o significado dependa da livre escolha do que fala (ver-se-á, mais adiante, que não está ao alcance do indivíduo trocar coisa alguma num signo, uma vez esteja ele estabelecido num grupo linguístico); queremos dizer que o significante é imotivado, isto é, arbitrário em relação ao seu significado, com o qual não tem nenhum laço natural na realidade (SAUSSURE, (1916) 2001, p.83).

Na obra que se configurou como marco para a linguística se firmar como ciência, a noção de arbitrariedade é observada pelo próprio Saussure pelo fato de não existir ligação direta entre o significante e o significado. Isso fica evidente quando ocorre a comparação entre línguas, demonstrando que, se de fato houvesse uma relação direta entre as partes envolvidas na conjuntura do signo, jamais poderia haver diferença de nomes para as mesmas coisas:

Assim a idéia de “mar” não está ligada por relação alguma interior à sequência de sons m-a-r que lhe serve de significante; poderia ser representada igualmente bem por outra sequência, não importa qual; como prova, temos as diferenças entre as línguas e a própria existência de línguas diferentes: o significado da palavra francesa boeuf (“boi”) tem por significante b-ö-f de um lado da fronteira franco-germânica, e o-k-s (Ochs) do outro (SAUSSURE, 2001, p.83).

Em relação à significação, Saussure ainda postula como uma característica imutável do signo, pois se convencionou socialmente ser assim, ou seja, /m.a.r/ é mar porque de gerações em gerações a sequência fônica m.a.r é usada para designar o conceito de uma porção agrupada de água salgada.

Os signos, por se configurarem como uma atividade verbal são em grande parte símbolos que representam os objetos por convenção imposta aos falantes. Portanto, a associação dos sons que constituem as palavras e a relação que mantém com os objetos a que se referem é de caráter arbitrário. Esses sons linguísticos que formam o signo estão integrados formando uma totalidade na mente do falante. Logo, quando esta totalidade se realiza em uma atividade verbal, se materializa dando voz a uma série de movimentos articulatórios que se configura em um processo linear composto.

Outro legado deixado por Saussure característico do signo é em relação a sua natureza linear. Essa característica diz respeito ao significante que possui uma extensão numa única dimensão. Esse princípio explica o porquê de proferirmos um signo após o outro dotado de significação.

E para o advento do significado, Saussure ((1916) 2001) chama de ‘sentido’ a representação mental de um objeto ou da realidade social que um indivíduo está inserido. Para o mestre genebrino, o sentido se configura como o lado espiritual da matéria que se encontra arbitrariamente situado em relação à imagem acústica do signo.

Conforme assegura o próprio Saussure, o signo apresenta natureza arbitrária: primeiramente, porque a associação de um significante a um significado não é correspondente; e, em segundo lugar, porque o próprio significado é arbitrário por natureza.

Apesar do campo semântico das cores configurarem-se como algo de extrema particularidade, existe um exemplo bem significativo para retratar essa dualidade linguística deduzida por Saussure. Na arte contemporânea, encontramos em uma das obras do artista francês Etienne-Martin, *La Ribambelle*, a utilização da mistura de cores e de textura, onde o escultor se utiliza de um azul de inverno, mórbido e frio, para representar toda sua infância

em Lorient, França. Logo, esse azul, para o artista que o pintou, representa sua autobiografia e mitologia pessoal (COSTA & FARIAS, 2006).

Sendo assim, no caso desse “azul artístico”, podemos aplicar a mesma noção saussureana de *valor linguístico*. É o estado da língua que determina os usos que as palavras podem ter, ou seja, das possibilidades de emprego concernentes à comunicação. Assim, a palavra *azul* depende da existência ou não em cada língua, de modo que a significação desse azul e de sua aplicação se define pela extensão significativa vivenciada pelos falantes, determinando assim as possibilidades de se operar por meio dela.

Percebemos então que os conceitos que estão imbricados nos signos apresentam um sentido para cada realidade linguística. Isso se dá porque cada agrupamento ou comunidade ao referir-se à mesma imagem acústica não implica necessariamente a equivalência de sentido. O significante se configura como suporte do significado, sendo, desta maneira, impossível conceber a parte material da imaterial. No entanto, Miranda Poza (2014) observa que a imagem acústica referida nos postulados saussurianos não equivale de maneira nenhuma ao som externo da palavra, senão à representação interna que o falante possui em sua mente.

A Linguística Moderna, porém, percebe esse mesmo fenômeno como um evento de *dupla articulação* por Martinet (1974) e por Hockett (1971) como um *evento* de *dualidade*. A ideia que se vincula aos termos utilizados faz referência à relação existente entre as unidades mínimas: fonemas e morfemas. Miranda Poza (2011, p.15), ao observar essa visão da natureza dual característica da linguagem humana, organiza em níveis tal proposta:

- No primeiro nível, os elementos mínimos, ou seja, os fonemas, carecem de significação;
- No segundo nível, a possibilidade de junção desses elementos, a priori sem sentido, terminam por materializar unidades de significação tais como: palavras, frases, texto. Esse nível ocorre por causa da junção de reduzidas unidades que terminam por dar lugar a uma junção de elementos que se concretizam em incontáveis palavras.

Embora o legado teórico sobre o signo deixado por Saussure parecesse suficiente para a observação dos elementos sógnicos, percebeu-se, com o passar do tempo, que tal análise sem a significação contextual se configurava limitada. Para Hjelmslev (1975), o signo visto pela linguística tradicional pode alcançar interpretações muito mais profundas. Ou seja, o signo é função que serve para designar o que significa.

O signo jamais pode ser elemento vazio e nunca analisado fora de contexto, pois será apenas um signo que nada ou quase nada significa. Os signos, por se configurarem através da relação que mantêm com os outros, só se realizam dentro de um determinado contexto e por causa disso são portadores de significações:

As palavras não são os signos últimos, irreduzíveis, da linguagem, tal como podia deixá-lo supor o imenso interesse que a lingüística tradicional dedica à palavra. As palavras deixam-se analisar em partes que são igualmente portadoras de significações: radicais sufixos de derivação e desinências flexionais. (HJELMSLEV, 1975, p. 49).

Baseando-se nessa teoria, é possível perceber que existem signos menores em determinados contextos. Uma oração, por exemplo, é um signo maior em relação aos elementos que a compõe. Já em uma palavra, podemos analisá-la da esquerda para a direita e classificar os elementos significativos que estão contidos dentro dela.

No vocábulo *muchachos*, por exemplo, a divisão do signo pode ser feita em três partes: o primeiro elemento *muchach-* é classificado como radical, ou seja, como aquele elemento portador do sentido principal; o segundo *o* é o morfema identificador de gênero do substantivo concreto e o terceiro elemento se configura como morfema positivo numeral em relação ao morfema Ø. Nesse contexto, é bom frisar que os fonemas /o/ e /s/ formadores do vocábulo *muchacho* apresentam sentido, pois se encontram contidos numa estrutura maior denominada vocábulo.

Analizando a ideia da significação de um determinado signo fora e dentro de um contexto, iremos perceber a discrepância entre as condições em que se encontram e que tais condições implicarão fatalmente na produção de sentido. Para Hjelmslev (1975), um signo isolado carece de significação e que, portanto, se faz necessário que o mesmo esteja inserido em um contexto:

Considerado isoladamente, signo algum tem significação. Toda significação de signo nasce de um contexto, quer entendamos por isso um contexto de situação ou um contexto explícito [...]. É necessário, assim abster-se de acreditar que um substantivo está mais carregado de sentido do que uma preposição, ou que uma palavra está mais carregada de significação do que um sufixo de derivação ou uma terminação flexional (HJELMSLEV, 1975, p. 50).

Por fim, Hjelmslev considera que uma língua possui natureza muito mais complexa e subjetiva do que se possa imaginar. Portanto, se faz necessário considerar os signos fora deles,

ou seja, contextualizados e que desencadeiam sentidos que são produzidos pelas transformações do homem:

Parece certo que un signo es un signo de algo, y que este algo en cierto modo reside fuera del signo mismo. Así la palabra anillo es el signo de esa cosa definida que llevo en el dedo, y esa cosa, en cierto sentido no entra en el signo mismo²¹ (HJELMSLEV, 1975, p. 85).

Pottier (1978) concebe o signo linguístico a partir da teoria saussureana, pois o entende como uma entidade psíquica e conceitual que reclama relação com um significante. O significante, portanto, constitui o plano da expressão, já o significado subdivide-se em forma de conteúdo e em substância de conteúdo (MARQUES, 2003). Mesmo não referindo-se diretamente a Saussure, fica bem nítida sua filiação teórica, já que não se pode conceber o plano de expressão sem o plano de conteúdo.

Para Ogden e Richards (1960), o signo linguístico se realiza através da união entre significado, significante e o objeto referido. O significado (pensamento ou referência) é um produto que se realiza a partir das relações sociais estabelecido entre o significante (símbolo ou referência), delimitando o objeto (referente). No entanto, não é possível estabelecer uma associação direta entre o objeto (referente) e o significante, pois o objeto não mantém nenhuma relação direta com o símbolo que o representa. A relação signo-objeto é mediada pela subjetividade da mente da pessoa que traduz a mensagem e a interpreta. Por tanto, tal relação é inconstante, variável e indireta.

Ullmann (1970), sob influência da teoria de Ogden e Richards, observa a existência de uma relação recíproca e reversível entre o nome e seu sentido, pois se alguém escuta a palavra associa imediatamente a coisa referida. Para ele, o nome é a configuração fonética da palavra, já o sentido é a informação que o nome comunica.

No entanto, Heger (1974) não está de acordo com Ullman no tocante à relação recíproca entre nome e coisa referida, ou seja, entre significado e significante, já que dentro da língua, a possibilidade de associar vários nomes a um mesmo sentido é real. E para tanto, ele elabora a seguinte teoria: O conceito como uma atividade mental é elaborado a partir da coisa e, portanto, não há relação com a língua em que se realiza. Já o significado se concebe a partir de todas as possibilidades de informações atreladas ao significante e tem relação direta com a língua que o materializa.

²¹ Parece certo que um signo é um signo de algo, e que este algo de certo modo reside fora do signo mesmo. Assim a palavra anel é o signo dessa coisa definida que levo no dedo, e essa coisa, em certo sentido não entra no signo.

Sob a influência da teoria behaviorista, a saber, estímulo resposta, Bloomfield (1933) entende o signo como um estímulo que é capaz de provocar reação no momento da comunicação linguística. Para a teoria bloomfieldiana a atividade linguística é parte integrante das atividades sociais dos indivíduos e se realiza sempre dentro de determinadas situações. Ou seja, ante de determinados estímulos (E), o indivíduo responde emitindo sons (r) que, por sua vez, se constitui para o ouvinte estímulo linguístico (e) e que termina por reagir de modo prático (R). E e R se constituem, portanto, em atividades extralinguísticas, enquanto que *r* e *s* se constituem de fato como um ato linguístico. Assim, o significado não pode ser objeto de classificação linguística, já que está à mercê da fala, do locutor e do interlocutor envolvidos na rede de comunicação (MASIP, 2003).

No processo de aquisição da língua materna, Miranda Poza (2014) advoga que existe uma organização do signo por parte da criança que percebe a palavra em uma dualidade de significante e de significado, porém esse processo é mais contundente no quesito conceitual, pois a organização e percepção de mundo ocorrem primeiro que o processo designa tal organização com palavras. Em relação à aprendizagem de uma segunda língua, o aprendiz tende a repetir o mesmo processo da primeira, transferindo a experiência já adquirida da língua materna, porém nomeando de outra forma.

O significado em Wittgentein (1968) deve ser considerado a partir do uso das expressões linguísticas e do contexto em que são produzidas. Porém, o mesmo autor adverte que a significação não é totalmente determinada pelo uso; antes, cada palavra já possui um significado mais ou menos vago que se integraliza no momento da interação entre os falantes, cabendo pois a estes, nesse momento, não somente o conhecimento linguístico em si, mas a habilidade de manejar o signo de acordo com as condições de uso.

Sob a perspectiva funcional, a língua se configura como parte essencial da cultura e elemento primordial de sobrevivência. Os sistemas linguísticos, por apresentarem características particulares, selecionam arbitrariamente seus elementos de acordo com suas necessidades específicas. Nessa seleção é possível perceber a interferência de diversos fatores que corroboram para tal escolha.

Em primeiro lugar, um dos critérios apontados por Justo Gil (1990) para a seleção linguística se deve ao fator biológico, já que todos os seres humanos são dotados das mesmas características e predisposições físicas. Além dele, outros fatores como: geográficos, genéticos e ambientais coadunam para a escolha linguística. Para firmar seu posicionamento teórico, ele se utiliza de amostras do fenômeno da natureza e das cores, para explicar que cada

língua organiza seus elementos a partir das experiências particulares e por isso, se acomodam de modo diferente:

e el ojo humano percibe, o puede percibir, los mismos matices de color, las lenguas organizan esta experiencia de modo bien diferente. [...] las denominaciones que los esquimales poseen para la nieve: “nieve en el suelo”, “nieve en el aire”, “nieve endurecida”, “ráfaga de nieve”, “nieve endurecida”, “nieve helada”, etc..frente a lo que ocurre en otras zonas (África, por ejemplo) en las que fenómenos meteorológicos como la nieve o no se conocen o son tan esporádico que apenas aparecen reflejados en las lenguas. Y, en cambio encontramos en las lenguas africanas unos sesenta términos para referirse a las palmeiras.²² (JUSTO GIL, 1990, p. 5).

Em segundo lugar, toda língua é integrante da cultura e da sociedade a qual faz parte: “[...] toda lengua se integra en la cultura de la sociedade, por lo que refleja las distinciones que son o han sido importantes en la cultura respectiva” (JUSTO GIL, 1990, p.5)²³.

Sendo assim a língua enquanto fenômeno social é portadora de significação dentro do seio da comunidade que a realiza. A língua faz com que o homem interaja, viva e sobreviva no meio em que está inserido e, conseqüentemente, para atender suas necessidades, realize seleções linguísticas “arbitrárias”. E nessa atividade seletiva, é plenamente perceptível a existência de fatores externos atrelados às realizações linguísticas.

E, concluindo a revisão sobre a teoria do signo, se faz necessário citar Bakhtin para quem o signo se configura em um elemento de natureza ideológica: “Tudo que é ideológico possui um significado e remete a algo situado fora de si mesmo [...] tudo que é ideológico é signo. Sem signos não existe ideologia” (BAKHTIN, 2002, p.31). Sendo assim, é pertinente dizer que todo signo carrega significações. Nenhum deles possui valor em si mesmo, pois ganha significação a partir da realidade contextual que se encontra. Para Bakhtin (2002, p.33), se um elemento sóico não refletir em si uma ideologia advinda do contexto, se configurando, desse modo, em uma sombra da realidade, não pode ser considerado um signo perfeito:

²² Embora o olho humano perceba, ou perceba os mesmos tons de cor, as línguas organizam esta experiência de forma diferente. [...] os nomes que os esquimós têm para a neve, "neve no chão", "neve no ar", "neve endurecida", "rajada de neve", "neve gelada" etc.. frente ao que ocorre em outras áreas (África, por exemplo) em que os fenômenos meteorológicos, como neve ou não sabem ou é um fenômeno tão esporádico que apenas é conhecido em seus idiomas. E, em contraposição, encontramos em línguas africanas sessenta termos de palmeiras.

²³ Toda língua se integra na cultura da sociedade, e termina por refletir as diferenças que são ou as que tem sido importantes na cultura respectiva.

Cada signo ideológico é não apenas um reflexo, uma sombra da realidade, mas também um fragmento material dessa realidade. Todo fenômeno que funciona como signo ideológico tem uma encarnação material, seja como som, como massa física, como cor, como movimento do corpo ou como outra coisa qualquer.

Por essa ótica, o signo está envolto de significação ideológica, e, portanto, é entendido de acordo com a necessidade contextual dos interlocutores. Um signo fora de contexto é um elemento sem valor significativo, já que só adquire valor e sentido a partir do momento que se relaciona com outros que, por sua vez, estão carregados de significação. Isto quer dizer que nenhum signo tem sentido fora da esfera social. Logo, pode-se dizer que o signo bakhtiniano é por natureza ideológico e que, portanto, se estiver à margem de um contexto é vazio de sentido.

E, para finalizar, mediante as hipóteses explanadas sobre o signo linguístico, cabe um quadro-síntese dos conceitos e de seus autores:

QUADRO 2 – Síntese dos autores e conceitos

AUTOR	CONCEITO	DEFINIÇÃO
PLATÃO (ANTIGUIDADE CLÁSSICA)	Teoria do Conhecimento	Nome/ imagem
		Definição
		Imagem
		Coisa em si
ARISTÓTELES (ANTIGUIDADE CLÁSSICA)	Rhema	Significante
		Significado
ESTÓICOS (ANTIGUIDADE CLÁSSICA)	Linguagem	Símbolo (semainon)
		Signo (semainomenon)
		Significado (lekton)

SAUSSURE (1916)	Signo Linguístico	Conceito (significado) Imagem acústica (significante)
TERRENCE (1998)	Símbolo Linguístico	Associação arbitrária vinculada aos sons
CHOMSKY (1981)	Linguagem inata	Gramática universal internalizada no ser humano.
ALONSO CORTÉS (1989)	Signo	Os signos são instrumentos de significação para fazer referência através de um processo mental.
PEIRCE (1995)	Signo	Interpretante Signo Objeto
MARTINET (1974)	Signo	Evento de dupla articulação
HOCKET (1971)	Signo	Evento de dualidade
HEMESLEV (1975)	Signo	Designa o que significa
POTTIER (1978)	Signo	Expressão do conteúdo Expressão da forma
OGDEN E RICHARDS (1960)	Signo	Significante Significado Objeto
ULLMANN (1970)	Signo	Relação recíproca entre nome e sentido.
HEGER (1974)	Signo	Não há relação recíproca entre significante e significado.
MIRANDA POZA (2014)	Signo	Apresenta duas faces: significante e significado.

BLOOMFIELD (1933)	Signo	Estímulo que provoca reação no momento da comunicação.
BAKHTIN (2002)	Signo	Ideológico

5. ESTUDO DO LÉXICO

Como já mencionamos anteriormente, a necessidade de chamar, nomear, denominar é uma constante no cotidiano humano, pois é através da palavra que o mundo se materializa. O léxico, visto como instrumento de interação se faz necessário no nosso dia a dia, pois é através dele que entramos em contato com as mais diversas esferas e situações do âmbito social, desvendando segredos e produzindo sentido. Transmitido de geração em geração, o léxico vive em constante movimento e conseqüentemente em constante mudança, pois à medida que se desloca, se transforma, se adequa, se acomoda, e termina por adquirir novos sentidos no intuito de atingir da melhor forma, o maior propósito de sua existência: a comunicação. As palavras são, na verdade, constituídas de ideias e conceitos que por sua vez se realizam em vozes com o objetivo de significar e sinalar coisas. Contudo, sabemos que esse processo de expansão não se dá de modo linear, o movimento porque passa o léxico de uma determinada língua ocorre das mais diferentes formas. E nessa onda de movimentos, ele ganha destaque nos estudos relativos à linguagem.

Neste capítulo, trataremos de explicitar as teorias que aportam os estudos do campo léxico e do campo semântico sob a perspectiva da Linguística Estrutural com a finalidade de dar suporte aos objetivos pretendidos.

5.1 Campo Léxico e Campo Semântico

Partindo da teoria de que todo léxico é produto e está envolto por uma rede de traços e de significações, e por esse motivo, integra um campo específico de significações, optamos pela denominação campo léxico por atender melhor o propósito de nossas investigações. O campo léxico é aquele que é composto por unidades lexicais que compartilham uma zona de significação em comum, como também as que apresentam diferenças e limites bem definidos dentro desse campo. Isso equivale ao fato de que apresenta vários semas²⁴ em comum. No entanto, se estas palavras pertencerem à mesma categoria gramatical, se configura na formação de um campo semântico. Portanto, o campo léxico faz com que uma palavra se encontre perto de outra através de uma significação, ainda que tenha alguma diferença específica que a destaque das demais.

²⁴ Traço semântico mínimo da substância de conteúdo. Só tem significação quando está em conjunto com outros (MASIP, 2003, p 55).

Porém, para falarmos sobre a integração de vocábulos num campo específico, trataremos, antes, de explicar o que seria um léxico dentro dos fundamentos da análise semântica.

As investigações sobre o léxico remontam a Antiguidade Clássica, porém essas investigações sempre foram relegadas a um segundo plano. As preocupações no tocante ao léxico se concentravam nos estudos fonéticos, morfológicos e sintáticos. O vocábulo de uma língua se limitava a ser organizado em ordem alfabética e a ser identificado a partir da literatura existente. Porém, a partir do século XX, com o advento da ‘rede associativa’ defendida por Saussure, as investigações sobre o léxico, ou melhor, sobre o campo léxico, ganharam força no seio linguístico.

O léxico de uma língua pode ser identificado como constituinte de um acervo de palavras disponíveis para que as pessoas que tenham acesso a essa língua o utilize quer seja de forma oral, quer seja de forma escrita.

A característica básica de um léxico é sua constante mutabilidade que quase sempre ocorre de modo gradual e imperceptível. Com o passar do tempo algumas palavras se tornam arcaicas e acabam sendo substituídas por outras, ou ainda, podem até mudar de sentido.

Sem dúvidas, o acervo lexical de uma língua traz consigo experiência cultural acumulada ao longo do tempo, e por isso é considerado, muitas vezes, como patrimônio vocabular de uma comunidade linguística. É evidente que a constituição do léxico de uma língua não pode ser considerada como um simples conjunto de palavras sem organização. A estruturação dele se dá por causa da possibilidade de segmentá-lo e analisá-lo em pequenos grupos de unidades léxicas que apresentem uma parte de significado comum, já que essas unidades mantêm relações de significado entre si.

Porém, nem todo o léxico de uma língua admite estruturação em campos léxicos. É possível verificar que tal estruturação só foi possível ser realizada em alguns âmbitos. No dizer de Justo Gil (1990), com referência à língua espanhola, só alguns campos foram estruturados – pois tal estruturação, além da limitação interna, pressupõe também uma experiência extralinguística. Dentre eles, se podem citar: cores, habitação e graus de parentesco.

Para a delimitação externa dos campos léxicos, é preciso estabelecer fronteiras com os campos limítrofes. Até o presente, essa prática tem se dado através das decisões subjetivas do investigador. Já para a delimitação externa, o critério utilizado é o da descrição das unidades léxicas que pertencem ao campo e as relações que se estabelecem entre elas.

Para referir-se ao campo léxico faz-se necessário falar sobre a teoria do campo semântico que tem como seus fundadores J. Trier (1931) e H. Geckeler (1984). O elo que une ambos os semanticistas se pautava na conceituação de articulação linguística de Wilhelm von Humboldt, unida aos pressupostos saussurianos que permitem perceber o campo léxico como uma estrutura.

J. Trier (1931) parte da observação acerca do vocabulário e postula que a modificação de um termo implica consequentemente na mudança do termo vizinho, assim como cada uma das palavras que expressam tais conceitos. O interessante é perceber que para tal análise, ele considera que o domínio abstrato é mais próprio para o estudo do campo léxico, enquanto que o concreto é mais adequado para as investigações onomasiológicas (GECKELER 1984). Assim, a teoria proposta por Trier deu suporte ao surgimento do conceito dos campos léxicos e semânticos. Para ele, o campo léxico e o conceitual possuem concepções diferentes. Para esclarecer a diferença entre os dois campos, se utiliza metaforicamente da figura do mosaico e se defende que a palavra adquire significado a partir da posição que ocupa em relação a outras palavras próximas ao campo (MASIP, 2003; MIRANDA POZA, 2009; SALVADOR, 1985).

Já Weisgerber (1954) contribuiu com a teoria observando que a ideia de campo carrega em si uma visão linguística de mundo. Para ele é necessário observar o estudo do vocabulário frente a tradicional análise gramatical, aportando à estrutura do campo léxico a ideia de dimensão, estabelecendo basicamente os campos unidimensionais e os pluridimensionais. Weisgerber, além de se apoiar nas ideias de Trier, recebeu grande influência das concepções humboldtianas. Para Humboldt, a articulação entre os léxicos é a característica mais geral e profunda da língua, ou seja, a articulação se refere ao sistema de elementos que se encontram subjacentes aos elementos de um sistema linguístico. Para Humboldt, esse sistema é composto por elementos que podem ser utilizados para a formação de outras palavras de acordo com regras já estabelecidas. E, em meio a essas regras, a palavra se torna um objeto articulado, forjado a partir da habilidade humana de conceber a linguagem. Desse modo, as observações de Humboldt sobre a linguagem se pautam, na verdade, na capacidade humana de poder gerar, a partir de um número finito de regras, infinitas possibilidades linguísticas de comunicação.

Porém, os pressupostos de Trier e de Weisgerber não ficaram isentos de críticas e de observações. Inúmeros trabalhos foram publicados com o propósito de estabelecer procedimentos linguísticos para esse estudo, pois as investigações para a análise do campo linguístico eram, até então, pautadas em intuições.

Nesse cenário de críticas e de incertezas surge o Campo Léxico com uma proposta de análise baseada na estrutura vocabular, onde os lexemas constituem um sistema de oposições. Essa teoria vem desde os pressupostos de Saussure (2001), quando postula que a língua é um sistema de palavras que estabelecem relações entre si. O interessante é que, enquanto Saussure partiu da concepção binária significante/significado, Coseriu (1977) seguiu à denominação proposta por Pottier (1978) de expressão/conteúdo. No parecer de Geckeler (1984), a grande contribuição de Coseriu à teoria do campo léxico tem sido a de oferecer um método baseado em uma estrutura onde a legitimação é permitida dentro dos estudos linguísticos:

Uno de los mayores defectos de toda la labor realizada hasta ahora con campos léxicos está en la falta de un método, de una técnica lingüística con procedimientos lingüísticos. Puesto que no existe ningún método de campo bien elaborado, las investigaciones se han movido fundamentalmente sobre bases intuitivas. Por tanto, para que la teoría del campo sea definitivamente legitimada en lingüística, necesita de un método. La creación de un método tal constituye desde hace años el propósito de E. Coseriu en el marco de sus esfuerzos por crear una semántica estructural.²⁵ (GECKELER, 1984, p. 211-212).

Para Coseriu (1977), o campo léxico é um conjunto de lexemas que mantem um dinamismo presente nas relações de caráter pragmático e que a estruturação do léxico em “campos” pressupõe a existência de um universo extralinguístico.

Através da perspectiva diacrônica, o linguista observa que é possível um estudo histórico das significações das palavras, porém, para esse procedimento, é preciso que haja entendimento da substância semântica linguística formada. Para demonstrar a possibilidade desse estudo, se utilizou de exemplos da língua latina e das línguas românicas. O interessante é que nessas investigações o proposto não se refere às mudanças de desenvolvimento histórico do significante, mas sim a um método baseado numa estrutura onde seja possível a observação das transformações porque passam o conteúdo do léxico, ou seja, da substância semântica que se realiza através da língua.

Na verdade, o significado é o conteúdo linguístico que se realiza em detrimento de um percurso histórico de uma determinada língua. Esse conteúdo se manifesta em forma de palavras e nos faz observar se está correto ou incorreto, permitindo também que se perceba algumas expressões de cunho popular, familiar, arcaico e até mesmo poder qualificá-las como

²⁵ Uma das maiores falhas de todo o trabalho feito até agora com campos lexicais está na falta de um método, de uma técnica linguística com procedimentos linguísticos. Visto que não há nenhum método de campo bem definido, as investigações têm movido principalmente em base intuitiva. Portanto, para que a teoria de campo seja finalmente legitimada em linguística, precisa de um método. A criação de um método específico é por anos a finalidade de E. Coseriu como parte de seus esforços para criar uma semântica estrutural (**Tradução nossa**).

diatópica, diastrática ou diafásica. Esta prática termina por fazer referência a algo que existe fora do linguístico, pois o campo léxico é um conjunto de lexemas que mantêm um dinamismo presente nas relações de caráter pragmático e que a estruturação do léxico em “campos” pressupõe a existência de um universo extralinguístico. O conteúdo é, portanto, uma realidade historicamente estabelecida em cada língua. O que importa, na verdade, nesse processo, não é a captação em si do mundo real, mas, a forma de estruturação desta captação mental. Dessa forma, conclui-se que as categorias do significado são formações históricas de uma determinada língua.

Coseriu (1977) ainda observa que o campo léxico é como uma estrutura paradigmática composta por elementos léxicos que se dividem em zona de significação que são comuns e que ao mesmo tempo se opõem umas com as outras, o que explica as oposições semânticas determinadas pelas relações internas de um campo semântico. É por isso que se faz necessário entender que é preciso levar em consideração as unidades funcionais de uma língua e como essas unidades funcionam mediante oposições. Para ele, a oposição é uma escolha compulsória no esquema de cada língua, e ao mesmo tempo em que cada palavra se diferencia, identifica cada campo num todo, ou seja, a partir de traços mínimos distintivos:

Um campo léxico é do ponto de vista estrutural, um paradigma léxico que resulta da repartição de um conteúdo léxico contínuo entre diferentes unidades dadas na língua como palavras e que se opõem de maneira imediata umas a outras por meio de traços mínimos distintivos. (COSERIU, 1977, p.146).

Dessa forma, o campo léxico se configura como uma estrutura paradigmática, onde várias unidades lexicais participam desse todo dividindo significações e ao mesmo tempo em que significa, se opõe em suas relações internas. A palavra deve ser investigada num todo estruturado, desde a perspectiva interna e externa do campo léxico. E para tanto, divide o conteúdo linguístico em três partes: significação, designação e sentido. Para a *significação*, Coseriu (1977) atribui como sendo o verdadeiro conteúdo de uma língua; já para a *designação* ele entende como uma relação com o universo extralinguístico, ou seja, designação é a referência que se realiza através da realidade; enquanto que ao *sentido*, se deve atribuir um conteúdo para as possibilidades referentes à realidade.

Em relação às estruturas da significação lexical, o linguista observa que existem implicações sintagmáticas entre os léxicos, ou melhor, que há entre eles uma espécie de cooperação entre os léxicos. Essa teoria fora desenvolvida através dos estudos de Porzig (1970) que diferentemente de seu contemporâneo Trier, priorizou os estudos das relações

sintagmáticas para situar semanticamente uma palavra através de uma classe, de um arquilexema²⁶ ou de um lexema. Coseriu (1977) considera, pois, que cada uma dessas categorias funciona como identificador lexical.

Na obra *Gramática, Semántica y Universales*, Coseriu (1978) explana e classifica a significação dos léxicos em cinco tipos para elucidar de modo mais amplo as categorias linguísticas: lexical (sentido concreto de cada língua), categorial (relativo à categoria da palavra), instrumental (se refere aos morfemas que só funcionam em relação à outras), estrutural (relativo à categoria da palavra (lexema + morfema) e ôntico (se refere ao significado no plano das orações).

Para obtermos com maior clareza a proposta coseriana em relação à significação do léxico, é preciso levar em consideração a realidade da língua, ou seja, a estruturação extralinguística. Já para elucidar o tipo categorial é preciso que se observe o modelo de organização no qual esse léxico está inserido. Temos como exemplo de tipo categorial e lexical os homônimos em espanhol: abono (substantivo) /abóno/ (1ª pessoa do singular do presente do indicativo - verbo) /abóno/. Isso também pode acontecer com homônimos lexicais de mesma categoria, pois ambos exercem um no outro uma função de dependência; é dizer que ambos estão organizados de modo intrínseco, pois falar de significação léxica implica automaticamente no conceito que existe na organização desses léxicos, determinando assim o comportamento funcional deles e de como estão estruturados discursivamente.

Em relação às estruturas do significado lexical, observa-se que existem implicações sintagmáticas entre os léxicos, ou melhor, que há entre eles uma espécie de “solidariedade lexical”. Essa teoria fora desenvolvida para situar semanticamente uma palavra através de uma classe, de um arquilexema ou de um lexema, pois considera que cada uma dessas categorias funciona como traço distintivo do léxico em questão.

O tipo de significação instrumental se refere a um tipo de léxico que só ganha sentido quando está diretamente ligado a outros léxicos. Os morfemas, por exemplo, não podem ser incluídos no modelo categorial, visto que não possuem “vida” independente de um léxico principal responsável pela significação principal, e que, portanto, não se relacionam separadamente; dentre eles temos as desinências, prefixos, sufixos, etc...

²⁶ Parte de um todo que possui um conjunto de características semânticas (semas) que se referem às diversas unidades da série, e neutraliza a posição de traços semânticos específicos das unidades dessa mesma série.

Assim como Coseriu, Justo Gil (1990, p. 25) também observa a importância das oposições distintivas entre os léxicos para a construção do significado:

El léxico de una lengua tiene un carácter estructurado porque permite segmentar y analizar pequeños grupos de unidades léxicas con un significado común, porque estas unidades presentan entre si relaciones de significado (oposiciones distintivas que permiten diferenciar el significado de los términos, que son en parte idénticos y en partes diferentes, y que funcionan en virtud de sus rasgos diferenciales como miembros opositivos de estos grupos), porque es posible descomponer los significados de las unidades léxicas en unidades constitutivas más pequeñas, cuyas combinaciones constituirán el contenido semántico de las unidades léxicas mayores. Tanto es así que el significado de muchas palabras se define, única y exclusivamente, por las relaciones que establecen con el resto de las unidades.²⁷

Para Justo Gil, o léxico de uma língua deve ser analisado em grupos, pois apresenta caráter estruturado sendo possível dessa forma, segmentar em pequenos conjuntos lexicais as unidades linguísticas. Essas unidades se relacionam entre si através de oposições distintivas que discerne os termos que em parte são idênticos e em parte diferentes e que por causa dessa tal oposição eles funcionam dentro de um grupo específico. O sentido é possível por conta da divisão das unidades léxicas em partes menores, as quais, relacionadas, terminam por trazer o conteúdo semântico das unidades léxicas maiores.

Sendo assim, Justo Gil (1990, p. 26) define o campo léxico da seguinte maneira:

- Não existe campo sem lacunas, pois haverá partes dentro do campo que estarão mais e menos amplas, pois não existe obrigatoriedade por parte deles de cobrir todas as matizes conceituais das diversas línguas e por conta disso pode haver o que ele configura de lacunas lexicais.
- Não se estruturam em campos justapostos. Entre eles existem outros campos que com frequência se superpõe por conta do dinamismo linguístico, como por exemplo, a palavra cavalo, que pode estar inserida tanto no campo que se refere a animais quanto pode estar em um campo que se refira a meios de transportes.
- O léxico de uma língua não apresenta classificação homogênea, senão admite classificações simultâneas e diferentes. Os campos não se estruturam de acordo com os mesmos critérios, por causa das relações de oposições semânticas que regem seu

²⁷ O léxico de uma língua tem um caráter estruturado porque permite analisar e segmentar pequenos grupos de unidades lexicais com um significado comum, porque estas unidades têm o significado de cada relação (oposições distintivas que permitem diferenciar o significado dos termos, que são em parte idênticos e em partes diferentes, e que funcionam em virtude de seus traços diferenciais como membros opositivos deste grupo), porque é possível descompor os significados das unidades lexicais em unidades constitutivas menores, cujas combinações constituem o conteúdo semântico das unidades lexicais maiores. Tanto é assim que o significado de muitas palavras se define, única e exclusivamente, pelas relações que estabelecem com o resto das unidades (Tradução nossa).

funcionamento. Na estruturação é relevante salientar o conceito de dimensão semântica, no qual o conteúdo se estabelece por meio de distinção funcional.

- Os campos se organizam mediante a significação de seus membros, ou seja, o significado de uma palavra depende do significado de uma outra palavra que se opõe a ela de modo imediato.
- Para se conhecer o significado de uma palavra é necessário conhecer totalmente o campo. Os falantes de modo involuntário e inconsciente utilizam os campos de modo involuntário.
- Os campos léxicos não se reduzem a nomeação de objetos.
- Um campo léxico pode ser incluído como unidade em outros campos.
- Os campos léxicos podem ser representados por uma unidade que represente o comum de todo o campo.
- Os traços definitivos significativos mínimos mediante os campos se organizam devem ser relativamente pequenos, pois podem vir repetidos nas distintas oposições significativas entre as unidades.

No entanto, Miranda Poza (2009) adverte que a solução para o problema que envolve a delimitação do campo léxico ainda não foi elucidada. E, para dirimir os conflitos que circundam a restrição da área referida, ele sugere que a observação da evolução dos campos léxicos das línguas envolvidas no processo, seja necessária para que se compreenda o porquê da acomodação do léxico em cada campo, além de oferecer solução para alguns problemas de intercomunicação que envolve os falsos cognatos:

[...] lo que sí podemos sugerir es que este tipo de estudio, el de los campos léxicos no se olvide completamente como si se tratase de un viejo sueño no realizado. Entendemos que, por ejemplo, cuando tanto se habla (y se estudia) del problema de los “falsos amigos” e incluso se confeccionan estudios y diccionarios en especial entre lenguas próximas – portugués y español sin ir más lejos – muchas veces la evolución de los campos léxicos en las respectivas lenguas en contraste ayudaría a comprender el porqué de las cosas, además de ofrecer la solución a no pocos de los problemas que este fenómeno plantea, y que van mucho más allá de la mera constatación o descripción – incompleta las más de las veces – del propio fenómeno.²⁸

²⁸ O que podemos sugerir é que este tipo de estudo, o dos campos léxicos não se esqueça completamente como se fosse um velho sonho não realizado. Entendemos que, por exemplo, quando se fala (e se estuda) do problema dos "falsos amigos" e inclusive se confeccionam estudos e dicionários em especial entre línguas próximas – português e espanhol sem ir mais longe - muitas vezes a evolução dos campos lexicais nos respectivos idiomas em contraste ajudaria a compreender o porquê das coisas, além de oferecer a solução a não poucos dos problemas que este fenômeno oferece além da mera constatação ou descrição - incompleta na maioria das vezes – do próprio fenômeno (**Tradução nossa**).

No campo dos estudos linguísticos, a Semântica passou por um processo espetacular de evolução. Tendo o léxico como objeto de estudo, transcorreu lento e tímido para se firmar como ramo de investigação da linguística. Todo esse processo foi consequência de um estágio que procede ao estado embrionário que só se manifestava por meio de dicionários e matérias lexográficas, desligado de qualquer proposta teórica (MIRANDA POZA, 2011).

Em relação ao campo semântico, Masip (2003) o definiu como uma organização que é ao mesmo tempo estruturada e dinâmica. Segundo ele, cada campo progride à medida em que há a permissão dos demais, atingindo uma identidade particular de significação que, conseqüentemente, toma semanticamente problemas em torno do objeto que, por sua vez, se realiza a partir de traços mínimos de oposição.

Trier (1931) explanou o campo semântico como um conjunto de palavras que não são advindas do mesmo tronco linguístico, mas que, quando colocadas ao lado uma da outra, abarcam e delimitam significações que são construídas através de situações humanas vividas.

Por fim, Porzig (1970) considera por campo semântico, palavras que se conectam quase que imediatamente em nosso pensamento.

5.2 Conceitos fundamentais do campo léxico

Nessa sessão, trataremos de discutir, à luz dos teóricos mais expressivos, os conceitos fundamentais do campo léxico.

5.2.1 Sema

O sema é entendido como unidade mínima de significação situada dentro de um campo semântico. Porém, não pode ser configurado como um elemento autônomo, pois sua existência se caracteriza pela relação de oposição ou distanciamento que mantém com outros semas.

Deve-se a Pottier (1978) a noção de semas. As pesquisas dos semas nos fazem entender melhor o significado, no entanto, é preciso ir mais fundo no tocante à mensagem que o termo possui. Se observarmos o verbo “querer”, por exemplo, chegaremos à conclusão de que nele existem dois semas: o primeiro se refere ao ato de desejar algo, e o segundo, se refere a falta de algo que ainda não se tem, apenas se deseja.

O sema por apresentar característica relacional, não se confina e por isso, termina por pertencer a um conjunto lexical chamado de macro sistema. No plano fonológico, Pottier (1978) traz os fonemas [p] e [b] como exemplo de tal característica sêmica. Tais fonemas

apresentam os traços da “bilaridade” e “oclusividade” que os diferencia de outros fonemas, porém entre eles se opõem por causa da característica surda daquele e sonoro deste.

De acordo com Pottier, pode-se distinguir os semas em subcategorias: existe a subcategoria dos semas constantes que pertencem à denotação inclusa no subconjunto de semas; existem os semas variáveis que pertencem à conotação que constituem o clasema.

Masip (2003, p. 55) categoriza o sema como um traço semântico que carrega em si, alguma substância do conteúdo e que só tem valor quando se agrupa com outros:

Sema. Traço semântico mínimo da substância do conteúdo. Só tem significação quando está agrupado com outros (formando um semema). Casa e mansão, por exemplo, teriam como traços semânticos mínimos comuns: habitação, com chão, com teto, janelas, com portas; e se diferenciam no tamanho e na qualidade.

5.2.2 Arquilexema

Arquilexema é a base comum de um campo semântico ao qual domina. É um fenômeno linguístico que serve como cobertura, conectando todos os elementos a um mesmo campo, promovendo a intersecção de subconjuntos semânticos (POTTIER, 1978).

Para Coseriu o arquilexema é uma unidade que corresponde a todo o conteúdo do léxico, e que consequentemente, não pode ser expresso como uma unidade léxica. O arquilexema trata-se de um fenômeno linguístico que consegue reunir vários semas equivalentes a outros léxicos. *Animais*, por exemplo, seria o arquilexema para campo composto por *cachorro*, *gato*, *pássaro*, *leão*, *crocodilo*, etc.

5.2.3 Semema

Termo cunhado por Pottier (1978) para designar conjunto de traços mínimos distintivos de significação (semas) que se referem à substância de conteúdo de um signo. De acordo com o linguista, as diversas espécies de sema são representadas como semas específicos, genéricos e virtuais.

Os semas específicos se referem aos semantemas que identificam os morfemas através do contexto. O semantema é o elemento da palavra que se refere à significação externa; a interna é evidenciada pelas categorias gramaticais (morfemas) que relacionam os semantemas na frase. Por sua vez, o semantema corresponde à base ou raiz das palavras nas línguas indo europeias.

Os semas genéricos, denominados de classema, são categorias que se reúnem em classes semântico-funcionais, de acordo com o princípio da compatibilidade e incompatibilidade contextuais. O classema se configura como um conjunto de semas de traços semânticos mínimos distintivos. De acordo com Pottier (1978) trata-se de características semânticas que pertencem a diferentes campos semânticos. Ou seja, são lexemas que estão ligados através de um único traço que é comum.

Já Masip (2003) categoriza o sema de modo mais simples, como conjunto de palavras que possuem traços semânticos distintivos que estão ligados a uma característica comum a todos os elementos inseridos no campo: *favela, casa, mansão, castelo*.

5.2.4 Classema

O classema compreende o conjunto dos semas genéricos comuns a signos de campos semânticos diversos e que são selecionados a partir de um contexto sócio cultural dos interlocutores, bem como sua intenção de selecioná-los ou não. Para averiguar tal fenômeno, podemos citar o exemplo de adulto/criança (pessoas, seres animados).

Para Masip (2003, p. 55), classemas são semas que indicam classe ou subclasse: livro, lápis, e papel, esses sememas são unidos pelo classema “objeto corpóreos, inanimados”; já o semema que reúne o “objeto corpóreo animado” seria composto por: gato, cachorro, e passarinho, por exemplo.

5.2.5 Virtuema

Virtuema se configura como um conjunto de semas conotativos, que se caracteriza por ser uma zona instável do léxico; pode ser preenchida a partir das possibilidades existentes dentro da língua, ou seja, pelo contexto, pela situação, pela intenção dos integrantes de selecioná-lo no ato da comunicação. Os semas ocasionais determinam o sentido pelo contexto no qual está inserido. A cruz, por exemplo, pode indicar uma ideologia religiosa, ou um símbolo de uma organização internacional que tem como objetivo principal o socorro às vítimas de catástrofes naturais e de guerras (MASIP, 2003).

5.2.6 Lexema

O lexema é comumente conhecido como a unidade que guarda o sentido principal da palavra. Para a identificação de tal unidade detentora de sentido, se pode dividir o vocábulo e

perceber quais elementos permaneceram inalterados no tocante à significação. Para exemplificar tal senso comum, podemos trazer o exemplo da palavra casa: /kása/, /kásas/, /kási/ás/. Se percebe que em todas as manifestações o sentido de moradia permanece em [kás], configurando-se dessa forma em um plano de conteúdo. As demais partes são responsáveis por guardar a significação gramatical e por isso são denominadas gramemas. Dessa forma ambos são considerados morfemas.

Se o lexema /kas/ fosse substituído por um outro, mudaria o plano do sentido, mas não o plano gramatical. Logo, se pode afirmar que o lexema pertence ao plano das possibilidades infinitas, enquanto que o gramema faz parte do grupo que apresenta possibilidades limitadas de comutações (LOPES, 1999).

A noção do que seria lexema surgiu no início dos anos setenta com Martinet. Ele admite o princípio da dupla articulação da linguagem. A primeira noção se refere às experiências e as necessidades que se quer revelar através dos fonemas que se configuram o segundo plano articulatório (MARTINET, 1973).

A primeira articulação, segundo ele, é composta por monemas que se dividem em lexemas que se encontram no léxico e por morfemas situados na gramática que correspondem à raiz e ao semantema.

Porém, essas nomenclaturas e subdivisões parece não ser um exercício tão fácil, pois o próprio Martinet evidencia insegurança em sua fala quando se trata de mensurar a produção linguística no tocante a este aquele afixo, e no ato da análise ele aconselha que não se ultrapasse os limites permitidos pelos sentidos:

(...) Precisemos que não se trata de saber se é ou não possível contar e exactamente os monemas susceptíveis de aparecerem em dado contexto, mas sim se o monema pertence a uma série aberta (que hoje talvez comporte um número reduzido de unidades, mas susceptível de aumentar) ou a uma série fechada tal que o número dos elementos que comporta não possa variar sem que daí resulte uma reorganização estrutural: não se procura saber quantos sufixos há em português susceptíveis, como -inho, de formar substantivos a partir de substantivos, porque eles constituem um sistema suficientemente elástico para a cada passo poder aparecer novo sufixo do mesmo tipo sem lhes afetar o valor nem os empregos. Inteiramente diverso é o caso de sistemas como os do número ou do artigo em português, em cada um dos quais há apenas duas unidades opostas, de modo que, em caso de necessidade, se tem forçosamente de escolher entre singular e plural, entre definido e indefinido. Num caso destes, qualquer unidade nova teria de arranjar lugar à custa das unidades tradicionais. Implica isso que, uma vez realizadas as condições determinantes do emprego de certo tipo de modalidade, o locutor deve necessariamente escolher entre certo número de monemas: pode falar-se em português dum cruzamento de ruas, sem artigo antes de ruas; mas se se quiser valorizar na mensagem a noção de rua, empregar-se-á necessariamente a rua ou uma rua. Parece pois haver interesse em ver os afixos como um tipo particular de lexemas. (MARTINET, 1973, p.137-138).

Em resumo, no dizer de Martinet, a linguística geral apresenta dificuldade na distinção dos afixos das modalidades, pois os lexemas e morfemas representam dois polos que incluem os elementos intermediários, ou seja, maior em relação aos morfemas e menor que as especificidades dos lexemas.

Para o lexema, o linguista francês afirma que se trata de unidade que se associam ao critério semântico, o que nos leva a crer que se trate do mesmo conceito dado à raiz de uma palavra:

São sobretudo elementos chamados eruditos, que originariamente fazem parte de importações de uma língua ‘clássica’ e são entendidos como formando unidades significantes pelos que os lançam em uso. Mas desde que se tornam numerosas e usuais as palavras deste tipo, acaba por emergir o sentido dos seus componentes (...). A relativamente grande especificidade semântica dos dois elementos, apoiada por vezes no conhecimento da etimologia, pode levar a interpretar tais formações como compostos. (MARTINET, 1973, p.136).

Pottier (1975), no entanto, se utiliza do termo léxico para referir-se à unidade que guarda o sentido. Portanto, a unidade léxica pode ser dividida em simples – parte correspondente à palavra tradicional; e em composta – que é resultado de uma formação de sentido.

O linguista rejeita a ideia tradicional da existência de palavras portadoras de sentido e das que são consideradas vazias de significação. Ou seja, tanto os morfemas lexicais quanto os gramaticais são passíveis de sentido e por isso passíveis de descrição. Além disso, tais morfemas não se distribuem em forma de embate, apenas se manifestam a partir de uma demarcação evidente que fica visível entre as partes.

Em Gregorio Salvador (1985), encontramos a definição para o léxico como palavra que contém significante e significado. Porém, além de classificar os vocábulos como portadores de duas faces, o linguista também classifica o léxico em duas categorias: os chamados “pontes” e os chamados “sincréticos”. Adverte, porém, que se fale em lexema ponte e não de sememas pontes, pois referir-se a um semema que se configura em uma abstração com traços semânticos que podem ter ou não representação léxica em uma determinada língua, ou seja, um semema “ponte” não pode ser válido se não houver um significante correspondente.

Através dessa divisão, veio à tona o que de certo modo já era evidente: nenhum léxico está estruturado de forma ideal. Ou seja, qualquer um deles apresenta lacunas entre os campos. Um mesmo lexema pode aparecer em outro campo sem mudar de significado e por

causa disso se configura em um lexema ponte. Já no caso do lexema “sincrético”, apesar de ter o mesmo significante, pode receber diversas definições dentro do mesmo campo.

Gregório Salvador (1985) segue observando que se fala com frequência em superposições e interferência de campos e de unidades léxicas que apresentam características em comum, e que, portanto, pertencem a subconjuntos diferentes. Porém, além das explicações óbvias sobre tal evento linguístico, observa que é preciso que haja uma observação mais detalhada sobre tais unidades:

Se ha hablado con frecuencia de superposiciones e interferências de campos, de unidades léxicas que pertenecen a conjuntos o subconjuntos diferentes. Pero nadie há prestado atención, creo, particular atención a essas unidades, a su particularidade a su clara diferenciación del sincretismo léxico, que también puede darse, y sobre todo a su modo de inserción en los distintos paradigmas a que pertenecen. (GREGORIO SALVADOR, 1985, p. 43)²⁹.

Portanto, para se fazer um estudo mais detalhado sobre o léxico, é necessário situar a palavra em seu campo semântico e situar a parte significativa que ele ocupa com oposições sucessivas de seu significado em relação ao significado de outras palavras que juntamente com ele formam esse campo. Só assim, pode-se identificar seus limites e averiguar o seu valor dentro de uma situação determinada, situando o léxico no lugar que lhe cabe dentro da totalidade da língua.

E, finalizando as investigações sobre o léxico e sobre o lugar que ele ocupa dentro da língua no tocante ao significado, faz-se necessário mencionar as relações associativas *in absentia* aduzida por Saussure ((1916)2001). Tais relações se referem ao conjunto de palavras que se agrupam a partir de um termo chave, segundo uma lógica de associação de sentido. Um campo associativo formado pela palavra *mar*, por exemplo, deve incluir *água*, *peixe*, *barco*, etc. Em um campo associativo, as conexões são realizadas entre palavras relativas a esse campo, observando sempre o traço em comum que as une e ao mesmo tempo que as particulariza em termos opositivos.

²⁹ Fala-se constantemente de superposição e interferência de campos, de unidades lexicais que pertencem a conjuntos ou subconjuntos diferentes. Mas ninguém presta atenção, acredito eu, particular atenção a essas unidades em sua particularidade e na clara diferenciação do sincretismo lexical que também pode ocorrer, especialmente em sua forma de integração nos diferentes paradigmas a que pertencem (**Tradução nossa**).

6. CORPUS PARA ANÁLISE

6.1 O ponto de partida: campo léxico “recipiente”

Neste trabalho, os itens lexicais estão organizados com base na concepção de campo léxico apresentada por Coseriu (1977), com o intuito de deduzir as relações estabelecidas entre as línguas, explicando o porquê dos desencontros semânticos ao longo da história, levando em consideração fatores linguísticos e extralinguísticos que contribuíram para a divergência de sentido entre os termos da língua portuguesa e espanhola, mas que mesmo com a evolução da língua e acepções adquiridas, o sentido advindo do latim permanece.

Para tanto, observaremos o par de palavras que despertou nosso interesse para os questionamentos propostos - vaso /báso/ (espanhol); vaso /vazu/ (português) - e palavras relacionadas dentro do campo léxico-semântico ‘recipiente’ nas respectivas línguas:

Quadro 3. Análise fonológica e morfossintática

PALAVRA	TRANSCRIÇÃO FONOLÓGICA	ANÁLISE MORFOSSINTÁTICA	SIGNIFICADO
Vaso (espanhol)	/báso/	Substantivo masculino, concreto, primitivo, inanimado, simples. Núcleo sintagmático nominal.	Copo
Vaso (português)	/vazu/	Substantivo masculino, concreto, primitivo, inanimado, simples. Núcleo sintagmático nominal	Vaso
Copo (português)	/kópu/	Substantivo masculino, concreto, primitivo, inanimado, simples. Núcleo sintagmático nominal.	Copo
Vasija (espanhol)	/basíxa/	Substantivo feminino concreto, derivado, inanimado, simples. Núcleo sintagmático nominal	Vasilha

Vajilla (espanhol)	/baxíʎa/	Substantivo feminino concreto, derivado, inanimado, simples. Núcleo sintagmático nominal	Baixela/Vasillha
Vasilha (português)	/vasíʎa/	Substantivo feminino concreto, derivado, inanimado, simples. Núcleo sintagmático nominal.	Vasilha
Louça (português)	/lóusa/	Substantivo feminino concreto, derivado, inanimado, simples. Núcleo sintagmático nominal.	Louça
Loza (espanhol)	/lóθa/	Substantivo feminino concreto, derivado, inanimado, simples. Núcleo sintagmático nominal.	Louça
Envase (espanhol)	/eNbáse/	Substantivo masculino concreto, derivado, inanimado, simples. Núcleo sintagmático nominal.	Vasilhame
Envase (português)	/envási/	Substantivo masculino, concreto, derivado, inanimado. Núcleo sintagmático nominal.	Vasilhame
Envasar (espanhol)	/eNbasáR/	Verbo transitivo direto, regular da primeira conjugação. Núcleo sintagmático verbal.	Engarrafar
Envasar (português)	/envasár/	Verbo transitivo direto, regular da primeira conjugação. Núcleo sintagmático verbal.	Engarrafar
Copa (espanhol)	/kópa/	Substantivo feminino concreto, primitivo, inanimado, simples. Núcleo sintagmático nominal.	Taça
Copa (português)	/kópa/	Substantivo feminino concreto, primitivo, inanimado, simples. Núcleo sintagmático nominal.	Sala de jantar

Taza (espanhol)	/táθa/	Substantivo concreto, derivado, inanimado, simples. Núcleo sintagmático nominal	feminino	Xícara
Taça (português)	/tása/	Substantivo concreto, inanimado, simples. Núcleo sintagmático nominal.	feminino derivado,	Taça
Tazón (espanhol)	/taθón/	Substantivo concreto, derivado, inanimado, simples. Núcleo sintagmático nominal.	masculino	Xícara grande
Jícara (espanhol)	/xíkara/	Substantivo concreto, inanimado, simples. Núcleo sintagmático nominal.	feminino primitivo,	Xícara pequena
Xícara (português)	/ʃíkara/	Substantivo concreto, inanimado, simples. Núcleo sintagmático nominal.	feminino primitivo,	Xícara
Jarro (espanhol)	xá̃ro/	Substantivo concreto, inanimado, simples. Núcleo sintagmático nominal.	masculino primitivo,	Vasilha
Jarro (português)	/ʒáru/	Substantivo concreto, inanimado, simples. Núcleo sintagmático nominal.	masculino primitivo,	Jarro
Jarra (espanhol)	/xá̃ra/	Substantivo concreto, inanimado, simples. Núcleo sintagmático nominal.	feminino derivado,	Vasilha
Jarra (português)	/ʒára/	Substantivo concreto, inanimado, simples. Núcleo sintagmático nominal.	feminino derivado,	Jarra

Jarrón (espanhol)	/xaɾõN/	Substantivo concreto, inanimado, simples. Núcleo sintagmático nominal	masculino derivado, simples. Núcleo	Jarro grande
Cáliz (espanhol)	/káliθ/	Substantivo concreto, inanimado, simples. Núcleo sintagmático nominal	masculino derivado, simples. Núcleo	Cálice
Cálice (português)	/kálisi/	Substantivo concreto, inanimado, simples. Núcleo sintagmático nominal	masculino derivado, simples. Núcleo	Cálice

Se compararmos os léxicos *vaso* /básu/ espanhol com /vázu/ do português, percebemos que é evidente a discrepância de sentido quando se realizam em situação de contraste, porém não em sua totalidade.

O léxico *vaso* se originou do latim vulgar *vasum*, que, por sua vez, procedeu do latim clássico *vas/vasis*, que tinha como significado ‘toda e qualquer peça côncava que pode conter sólido ou líquido; peça côncava usada para cultivar plantas ou para adornar jardins, edifícios, etc; por extensão, tudo o que é susceptível de conter alguma coisa, invólucro, receptáculo’.

A palavra *vaso* teve seu primeiro registro na língua espanhola no século X, enquanto que na língua portuguesa apareceu posteriormente no século XIV. Como *urna* decorativa, o *vaso* (português) ficou conhecido por causa de sua utilização na cultura grega. No entanto, sua introdução como peça decorativa em salões, se deu no início no século XVII e sua produção industrial ocorreu no século XVI, e desde então foi sendo aperfeiçoado tanto como peça ornamental quanto como *recipiente* onde se colocam plantas ornamentais (COROMINAS e PASCUAL, 1983; MACHADO, 1995; MASIP, 2007).

Apesar do vocábulo *vaso* ter se especializado em cada uma das línguas no tocante ao sentido, se faz necessário observar que a ideia de ‘recipiente’ para conter alguma coisa’ advinda do latim clássico, permanece até hoje nos idiomas referidos. Enquanto *vaso* /báso/ em espanhol, ficou restrito a significar recipiente que serve para guardar líquido para consumo humano, em português, /vázu/ expandiu seu significado para recipiente que guarda quaisquer tipos de líquido ou sólido quer sejam eles para consumo humano ou não (MASIP, 2013).

Quando analisamos contrastivamente pares de mesmo étimo com sentido díspar, verificamos que são unidades léxicas cujos significantes podem coincidir no âmbito

ortográfico, ou fonético, ou fonológico, ou ainda apresentar coincidência de igualdade nos âmbitos referidos, porém, com significado mais estendido em uma das línguas e mais restrito na da outra. Esse fato nos leva a crer que a nomenclatura *falsos cognatos* utilizada por muitos pesquisadores da literatura linguística, é inoportuna para a análise de pares de palavras que são advindas de mesmo étimo.

Para início das investigações, se faz necessário observar que *vaso* deriva do termo *envase*, que por sua vez é formado a partir de uma derivação regressiva do verbo *envasar*. De *vaso* temos a origem de outro falso cognato na forma diminutiva *vasija* /basíxa/ que apesar de ser um referente coletivo de diversos recipientes de cozinha, também pode significar ‘pieza cóncava y pequeña, de barro u otra materia y de forma común u ordinaria, que sirve para *contener especialmente líquidos* o cosas destinadas a la alimentación’ (RAE, 2015). Já seu correspondente em português, *vasilha* /vasíla/, ficou restrito a destinar-se um recipiente que guarda líquido ou sólido (AURÉLIO, 2001). Por sua vez, *vajilla* que provém do latim *vascēlla*, proveniente do plural de *vascellum* que significa ‘vaso pequeno’, também se destina a um conjunto de pratos, copos, xícaras que servem à mesa (MIRANDA POZA, 2014).

O que podemos perceber é que além das especificações que cabe às línguas geneticamente aparentadas, é preciso também conceber a hipótese que estão organizadas a partir de uma série de estruturas reunidas em torno delas por alguma ou algumas características de significado em comum, denominado *semas*. Cada uma dessas características recebe o nome de *campo léxico* (MIRANDA POZA, 2014).

A noção de *campo semântico* sob a ótica do estruturalismo moderno faz-se plausível à teoria da tradução, já que todo sistema linguístico se conecta com o mundo exterior que lhe é próprio e, portanto, se diferencia de outras línguas ou de outras etapas da mesma língua.

Na verdade, o que queremos chamar atenção é que para esse tipo de fenômeno se faz necessário observar, além da especificidade de sentido que cada língua aporta se, de fato, é coerente defender a teoria que embasa a nomenclatura dos *falsos cognatos*, já que a diferença de sentido não existe em sua totalidade quando se trata de vocábulos oriundos de mesmo étimo.

Estabelecida a hipótese de nossa investigação, nos desperta a atenção o fato de que mesmo sendo hipônimos entre si do vocábulo ‘recipiente’, apresentarem equivalência e serem elementos contíguos, o termo *vaso* que existe tanto na língua portuguesa quanto na língua espanhola não se correspondem no tocante ao sentido pelo menos em parte. Na verdade, o

termo *vaso* espanhol corresponde ao termo *copo* do português. Já *copa* da língua espanhola – referente que não mantém ligação direta com o *copo* lusitano - guarda a ideia de um objeto que serve para beber líquido de teor alcoólico, se relaciona diretamente com *taça* por serem elementos que se destinam às mesmas funções em suas respectivas línguas.

Taza do espanhol, porém, não possui nenhuma ligação direta com *taça* do português, contudo é um termo que refere à *xícara* porque ambos os léxicos além de estarem no mesmo campo semântico, cobre a ideia de que se trata de recipientes que possuem uma alça para suporte humano e que, geralmente, servem para armazenar bebidas quentes, tais como chá e café. Por sua vez, *xícara* do português não é correspondente direto de *jícara* do espanhol, já que esse termo faz referência a um tipo de recipiente que serve para beber chocolate. Em português, *vaso*, que não apresenta correlação direta como o *vaso* do espanhol, se relaciona com *jarrón* da língua espanhola, pois em ambas as línguas, os respectivos recipientes tanto servem como adorno como também para conter flores. Já *cáliz* do espanhol é correspondente do termo *cálice* em português pelo menos em parte. Em ambas as línguas o uso desses recipientes se configura como co participante de um ato religioso, porém, na língua portuguesa, *cálice* apresenta uso mais estendido, já que tanto pode ser utilizado em cerimônias religiosas, quanto pode servir de recipiente para tomar vinhos, licores e etc.

Porém, para uma análise contrastiva mais detalhada do campo léxico-semântico, se faz necessário antes buscar o sentido dos léxicos, tanto da língua espanhola quanto da língua portuguesa, em dicionários das respectivas línguas, para suporte dos objetivos pretendidos.

Para a averiguação histórica da língua espanhola, recorremos ao *Diccionario Crítico Etimológico Castellano e Hipânico* (1983) e para constatação do sentido lexical na atualidade, utilizamos o *Diccionario da Real Academia Espanhola* (2001):

Vasija: “Designación genérica aplicada a numerosos recipientes” (MOLINER, 2007: II, p. 3007). / “Pieza côncava y pequena, de barro u outra material y forma común u ordinaria que sirve para contener especialmente líquidos o cosas destinadas a la alimentación” (REAL ACADEMIA, 2001, p.1543).

*Vaso*₁. “Vasija de vidrio u outro material de forma generalmente cilíndrica o troncocónica, que se emplea para beber” (MOLINER, 2007: II, p.3007. / “Recipiente de metal, vidrio u otra matéria, por lo común de forma cilíndrica, que sirve para beber (REAL ACADEMIA, 2001, p. 1543).

*Vaso*₂. “Aplicado a las decorativas usadas para contener flores, etc..., vasija”(MOLINER, 2007,II 3007)./ “Obra de escultura, en forma de jarrón florero o pebetero, que, coloca sobre um zócalo, pedestal o peana que sirve para decorar edificios, jardines,etc.;pieza côncava de mayor o menor tamaño capaz de contener algo” (REAL ACADEMIA, 2001,p.1543).

Taza. “Vasija profunda, de diversas formas, em que se tomam líquidos” (MOLINER, 2007: II,p. 3007)./” Vasija pequeña, por lo común de loza o metal y com asa, empleada generalmente para tomar líquido” (REAL ACADEMIA, 2001, p.1455).

Tazón. “Recipiente aproximadamente semiesférico, sin asa, usada igual que las tazas grandes o de desayuno” (MOLINER, 2007: II,p. 2830)./ “ Recipiente comúnmente mayor que una taza, de contorno aproximadamente semiesférico, a veces con pie diferenciado y generalmente sin asa” (REALACADEMIA, 2001, p. 1455).

Jícara. “Tacita pequeña con el fundo muy grueso que se usaba particularmente para el chocolate” (MOLINER, 2007: II, p. 1706)./ “ Vasija pequeña, generalmente de loza, que suele emplearse para tomar chocolate” (REAL ACADEMIA, 2001, p. 891).

Copa. “Vasija para beber, constituída por um cuenco, generalmente de forma acampanada, sostenido sobre um pie” (MOLINER, 2007: I, p.491)./ “Vaso con pie para beber” (REAL ACADEMIA, 2001, p.273).

Cáliz. “Vaso de forma de copa, donde se pone el vino que se consagra en la missa” (MOLINER, 2007: I, p.491)./ “ Vaso sagrado de oro o plato que sirve en la missa para echar el vino que se ha de consagrar” (REAL ACADEMIA,2001, p.273).

Jarra. “Vasija de loza, porcelana, cristal, etc., con asa y generalmente con un pico en el borde para echar bien el líquido” (MOLINER, 2007: II, p. 1702)./ “ Vasija de barro, porcelana, loza, cristal, etc.,con cuello y boca anchos y anchos y una o dos asas” (REAL ACADEMIA,2001, p. 891).

Jarro. “Jarra” (MOLINER, 2007: I702)./“ Vaso, por lo general de porcelana, artísticamente labrado, para adornar consolas, chimeneas, etc.” (REAL ACADEMIA, 2001, p. 891). *Jarrón*. “Vasija de adorno, por ejemplo para sostener flores, de forma semejante a la de una *jarra*” (MOLINER, 2007: I702); “Vaso, por lo general de porcelana, artísticamente

labrado, para adornar consolas, chimineas, etc” (REAL ACADEMIA, 2001, p. 891).

Figura 1. Campo léxico ‘recipiente’ espanhol

	S ₁	S ₂	S ₃	S ₄	S ₅	S ₆	S ₇	S ₈	S ₉	S ₁₀	S ₁₁	S ₁₂	S ₁₃	S ₁₄	S ₁₅	S ₁₆	S ₁₇	S ₁₈	S ₁₉	S ₂₀	S ₂₁
Vasiija	+	≠	+		+																+
Vaso ₁	+	+	≠	+	+					+	+										
Vaso ₂	+		+	+																	
Taza	+	+	+	+			+														
Tazón	+	+	+	+		+		+												+	
Jícara	+	+	+	+										+	+						
Copa	+	+	+	+															+		
Cáliz	+	+	+	+									+			+			+		
Jarra	+	+	+					+		+							+				
Jarro	+	+	+	+			+										+				
Jarrón	+		+					+			+	+					+	+			

FONTE: Miranda Poza (2014)

Observado o sentido que os léxicos aportam, é possível, a partir daí, ver estabelecer os campos léxico-semânticos da língua espanhola e da língua portuguesa com referência aos objetos que comportam a ideia de ‘receptáculo’:

Já para a averiguação do sentido da língua portuguesa, recorremos ao *Novo Aurélio Século XXI: O dicionário da língua portuguesa* (1999) para a observação da evolução histórica do léxico e o *Dicionário Houaiss da Língua Portuguesa* (2001) para averiguação do sentido das palavras analisadas nos dias atuais:

Vasilha. “Vaso para líquidos”; Bra. “Recipiente de uso doméstico, utilizado particularmente para guardar ou conter alimentos” (FERREIRA, 1999, p.2050)./ “Qualquer vaso usado para guardar líquido”; Bra. “Tipo de recipiente que serve para conter ou guardar líquidos ou sólidos, especialmente alimentos” (HOUAISS & VILLAR, 2001, p.2832).

Vaso. “Qualquer objeto côncavo próprio para conter substâncias líquidas ou sólidas”; Peça análoga que se enche de terra e onde se plantam flores” (FERREIRA, 1999, p.2050)./ Recipiente côncavo, de vários formatos, próprio para conter substâncias líquidas ou sólidos”; “Esse tipo de objeto feito de material delicado, servindo de peça ornamental, gen. usado como floreira”. “Jarro”. (HOUAISS & VILLAR, 2001, p.2832).

Jarro. “Vaso alto e bojudo, com asa e bico, próprio para água, e us. em geral, para deitar água nas mãos ou na bacia onde se lavam as mãos” (FERREIRA, 1999, p. 1157)./ “Vaso alto, ger. Com asa e bico, onde se põe água, vinho e etc”; “Vaso para decoração ou para conter flores” (HOUAISS & VILLAR, 2001, p.1676).

Copo. “Vaso em geral cilíndrico, sem tampa, que serve para beber” (FERREIRA, 1999, p. 550)./ “Recipiente de vidro, cristal, plástico, etc. ger. cilíndrico, sem asa e sem tampa, pelo qual se bebe” (HOUAISS & VILLAR, 2001, p. 831).

Xícara. “Pequena vasilha com asa para servir em especial bebidas quentes, como, p.ex., café, chá, leite, etc.” (FERREIRA, 1999, p.2097)./” Pequeno recipiente us.es. para bebidas quentes com asa para facilitar sua manipulação” (HOUAISS & VILLAR, 2001, p.2896).

Taça. “Vaso largo de pouca profundidade, ger. Provido de pé, para beber” (FERREIRA, 1999, p. 550)./ “ Copo cilíndrico com haste, us. Para beber vinho, champanhe, conhaque, etc.” (HOUAISS & VILLAR, 2001, p. 2655).

Copa. “Vaso de covo; taça; copo” (FERREIRA, 1999, p. 550)./” Vaso fundo de dimensões e formas variáveis, para bebidas; taça”; Des. Peça artística com essa forma ou outra análoga, de metal nobre e com inscrições alusivas, que se dá como prêmio ao vencedor de uma competição” (HOUAISS & VILLAR, 2001, p.830)

Jarra. “Vaso para água ou para flores; jarro” (FERREIRA, 1999. p. 1156)./“ Recipiente para líquidos; vaso, ger. com asa de bico para acondicionar ou beber agua e vinho (HOUAISS & VILLAR, 2001, p.1676).

Cálice. “Vaso empregado na missa para a consagração do vinho”; “ Copo com pé, de pequena dimensão, para vinhos licores e/ou outras bebidas” (FERREIRA, 1999, p. 372)./ “ Espécie de vaso, quase cilíndrico, us. durante a realização da santa missa, para a celebração do vinho”; “copo de forma aprox. semiesférica, alongada ou semelhante a um cone invertido, que tem um pé formado por uma haste mais ou menos comprida e uma base ger. circular; us. para certos tipos de vinho, licores, etc.” (HOUAISS & VILLAR, 2001, p.575).

Figura 2. Campo léxico ‘recipiente’ em português

	S ₁	S ₂	S ₃	S ₄	S ₅	S ₆	S ₇	S ₈	S ₉	S ₁₀	S ₁₁	S ₁₂	S ₁₃	S ₁₄	S ₁₅	S ₁₆	S ₁₇	S ₁₈	S ₁₉	S ₂₀	S ₂₁	S ₂₂	S ₂₃
Vasilha ₁	+	+	+																				
Vasilha ₂	+	≠																					
Vaso ₁	+	≠	+																				
Vaso ₂	+		+								+	+						+					
Jarro ₁	+	+	+				+			+										+			
Jarro ₂	+		+																				
Copo	+	+		+	+																		
Xícara	+	+		+		+	+				+	+									+		
Taça	+	+		+	+														+				
Copa	+		+										+									+	
Jarra	+	≠					+			+		≠											
Cálice ₁	+	+	+	+																			
Cálice ₂	+	+	+	+															+				+

FONTE: Miranda Poza (2014)

Portanto, para se fazer um estudo mais detalhado sobre o léxico, é preciso, além de observar sua herança linguística e o significado de cada um deles, situá-lo no tocante ao significado que ocupa, com oposições sucessivas em relação ao significado de outras palavras que formam o campo juntamente com ele. Sendo assim, o campo léxico de cada língua foi estabelecido com base nos 23 *semas* com os quais se pode demonstrar oposições léxicas entre os elementos enfrentados de acordo com o significado de cada língua, ponderando seus limites dentro de uma situação específica de uso (MIRANDA POZA, 2014; SALVADOR, 1985):

Quadro 4. Interpretação dos semas

SEMA	SIGNIFICADO
S ₁	‘recipiente’
S ₂	‘que contém líquidos’
S ₃	‘côncavo’
S ₄	‘para beber’
S ₅	‘cilíndrico’

S ₆	‘semiesférico’
S ₇	‘com uma asa’
S ₈	‘com duas asas’
S ₉	‘sem asa’
S ₁₀	‘com um bico na borda’
S ₁₁	‘decorativo’
S ₁₂	‘que contém flores’
S ₁₃	‘de ouro, prata ou material nobre’
S ₁₄	‘de louça’
S ₁₅	‘para tomar chocolate’
S ₁₆	‘sagrado para consagração de uma missa’
S ₁₇	‘com boca e pescoço largo’
S ₁₈	‘com porcelana ou material delicado’
S ₁₉	‘com pé’
S ₂₀	‘de tamanho grande ou alto’
S ₂₁	‘pequeno’
S ₂₂	‘troféu de competição esportiva’
S ₂₃	‘para certas cores’

FONTE: Miranda Poza (2014)

Em espanhol S₁₄ se refere a *loza* e S₁₅ serve identificar um recipiente de pequeno porte no qual se toma chocolate. Essas características são importantes na hora de particularizar cada recipiente, já que compartilham equivalências entre si e são decisivas no momento de

elucidar *jícara* que alude a um tipo de *taza* do espanhol que, geralmente, é do tamanho a que se refere S₂₁, ou seja, de maior tamanho.

Entretanto, em português, o termo *xícara*, que tem a mesma origem de *jícara* do espanhol, não apresenta especificidade para uso, embora existam vários tipos e tamanhos de pequenos ‘recipientes’ com ‘asa’ que se destine a bebidas quentes. Conclui-se então que, enquanto no espanhol houve uma restrição no tocante à utilização, no português o significado foi mais estendido.

Já *taça*, em português, que embora faça alusão a um recipiente de uso neutro que apresenta em sua forma composicional um ‘pé’, dependendo do contexto, não comporta o mesmo sentido de *copa* da língua espanhola. *Copa*, na língua portuguesa, pode tanto denotar um lugar de refeição quanto simbolizar um prêmio esportivo. Observa-se então que a ideia de recipiente em S₂₂, chega a fugir totalmente da ideia de um objeto que serve para conter alguma coisa, quer seja de natureza sólida ou líquida.

Vaso do espanhol especializou seu sentido para recipiente que contém líquido para consumo humano, enquanto que no português, *vaso* se refere a qualquer objeto côncavo que é próprio para guardar substância líquida ou sólida; porém desde o século XII, por influência grega, juntamente com a ideia de ‘receptáculo’, lhe foi agregado *valor ornamental*.

Como referente de *vaso* da língua portuguesa, temos o aumentativo de *jarro* do espanhol *jarrón*, que se enquadra no mesmo sentido: “*Vasija de adorno, por ejemplo para sostener flores, de forma semejante a la de una jarra*”; *Vaso, por lo general de porcelana, artísticamente labrado, para adornar consolas, chimineas, etc*” (MOLINER, 2007, p. 1702 ; REAL ACADEMIA, 2001, p. 891).

O interessante é observar que mesmo que os dicionários supracitados coadunem com a mesma ideia no que se refere ao sentido que *jarrón* aporta dentro da língua castellana, não é de se espantar que Moliner (2007) compare o aumentativo de *jarro* com *vasilha* e a Real Academia (2001), com um *vaso*. Isso nos leva a crer que quando se trata de elementos contíguos, hiperônimos entre si e equivalentes, faz-se realmente necessário considerar cada sema em sua particularidade, para que, mesmo guardando o mesmo sentido, a comparação seja feita entre os elementos mais similares do campo.

Cálice, no português é utilizado não só para beber vinho sagrado, mas também se destina a beber licores juntamente com *taça*, o que justifica a presença do S₂₃ que se refere à ideia de um objeto que guarda certos licores. No entanto, em espanhol, *cáliz* especializou seu sentido para recipiente que guarda somente o vinho sagrado de cerimônias religiosas.

Para finalizar, observamos que muitas das características que especificam alguns recipientes, não são relevantes na relação de reconhecimento quando analisamos contrastivamente as línguas referidas. Em S₈ a unidade mínima significativa faz alusão a um recipiente que pode vir com uma ‘asa’ ou duas. Em S₉, a alteração semântica não se mostra muito relevante na identificação de um elemento, pois se trata de um sema específico para representar a ausência de ‘asa’ para o manuseio humano. No S₁₄ o sema é identificado pelo material de que é feito. E em S₁₅, seu valor se concretiza a partir do objetivo para o qual é destinado: recipiente para tomar chocolate.

Os semas S₂₂, que se refere a troféu de competição esportiva, e S₂₃, que faz menção a recipiente que guarda licores, não se configuram importantes para análise do campo léxico-semântico ‘recipiente’, haja vista que na língua espanhola não exista correspondência com a língua portuguesa para o mesmo campo.

Sendo assim, após a análise detalhada das características mínimas de cada sema, faz-se necessário estabelecer entre os elementos inseridos no mesmo campo, uma análise contrastiva baseada nos critérios avaliativos de *inclusão* ou *abrangência*, *equivalência*, *associação* e *participação* dos seguintes teóricos: Pottier, Greimas, Baldinger, Lyons, Schanff, T. de Mauro, Steinberg, Firth, Trier, Bally, Giraud, Matoré, Ulmann, Katz, Bendix, Apresjan, Dubois, Masip.

Dentro do critério de *inclusão*, encontramos a *hiperonímia* que dá ideia de um todo, da qual se originam ou ramificam outras partes com o mesmo teor ou significado. Já a *hiponímia*, que é exatamente o oposto da *hiperonímia*, se refere à palavra que indica cada parte ou cada item de um todo. A *heteronímia*, outro evento que também se configura como abrangente, se refere ao sistema que regula as normas de conduta de cada elemento dentro do campo.

Em relação à *equivalência*, encontramos a proximidade de sentido que são correspondentes entre si ou que possuem alguma afinidade de natureza ou função. Por *associação*, os critérios de contiguidade se baseiam na vinculação entre os elementos inseridos no mesmo campo. O que caracteriza os elementos *contíguos*, mais especificamente, é a proximidade ou ligação significativa existente entre eles. Por último, temos no critério de *participação*, a implicação desse termo em atividades sequenciais que fundamentam sua existência.

Mediante isso, cabe aqui um quadro dos critérios elencados e a análise entre os termos envolvidos no campo léxico ‘recipiente’ da língua espanhola e portuguesa.

Figura 3. Campos semânticos, associativos ou nocionais de ‘recipiente’ em espanhol

	H I P E R Ó N I M O	H I P Ó N I M O	H E T E R Ó N I M O	E Q U I V A L E N C I A	C O N T I N E D O	A S A	M A S C U L I N O	F E M E N I N O	M Á S T A M A Ñ O	U S O N E M U T R O	U S O L I T Ú R G I C O	P I E	M E N O S T A M A Ñ O	A L C O H O L
Recipiente	X													
Vaso		X	X	X	X					X				
Vasija		X	X	X	X				X	X				
Taza		X	X	X	X	X				X				
Tazón		X	X	X	X				X	X				
Jícara		X	X	X	X					X			X	
Copa		X	X	X	X					X		X		X
Cáliz		X	X	X	X						X	X		X
Jarra		X	X	X	X	X		X	X	X				
Jarro		X	X	X	X	X	X		X	X				

Para análise de todos os pares, partimos do *hiperônimo* ‘recipiente’ que abarca em um mesmo campo semântico, todos os léxicos que comportam a ideia de objeto que se destina a guardar substâncias quer sejam sólidas, quer sejam líquidas e que, portanto, formam parte de uma mesma rede significativa.

Vaso x Vasija. *Vaso* coincide com *vasija*, não apenas por serem hipônimos de ‘recipiente’, mas também pela heteronímia que existe entre eles e que encerra por guardar a mesma ideia de receptáculo. Além de não apresentarem um fim específico para uso, são correspondentes e contíguos, porém diferem no quesito tamanho, já que *vasija* se refere a mais de um recipiente, e portanto não se restringe a um único receptáculo que guarda algo.

Vaso x Taza. Entre *taza* e *vaso* existe uma relação de hiponímia, pois ambos os léxicos estão contidos no conjunto de ‘recipiente’, apresentam relações entre si de equivalência e são contíguos. Porém, *taza* é um recipiente de menor tamanho quando comparado a *vaso* e traz em si uma ‘asa’ para facilitar o manuseio humano, já que é geralmente utilizado para servir bebidas quentes. *Vaso*, no entanto, na língua espanhola, serve para guardar todo tipo de líquido destinado a ingestão humana.

Vaso x Tazón. A relação mantida entre *vaso* e *tazón* se realiza por serem ambos hipônimos de ‘recipiente’ e que por causa dessa característica, conseguem manter relações semânticas. Além disso, são equivalentes, correspondentes ao mesmo tempo e também não apresentam uso específico. Porém, diferem nos tamanhos e na estrutura, pois *tazón* é um recipiente que apresenta maiores dimensões e um ‘pé’ como suporte.

Vaso x Jícara. Se compararmos *vaso* com *jícara*, é possível observar que se relacionam semanticamente por estarem inseridos no hiperônimo ‘recipiente’, e que, portanto, faz com que os mesmos sejam heterônimos entre si, equivalentes e contíguos. Mesmo não apresentando uso específico, *jícara* destina-se, particularmente para beber chocolate, enquanto que *vaso* é utilizado para beber quaisquer tipos de líquido.

Vaso x Copa. A intercessão entre eles ocorre pelo fato de serem heterônimos entre si, hipônimos de ‘recipiente’, estarem inseridos dentro de um mesmo contexto e por apresentarem contiguidade. A diferença ocorre pelo fato de *copa* apresentar um ‘pé’ para facilitar sustentação do recipiente, e seu uso é destinado geralmente à ingestão de bebida alcoólica, enquanto *vaso*, por apresentar um alcance mais genérico, serve tanto para as bebidas alcoólicas quanto para as que não são.

Vaso x Cáliz. São palavras que se relacionam entre si por estarem situados no mesmo campo semântico. Além disso, são hipônimos de ‘recipiente’, equivalentes e contíguos. Portanto, como característica diferencial, além de sua forma que apresenta um ‘pé’ em sua base constitutiva para facilitar a manipulação humana, *cáliz* é utilizado especificamente em

rituais religiosos para ingestão de vinho, enquanto que *vaso* não se destina a nenhum tipo de bebida específica.

Vaso x Jarra. São léxicos que se relacionam por serem hipônimos de ‘recipiente’, são heterônimos entre si, equivalentes, contíguos e apresentam uso neutro. Porém, se diferenciam nos seguintes aspectos: *jarra* é um léxico que se apresenta como substantivo do gênero feminino que possui uma ou duas ‘asas’ e tem maior dimensão que um *vaso*.

Vaso x Jarro. Se analisarmos *jarro* e *vaso*, observaremos que compartilham a mesma ideia de ‘recipiente’, e, portanto, são hiperônimos dele. Além disso, são palavras heterônimas entre si que apresentam equivalência, convivem lado a lado e portanto, o evento de contiguidade se realiza; são do gênero masculino e não apresentam uso específico. *Jarro*, diferentemente de *vaso*, possui maior tamanho e ‘asa’ para manuseio humano.

Vasija x Taza. A relação entre eles existe porque são hipônimos de ‘recipiente’, heterônimos entre si, apresentam semelhança por serem elementos que convivem lado a lado e também pelo fato de ambos não apresentarem especificidade para uso. Porém, para reconhecê-los em sua particularidade, é fundamental observar que *taza*, além de apresentar menor tamanho, é composta por uma ‘asa’ que serve para facilitar a manipulação humana, enquanto que *vasija* não apresenta suporte para o manuseio e é maior que uma *taza*.

Vasija x Tazón. No campo semântico, *vasija* e *tazón* coincidem entre si, são elementos contíguos, hipônimos de ‘recipiente’ e apresentam uso neutro. No entanto, *tazón* é comparada a uma xícara grande que não possui ‘asa’ e que, geralmente, é utilizada para tomar sopa, enquanto que *vasija*, além de possuir maior tamanho, guarda em si a ideia de um recipiente mais abrangente que tanto pode conter sólido como líquido.

Vasija x Jícara. São elementos contíguos, equivalentes, hipônimos de ‘recipiente’ e hiperônimos entre si. Porém, a diferença entre eles incide no fato de que *jícara* é comparada a uma xícara pequena, destinada geralmente para tomar chocolate. *Vasija*, no entanto, se comparada a *jícara*, possui maior tamanho e serve para guardar tanto sólido quanto líquido.

Vasija x Copa. Quando relacionamos semanticamente *vasija* e *copa*, observamos que aquele não só apresenta maior tamanho, como também maior possibilidade de agrupação tanto de sólido quanto de líquido. Já *copa*, além de apresentar um ‘pé’ para melhor apoio e sustentação do recipiente, geralmente, é destinada ao uso de bebidas alcoólicas. Porém, por

outro lado, são hiperônimos de ‘recipiente’, heterônimos entre si, equivalentes por se destinarem à mesma função e são considerados elementos contíguos.

Vasija x Cáliz. Já entre *cáliz* e *vasija* existem diferenças bem específicas. *Cáliz* é referente de um ‘recipiente’ que apresenta ‘pé’ em sua base e que é destinado à bebida de vinho em cerimônias religiosas. Já *vasija*, além de não apresentar especificidade quanto ao uso, apresenta maior dimensão que um *cáliz*. Já no quesito semelhança, tais léxicos apresentam similaridade entre si, são contíguos, correspondentes e hipônimos de ‘recipiente’.

Vasija x Jarra. São hipônimos de ‘recipiente’, heteronômicos entre si, são correspondentes por causa de sua natureza e/ou funcionalidade, não apresentam um uso específico e também se caracterizam por designarem elementos próximos. No entanto, *jarra* se apresenta na língua espanhola como substantivo feminino que pode apresentar uma ou duas ‘asas’ para manuseio humano e ‘bico’ para facilitar a transposição do líquido; já *vasija*, apesar de coincidir em vários aspectos com *jarra*, apresenta menor tamanho e tanto pode servir para guardar sólido quanto líquido.

Vasija x Jarro. São elementos contíguos, heterônimos entre si, hipônimos de ‘recipiente’ e equivalentes. No entanto, diferentemente de *vasija* que possui menor tamanho, *jarro* é um recipiente que apesar de apresentar grande semelhança com a *jarra*, só apresenta uma alça para suporte humano.

Taza x Tazón. A relação entre *taza* e *tazón* ocorre por estarem ambas dentro do mesmo campo semântico. São elementos hipônimos de ‘recipiente’, heterônimos entre si, equivalentes e contíguos. Porém, apesar de não serem específicos para uma determinada situação, *tazón* apresenta maior tamanho, e diferentemente de uma *taza* não apresenta ‘asa’ para facilitar o manuseio humano.

Taza x Jícara. Relacionam-se por serem elementos adjacentes que se prestam para o mesmo fim, são hipônimos de ‘recipiente’ e estão sujeitos aos mesmos valores do campo que os abriga. Mesmo não apresentando uma utilização para um fim específico, *jícara* se configura como um recipiente de menor dimensão que uma *taza* e que se destina, geralmente, para beber chocolate.

Taza x Copa. São hipônimos de ‘recipiente’, heterônimos entre si, mantêm conexão de contiguidade no tocante a ideia de objeto que serve para conter algo, possuem valores

idênticos e apresentam uso neutro. *Taza*, no entanto, se caracteriza por ser um objeto que possui ‘asa’ ou ‘alça’ para suporte do manuseio humano. Já *copa*, mesmo não apresentando ‘asa’ possui um ‘pé’ para manipulação - ao contrário de *taza* que geralmente se destina a líquidos quentes – serve, na maioria das vezes, para conter líquidos de teor alcoólico gelado.

Taza x Cáliz. A relação semântica é mantida pelo fato de serem elementos que estão em contato dentro do mesmo campo, possuem valores idênticos, são hipônimos de ‘recipientes’ e heterônimos entre si. No entanto, *taza* possui uma ‘alça’ em sua estrutura que serve como sustentáculo no ato do manuseio humano e não se destina a um uso específico. Já *cáliz*, mesmo apresentando um pé para manuseio e suporte, é recipiente exclusivo para o vinho em cerimônias religiosas.

Taza x Jarra. São elementos equivalentes, contíguos, hipônimos de ‘recipiente’ e heterônimos entre si. No entanto, *jarra* é de maior tamanho, apresenta ‘bico’, uma ou duas ‘asas’ e geralmente se destina a conter líquidos frios, enquanto que *taza* é de menor dimensão, apresenta ‘asa’ e, na maioria das vezes, é usado para bebida de líquido quente.

Taza x Jarro. São elementos que estão inseridos dentro do grupo que abarca a ideia de ‘recipiente’, estão dispostos lado a lado por possuírem valores semelhantes, hipônimos entre si e não apresentam uso específico. Porém, *jarro* é de maior tamanho, contém uma só ‘asa’ para manuseio humano e assim como *jarra*, geralmente, serve para guardar líquidos frios, enquanto que *taza*, se destina a guardar líquidos quentes.

Tazón x Jícara. São elementos que mantem relações de equivalência, contiguidade, são hipônimos de ‘recipiente’, pertencem à mesma estrutura semântica. Porém, *jícara*, além de possuir menor dimensão que uma *taza*, apresenta uma ‘asa’ para manuseio e, geralmente, é utilizada para bebida de chocolate.

Tazón x Copa. Apresentam similaridade porque são heterônimos entre si, contíguos, equivalentes e hipônimos de ‘recipiente’. No entanto, se diferenciam pelo fato de *copa* apresentar menor tamanho que *tazón*, possuir ‘pé’ para suporte e pelo fato de, na maioria das vezes, servir para conter bebida alcoólica.

Tazón x Cáliz. A relação mantida entre os dois léxicos se dá não só pela conexão semântica entre eles, mas também por serem elementos contíguos, equivalentes e hipônimos

de ‘recipiente’. No entanto, se diferenciam no quesito dimensional, pois *tazón* é de maior tamanho e não apresenta especificidade quanto ao uso.

Tazón x Jarra. Em relação à semelhança existente entre eles, podemos dizer que são elementos equivalentes, imediatos, fazem parte do conjunto que guarda ideia de ‘recipiente’, formam parte de uma mesma estrutura semântica e não possuem um uso específico. Porém, *jarra* se diferencia de *tazón* por conter uma ou duas ‘alças’ como suporte, é de maior tamanho e se enquadra no gênero feminino.

Tazón x Jarro. Configuram-se como elementos que se contactam dentro do mesmo campo, possuem valores idênticos, são hipônimos de ‘recipientes’, heterônimos entre si e não são específicos para um determinado tipo de uso. No entanto, *jarro* pertence ao gênero masculino, possui suporte para manuseio e é de maior tamanho.

Jícara x Copa. São léxicos que se caracterizam por serem hipônimos de ‘recipiente’, são correspondentes por causa da mesma funcionalidade que possuem dentro do campo, são similares e não possuem uso específico. No entanto, *copa*, diferentemente de *jícara*, possui um acessório para suporte e seu uso é mais direcionado à bebida alcoólica.

Jícara x Cáliz. Entre *jícara* e *cáliz* a relação entre os léxicos se realiza não só pelo fato de estarem conectados semanticamente, mas também por serem equivalentes, contíguos e hipônimos de ‘recipiente’. Entretanto, *jícara* se caracteriza por não ter uso específico e por ser de menor tamanho; em contrapartida, *cáliz* se destina ao uso específico de vinho em cerimônias religiosas e apresenta um ‘pé’ que serve como suporte e manuseio humano.

Jícara x Jarra. No tocante ao que se configura como similar, são elementos equivalentes, imediatos, fazem parte do conjunto que guarda ideia de ‘recipiente’, são integrantes da mesma estrutura semântica e não possuem uma especificidade de uso. Jarra, no entanto, possui uma ou duas ‘asas’, é do gênero feminino e possui maior tamanho que o de uma *jícara*.

Jícara x Jarro. São elementos contíguos, equivalentes, hipônimos de ‘recipiente’ e hiperônimos entre si. *Jarro*, porém, que se configura como objeto similar a uma *jarra*, é de maior tamanho, possui uma ‘asa’ e é do gênero masculino.

Copa x Cáliz. A relação mantida entre os dois léxicos se dá não só pela conexão semântica entre eles, mas também por serem elementos equivalentes, contíguos e hipônimos

de ‘recipiente’. Porém, a diferença acontece no tocante ao uso de *cáliz*, que é específico para conter vinho em cerimônias religiosas e também pelo fato de apresentar um ‘pé’ para sustentação do recipiente.

Copa x Jarra. São vocábulos que mantem relações de semelhança por serem hipônimos de ‘recipiente’, correspondentes, por terem a mesma funcionalidade dentro da língua, por pertencerem a mesma cadeia semântica e por possuírem uso neutro. *Jarra*, no entanto, apresenta como característica diferencial não só uma ou duas ‘asas’, mas também o fato de pertencer ao gênero feminino e possuir maior tamanho.

Copa x Jarro. A relação de semelhança que se realiza entre *copa* e *jarro* se faz evidente por serem hipônimos de ‘recipiente’. Além disso, são equivalentes e correspondentes ao mesmo tempo e também não se destinam a armazenar um líquido específico. Porém, no quesito gênero e tamanho se diferem, haja vista que *copa* se evidencia pelo fato de apresentar uma ‘asa’ para suporte humano.

Cáliz x Jarra. Configuram-se por serem elementos contíguos, equivalentes, hipônimos de ‘recipiente’ e hiperônimos entre si. *Jarra*, porém, é de maior tamanho, possui ‘asa’, e é do gênero feminino, enquanto *cáliz*, ao invés de possuir ‘alça’, possui um ‘pé’ para suporte e é de uso específico para rituais em cerimônias religiosas.

Cáliz x Jarro. A relação que existe entre ambos os léxicos ocorre pelo fato de não só estarem interligados semanticamente, mas também por serem hipônimos de ‘recipiente’, equivalentes e apresentarem contiguidade. Entretanto, *jarro* pertence ao gênero masculino, apresenta suporte para manuseio humano, é maior e possui um uso neutro.

Jarra x Jarro. Relacionam-se através da similaridade porque são heterônimos entre si, contíguos, equivalentes, não possuem especificidade quanto ao uso e por se manterem conectados à mesma estrutura semântica. Em relação à diferença que existe entre ambos os léxicos, *jarra* possui menor dimensão que *jarro*, possui um ‘pé’ como suporte e geralmente é utilizado para conter líquido alcoólico.

Figura 4. Campos semânticos, associativos ou nocionais de ‘recipiente’ em português

	H I P E R Ô N I M O	H I P Ó N I M O	H E T E R Ô N I M O	E Q U I V A L Ê N C I A	C O N T I N D A D E	A S A S C U L I N O	M A S C U L I N O	F E M I N O	M A I O R I T A M A N H O	U S O N E T U R O	U S O L I T Ú R G I C O	P É	M E N O R T A M A N H O	A L C O O L
Recipiente	X													
Vasilha		X	X	X	X				X	X				
Vaso		X	X	X	X					X				
Jarro		X	X	X	X	X			X	X				
Copo		X	X	X	X		X			X				
Xícara		X	X	X	X	X				X			X	
Taça		X	X	X	X				X			X		X
Copa		X	X	X	X	X		X				X		
Jarra		X	X	X	X	X		X		X				
Cálice		X	X	X	X						X			X

Vaso x Vasilha. São hipônimos de recipiente, heterônimos entre si, são correspondentes por desempenharem a mesma função, possuírem a mesma natureza e uso neutro e por serem elementos contíguos. No entanto, a diferença entre eles se faz sentir dentro do campo semântico em relação a dimensão que o *vaso* possui frente a *vasilha*.

Vasilha x Jarro. Entre eles, a relação semântica se realiza pelo fato de serem ambas hipônimos de ‘recipiente’, heterônimos entre si, manterem relação de contiguidade no tocante a um objeto que serve para agrupar algo sólido ou líquido e que, portanto, possuem valores idênticos. *Jarro*, no entanto, se diferencia de *vasilha*, por ser maior e por possuir *asa* em sua estrutura para manuseio humano.

Vasilha x Copo. São léxicos que se referem a elementos adjacentes por estarem na mesma esfera de significação e servirem para o mesmo fim. Além disso, são hipônimos de ‘recipiente’ e estão submetidos às regras do campo que os abriga. O que os diferencia é o fato de *vasilha* possuir não só maior tamanho que o *copo*, mas também pelo fato de poder abrigar, além de líquidos, alimentos sólidos.

Vasilha x Xícara. A relação mantida entre os léxicos se realiza pelo fato de ambos serem referentes de objetos que se contatam dentro do mesmo campo semântico. Além disso, possuem valores idênticos, são hipônimos de ‘recipiente’, equivalentes e contíguos. Porém, *Xícara* se configura em menor tamanho, possui ‘asa’ para facilitar o manuseio humano, já que, em especial, é um recipiente destinado à bebidas quentes.

Vasilha x Taça. Entre os dois léxicos a relação acontece pelo fato de ambos estarem conectados ao mesmo campo semântico, serem equivalentes, contíguos e hipônimos de ‘recipiente’. No entanto, *taça* se diferencia de *vasilha* por apresentar um ‘pé’ como base de sustentação e por, geralmente abrigar bebidas de ter alcoólico.

Vasilha x Copa. No tocante ao similar, são elementos equivalentes, imediatos, são hipônimos de ‘recipiente’, e integram a mesma estrutura semântica. Entretanto *copa*, mesmo sendo um objeto côncavo que possui várias dimensões e formas variáveis para uso de bebida, se especializou em peça artística que alude ao prêmio do vencedor em uma competição esportiva, enquanto *vasilha* não especializou seu uso, servindo, portanto, para guardar quaisquer substâncias sólidas ou líquidas.

Vasilha x Jarra. Relacionam-se através do processo de similaridade porque são heterônimos entre si, são elementos contíguos, de mesmo valor semântico e são referentes de substantivos femininos. A diferença entre ambos os léxicos se realiza pelo fato de que jarra, além de possuir ‘asa’ para suporte e bico para facilitar o manuseio humano, é específico para guardar líquido e não sólido.

Vasilha x Cálice. São léxicos que servem para nomear elementos contíguos, equivalentes, heterônimos entre si, e hipônimos da ideia de um objeto que serve para conter

algo. No entanto, cálice se configura em um recipiente de menor tamanho, possui ‘pé’ para o manuseio humano e geralmente se destina a bebidas de teor alcoólico em cerimônias religiosas.

Vaso x Jarro. Apresentam relação de contiguidade, são hipônimos de ‘recipiente’, heterônimos entre si, são elementos equivalentes e não apresentam especificidade quanto ao uso. Porém, o único elemento diferenciador entre eles, se dá pelo fato de *jarro* apresentar, na maioria das vezes, ‘asa’ e bico para facilitar o manuseio.

Vaso x Copo. São elementos hipônimos de ‘recipiente’, heterônimos entre si, são contíguos e equivalentes. Porém *copo*, além de destinar-se, especificamente, a guardar líquido para consumo humano, é um recipiente que geralmente não apresenta ‘asa’ nem tampa.

Vaso x Xícara. Configuram-se como elementos contíguos, equivalentes, hipônimos de ‘recipiente’ e hiperônimos entre si. Porém, a diferença entre eles ocorre pelo fato de xícara destinar-se a guardar líquido quente para consumo humano e também pelo fato de possuir ‘asa’ para facilitar a manipulação.

Vaso x Taça. A relação semântica entre vaso e taça se faz evidente pelo fato de serem ambas hipônimo de ‘recipiente’, por terem a mesma funcionalidade, por serem regidos pelas mesmas normas e por serem correspondentes. A diferença entre eles ocorre pelo fato de *vaso* apresentar maior dimensão, não ter uso específico para bebidas alcoólicas e não é provido com um ‘pé’.

Vaso x Copa. São hipônimos de ‘recipiente’, heterônimos entre si, se correspondem por causa de sua natureza e funcionalidade e são elementos de mesma natureza. Copa porém, se difere de *vaso* pelo fato de que seu uso, apesar de significar ‘vaso de diversas dimensões que serve para guardar líquido’ dentro da língua portuguesa, especializou seu uso para simbolizar um prêmio dado ao vencedor em um evento esportivo.

Vaso x Jarra. São elementos adjacentes que se prestam ao mesmo fim pelo fato de serem hipônimos de ‘recipiente’ e estarem submissos aos mesmos valores do campo semântico que os abriga. No entanto, *vaso*, frente à *jarra*, se apresenta portador de sentido mais amplo, ou seja, se refere a um objeto que guarda tanto líquido quanto sólido, enquanto que *jarra* se restringe a referir-se a um recipiente que guarda líquido e que é portador de ‘asa’ e de ‘bico’ para facilitar a manipulação humana.

Vaso x Cálice. Ambos os elementos estabelecem entre si relação heterônima, são hipônimos de ‘recipiente’, contíguos e equivalentes. No entanto, o ‘recipiente’ cálice além de apresentar menor tamanho, tanto serve para compor uma cerimônia religiosa quanto para guardar quaisquer líquidos de teor alcoólico.

Jarro x Copo. A relação entre eles ocorre pelo fato de serem ambos hipônimos da ideia de um objeto que serve para guardar alguma coisa, são heterônimos entre si, equivalentes e contíguos. No entanto, as características que os diferenciam parte tanto do uso como da dimensão física que ocupam. Enquanto que *jarro* apresenta maior tamanho, ‘asa’, ‘bico’ e serve para guardar tanto sólido quanto líquido, *copo* se restringe a significar ‘recipiente que serve para guardar líquido para consumo humano’.

Jarro x Xícara. São hipônimos de ‘recipiente’, heterônimos entre si, se correspondem por causa da funcionalidade e natureza que cada um tem e também por não apresentarem um uso específico. *Jarro*, no entanto, apresenta maior tamanho, ‘bico’ e serve para conter tanto sólido quanto líquido. Já xícara apresenta menor estrutura, se destina geralmente a guardar líquido quente para consumo humano e assim como jarro, apresenta ‘asa’ que auxilia o manuseio humano.

Jarro x Taça. São hipônimos de recipiente, elementos contíguos, equivalentes, heterônimos entre si e não possuem uso específico para líquidos ou sólidos. Porém, *taça* se configura em um recipiente de menor tamanho que apresenta um ‘pé’ como suporte para manuseio humano e que, geralmente é utilizada para guardar bebidas de teor alcoólico, enquanto *jarro* traz consigo a ideia de recipiente que tem como finalidade principal abrigar flores e adornar ambientes.

Jarro x Copa. São elementos que mantêm relação de equivalência, contiguidade, são hipônimos de ‘recipiente’ e hiperônimos entre si. *Copa*, porém, apesar de carregar em si a ideia de recipiente que serve para beber líquido, na atualidade agregou valor simbólico que faz menção ao prêmio dado em evento esportivo e apresenta em sua estrutura ‘asa’ para o manuseio humano. Já o referente *jarro* apresenta um uso mais abrangente, pois pode servir de recipiente tanto para flores como para líquido e apresenta em sua estrutura física ‘asa’ e ‘bico’ para facilitar a manipulação.

Jarro x Jarra. *Jarro* coincide com *jarra* não apenas por serem hipônimos de um objeto que guarda recipiente, mas também por serem heterônimos entre si, contíguos, equivalentes e apresentarem ‘asa’ e ‘bico’ em sua estrutura. Porém, a diferença incide no fato de que *jarra*, além de servir para abrigar líquidos ou flores - coincidindo dessa forma com *jarro* - especializou seu uso para ‘recipiente que serve para guardar suco’, além de guardar flores ou líquidos em geral para consumo humano. Além dessas características, a diferença também recai no fato genérico, já que aquele se refere ao gênero masculino e este ao feminino.

Jarro x Cálice. São elementos que se relacionam porque se contatam dentro do mesmo campo semântico, possuem valores idênticos, são hipônimos de ‘recipiente’, heterônimos entre si. Porém *cálice*, além de não apresentar ‘bico’ nem ‘asa’, ser de menor tamanho que o *jarro* e não servir para guardar flores e líquidos em geral, se especializou tanto em guardar vinhos em cerimônias religiosas, como também bebidas alcoólicas mais sofisticadas, tais como licor, por exemplo.

Copo x Xícara. São similares, equivalentes, imediatos, estão inseridos no mesmo conjunto que guarda a ideia de ‘recipiente’, não possuem especificidade de uso e estão inseridos na mesma estrutura semântica. A diferença incide no fato de que *xícara* se especializou em guardar bebidas quentes e apresenta em sua estrutura uma ‘asa’ para facilitar a manipulação humana, enquanto que *copo* é um vaso cilíndrico que serve para beber quaisquer tipos de líquido.

Copo x Taça. São equivalentes, contíguos, hipônimos de ‘recipiente’, hiperônimos entre si e não apresentam um uso específico dentro da língua portuguesa. A diferença incide na estrutura física de *taça* que apresenta um ‘pé’ para suporte e também pelo fato de ser mais utilizado para conter bebida alcoólica.

Copo x Copa. Ambos léxicos são heterônimos entre si, hipônimos de ‘recipiente’, equivalentes e contíguos. No entanto *copa*, na atualidade, além conter a ideia de recipiente que serve para beber líquido e apresentar ‘asa’ para manipulação, é símbolo de prêmio em competição esportiva, enquanto *copo*, que se apresenta com a forma genérica de um substantivo masculino, se restringiu a ‘recipiente’ que serve para beber de qualquer tipo de líquido.

Copo x Jarra. Relacionam-se através da similaridade porque são heterônimos entre si, contíguos, equivalentes, não possuem especificidade de uso e porque estão conectados à mesma estrutura semântica. *Jarra* porém, difere de *copo* por apresentar maior tamanho, ‘bico’ e ‘asa’ para manuseio.

Copo x Cálice. São elementos que se encontram interligados semanticamente, apresentam contiguidade, são heterônimos entre si, são contíguos e equivalentes. No entanto *cálice*, além de apresentar um ‘pé’ para manuseio humano, no português, serve como serve como suporte.

Xícara x Taça. Xícara coincide com *taça*, não apenas por serem hiperônimos entre si, mas também por guardarem a ideia de ‘recipiente’, serem contíguos, equivalentes e apresentarem uso neutro. Porém *xícara* em sua estrutura diverge de *taça*, pois traz ‘asa’ para

manuseio, e, no uso, geralmente é utilizado para servir bebidas quentes. Já taça, ao invés da ‘asa’, traz um ‘pé’ que serve para suporte e para beber qualquer tipo de bebida alcoólica.

Xícara x Copa. Entre xícara e copa existe uma relação de hiponímia, pois ambas estão inseridas no mesmo campo semântico de ‘recipiente’. Além disso, são contíguos e equivalentes. No entanto, *xícara* se especializou em ser um vaso que serve para beber líquidos quentes e apresenta ‘asa’ para facilitar a manipulação humana. Já a *copa*, apesar de apresentar ‘asa’ e formas variáveis e não se destinar a guardar líquidos quentes, especializou-se em significar símbolo de prêmio de campeonato esportivo.

Xícara x Jarra. Elementos contíguos, equivalentes, heterônimos de ‘recipiente’, hipônimos entre si e não apresentam uso específico. No entanto, apresentam diferenças entre si, no tocante à estrutura física. *Xícara* é de menor tamanho, apresenta ‘asa’ para tornar fácil a manipulação do recipiente que é usado geralmente para bebidas quentes, enquanto *jarra* é de maior tamanho, apresenta ‘asa’ e ‘bico’ e serve para conter líquidos e/ou flores.

Xícara x Cálice. São vocabulários que mantem relação de semelhança por serem hipônimos de recipientes, hiperônimos entre si, são correspondentes por terem a mesma funcionalidade, pertencem a mesma cadeia semântica. No entanto, diferentemente de xícara que apresenta ‘asa’ para manuseio de líquidos quentes, cálice apresenta ‘pé’ em sua estrutura e tem uso específico para cerimônias religiosas.

Taça x Copa. São interligados semanticamente pelo fato de serem hipônimos de ‘recipiente’, equivalentes, contíguos e hiperônimos entre si. Porém, diferem no quesito estrutura e uso. *Copa* apresenta maior tamanho e apesar de servir, a priori, para guardar líquido, na atualidade, não tem o mesmo fim de *taça*, que estruturalmente apresenta ‘pé’ para suporte.

Taça x Jarra. Relacionam-se através da similaridade porque são heterônimos entre si, equivalentes, contíguos e não possuem uso específico. No entanto, *jarra* é de maior tamanho, apresenta ‘bico’ e ‘asa’ manuseio humano. *Taça*, geralmente serve para guardar líquido de teor alcoólico e apresenta ‘pé’ para suporte.

Taça x Cálice. Diferentemente de *taça* que não apresenta um uso específico, *cálice* é restrito para guardar vinho em cerimônias religiosas. No entanto, apresentam similaridade semântica quando se configuram como hipônimos de ‘recipiente’, equivalência, contiguidade e por serem hiperônimos entre si.

Copa x Jarra. São elementos contíguos, equivalentes, hipônimos de ‘recipiente’ e hiperônimos entre si. No entanto, apesar de copa ser uma peça côncava que denota

receptáculo para bebidas com dimensões e formas variáveis, sua finalidade ganhou status bem diferente do de uma jarra. *Copa* especializou o sentido em simbolizar um prêmio dado ao vencedor em uma competição esportiva.

Copa x Cálice. A relação de semelhança que se realiza entre copa e cálice se evidencia por serem hipônimos de ‘recipiente’, correspondentes por a priori terem a mesma finalidade e também por conviverem lado a lado dentro do mesmo campo semântico. No entanto, *cálice*, dentro da língua portuguesa, serve para guardar licores e vinhos, e igual à *copa* que apresenta um suporte para sustentação do recipiente, não ficou restrito às cerimônias de cunho religioso, como o *cáliz* da língua espanhola.

Jarra x Cálice. São léxicos que se coincidem por estarem dispostos dentro do mesmo campo semântico um ao lado do outro; são hipônimos de ‘recipiente’ e hiperônimos entre si. Porém *jarra* é geralmente destinada a conter flores ou água, possui ‘bico’ e ‘asa’ para facilitar o manuseio humano, enquanto *cálice*, apesar de ter a ideia de ‘recipiente’ e apresentar um ‘pé’ para facilitar o manuseio humano, é geralmente destinado a bebidas alcoólicas, quer seja em cerimônias religiosas ou não.

7. CONSIDERAÇÕES FINAIS

Ao longo de nossas investigações, as pesquisas realizadas nos permitiram chegar a algumas considerações a respeito das abordagens feitas em relação à denominação do fenômeno linguístico dos falsos cognatos – termo que optamos utilizar nesta pesquisa por atender melhor nossas propostas de investigações: a análise contrastiva entre o português e o espanhol no âmbito lexical, o processo de interlíngua e suas interferências durante o ensino-aprendizagem porque passam os aprendizes de espanhol como L2.

A primeira delas foi a de que não existe unanimidade em relação à denominação e aos conceitos que as teorias abarcam (FRANCIS, 2010). Se por um lado, há quem defenda o étimo como identificador do falso cognato (KOESSLEY e DEROCQUINNY, 1928; VINAY e DARBALNET 1977; PRADO, 1989; CRYSTAL 1991; BUGUEÑO MIRANDA, 1999; VAZ DE SILVA, 2003; MARTÍNEZ DE SOUZA, 2003; SABINO, 2006) por outro, existem aqueles que desconsideram a importância de sua origem (ANDRADE NETA, 2000; VITA, 2005; CHACÓN BELTRÁN, 2006; TORJANO PÉREZ, 2008; MONTAÑO RODRIGUEZ, 2009; VICENTE MASIP, 2013; MIRANDA POZA, 2014;) há também aqueles que incluem na definição tanto os vocábulos de étimo comum quanto aqueles que não possuem a mesma origem (CHUQUET e PARLLADIN 1987; LEIVA, 1994).

Verificamos, também, que o fenômeno de interferência linguística no momento de interação entre aprendizes de línguas que apresentam proximidade, como é o caso do português e do espanhol, vai além da atribuição da obviedade de que a suposta facilidade e transparência dos léxicos incidam diretamente no que se pode denominar de *falsos cognatos* – destacamos o termo escolhido para intitular nosso trabalho de investigação, por não compactuar da ideia de que a mudança ou especificação de sentido implique necessariamente na mudança de significado, já que quando se trata de palavras oriundas de mesmo étimo, o sentido da língua genitora não desaparece das línguas derivadas; ao contrário, elas o realizam de forma plural e ampliada, portanto não seriam considerados elementos falsos, incorretos ou errôneos.

É preciso, portanto, considerar além dessas questões recorrentes, fatores que elucidem desde a perspectiva histórica das línguas e as razões pelas quais tais léxicos se acomodam em campos e como se materializa a relação que particulariza e identifica um elemento em contraste com outro, tanto da mesma língua quanto da língua em contraste.

O que podemos concluir frente ao fenômeno linguístico em questão, é que, na realidade – independentemente da posição teórica que se defenda - o equívoco produzido se dá na *mente* do falante, e isso ocorre pelo simples fato desse falante não conseguir identificar, a priori, a especificidade de sentido que a reorganização confere ao léxico parecido ou similar na língua meta. Sendo assim, tal processo nos leva a crer que é possível relacionar o fenômeno dos falsos cognatos ao ramo da psicologia que se ocupa dos processos mentais humanos que acompanham os processos linguísticos, ou seja, da psicologia cognitiva (MIRANDA POZA, 2014).

Assim, cada indivíduo aprende a língua associando-a diretamente aos conceitos anteriormente adquiridos da sua língua materna, que faz parte de seu universo sociocultural. E para opinar sobre a relação entre linguagem e cognição, Silva (2004) nos traz uma importante contribuição sobre o fenômeno, assegurando que a linguagem é parte constitutiva da cognição e que se fundamenta em processos cognitivos sociointeracionais, culturais e que deve ser estudada dentro de um contexto.

Dessa forma, os fatores cognitivos são ativados estrategicamente por meio de processos que impulsionam e influenciam o indivíduo a fazer uso de seus conhecimentos prévios a seu favor, fazendo com que o mesmo tenha a impressão que possui um conhecimento amplo e autônomo dos léxicos que pertencem à língua meta.

E, dentre as informações armazenadas na memória, o léxico é fator fundamental nesse processo de coligação entre a nova informação e o conhecimento anteriormente adquirido. É neste conflito que incide o problema dos falsos cognatos: o aprendiz brasileiro, ao deparar-se com *vaso* na língua espanhola, por exemplo, tem em *mente*, ou seja, em seu conhecimento de mundo, que se trata de um léxico que denota a ideia de um receptáculo para quaisquer tipos de líquido e que não se configura, em primeira instância, em um recipiente específico para o consumo humano de um líquido.

Dessa forma, acreditamos ser de fundamental relevância para os professores de língua espanhola para brasileiros, que se observe nos vocábulos de mesma etimologia o que de fato provocou a diferença de sentido e a reorganização da estrutura linguística, concomitantemente com os valores atrelados aos vocábulos em questão dentro do campo léxico-semântico que estão inseridos.

Partindo dessas premissas, a resposta a nossa pergunta inicial que culminou em um trabalho investigativo para tal fenômeno, vai além da prática constante de se comparar vocábulos dentro do senso comum que remete ao conceito “de que os falsos cognatos são

palavras que possuem forma similar ou idêntica, porém que não se correspondem no tocante ao sentido”.

Embora, um dos objetivos dessa investigação tenha sido o de salientar a problemática que envolve o ensino-aprendizagem de um determinado grupo de léxicos advindos do mesmo tronco linguístico e de como eles se organizam em campos, queremos propor através de exercícios semelhantes aos que já foram feitos acima no duplo eixo, uma nova metodologia de análise. Primeiramente para reflexão do docente; segundo para a prática, aprendizagem e observação do estudante.

Diante do exposto, sugerimos aos professores de língua espanhola a seguinte proposta de exercício prático:

QUADRO 5.

Exercício prático sobre os falsos cognatos em campo léxico-semântico

1. Elige la alternativa que presente significación correcta respecto al *falso cognato* en negrita:

1. Vaso

- a) Pieza cóncava y pequeña, de barro u outra matéria, que sirve para contener especialmente líquidos o cosas destinados a la alimentación.
- b) Conjunto de recipientes, fuentes, vasos, tazas, etc., que se destinan al servicio de la casa.
- c) Recipiente destinado a guardar o conservar algo.
- d) Recipiente de vidrio metal u otra materia que sirve para beber líquido.

2. Apellido

- a) Nombre de familia que se distingue las personas, p.ej., Jiménez, López....
- b) Nombre o dicho gracioso con que se califica a alguien o algo sirviéndose ordinariamente de una ingeniosa comparación.
- c) Nombre que suele darse a una persona, tomando de sus defectos corporales o de alguna circunstancia.
- d) Nombre calificativo con que se distingue especialmente a una

persona.

3. Carroza

- a) Coche de caballos grandes, ricamente adornado.
- b) Vehículo o armazón con ruedas que se emplea para transportar objetos diversos, como el cesto de la compra libros, comidas, etc.
- c) Carruaje de cuatro ruedas de tracción animal, con una caja, dentro de la cual hay asiento para dos o más personas.
- d) Carro cerrado por los lados, pues no tiene ruedas herradas, sino calzadas con pinas de madera.

4. Rojo

- a) Dicho de un color que se encuentra entre el rojo y el azul.
- b) Color semejante al de la sangre.
- c) Color negruzca o amarillenta de la piel a consecuencia de un golpe u otra causa.
- d) Color amarilla como la yema del huevo.

5. Pastel

- a) Masa de harina y manteca cocida al horno que ordinariamente se envuelve crema o dulce.
- b) Masa de harina, con otros ingredientes, de forma redonda, que se cuece a fuego lento.
- c) Pieza esponjosa hecha con masa de harina y agua y cocida al horno.
- d) Pasta de maíz.

6. Aburrido

- a) Cansacio del ánimo originado por falta de estímulo o distracción.
- b) Impresión desagradable y molesta que hacen en el ánimo alguna cosa.
- c) Estar molesto, dessazonado
- d) Estado de ánimo enfurecido, alborotado

7. Embarazada

- a) Cohibido o incómodo para actuar con naturalidade.
- b) Dicho de una mujer preñada.
- c) Persona atraída por maña.
- d) Persona atrapada.

8. Oficina

- a) Lugar de trabajo manual.
- b) Lugar donde se arregla coches.
- c) Departamento donde trabajan empleados públicos o particulares.
- d) Lugar donde se hace restauración a objetos damnificados

9. Enojado

- a) Estado de ánimo enfadado
- b) Mareado con algunas comidas
- c) Estado de ánimo enfurecido
- d) Persona que presenta ánimo doble.

10. Sitio

- a) Lugar que es ocupado o puede serlo por algo.
- b) Propiedad rústica o urbana.
- c) Finca agrícola.
- d) Conjunto de bienes que alguien tiene.

A fim de que se compreenda de modo mais prático e claro o fenômeno dos falsos cognatos de mesma raiz etimológica, é necessário que se identifique o campo léxico-semântico em que se encontra e os elementos linguísticos que se conectam a ele dentro desse campo. Tão logo o aprendiz seja ciente do lugar que a palavra ocupa dentro da língua, se faz

necessário não só recorrer a um dicionário etimológico para averiguação do percurso histórico, como também a um dicionário atual para averiguação do sentido na fase hodierna dos léxicos envolvidos na análise, que também por razões históricas e evolutivas da língua se conectam tanto a partir de características permanentes como a partir de características variáveis, responsáveis pela particularização e identificação dos elementos frente a outros do mesmo campo. Só então, de posse de todos esses elementos, é que podemos compreender – muito mais além do intuitivo - o motivo da confusão semântica porque passa um aprendiz brasileiro de língua espanhola frente ao fenômeno dos falsos cognatos.

Por isso, defendemos a hipótese de que: para se chegar o mais próximo possível da significação pretendida da língua meta, faz-se necessário não só observar o sentido de cada vocábulo hodiernamente – como costumeiramente se vê em inúmeros livros didáticos: uma relação de palavras onde o aluno, intuitivamente incentivado, na maioria das vezes pelo professor, tenta acertar o sentido dos léxicos por apresentarem formas iguais ou parecidas ao de sua língua materna – como também averiguar os fatores que esclarecem os reais motivos pelos quais, desde o curso da história, entraram em contato com as línguas em contraste, provocando a reorganização dos sistemas linguísticos e dos respectivos valores existente em cada elemento atrelado.

Apesar de reconhecer as metodologias existentes para identificação dos falsos cognatos, acreditamos que uma análise baseada nas referências históricas e na linguística estrutural em que os elementos estão dispostos em campos léxico-semânticos, contribui para um melhor aproveitamento da habilidade compreensiva e consequentemente comunicativa do aprendiz brasileiro de língua espanhola.

Assim, defendemos o pressuposto de que o professor de espanhol deve incluir em sua prática docente os fundamentos teóricos que explicam o porquê desses desencontros, elucidando que o conflito não se explica a partir de uma comparação isolada de léxicos descontextualizados, mas sim a partir de uma rede de significações que ao mesmo tempo em que os reúne em um só campo, identifica-os e os particulariza mediante outros elementos, entendendo que o cognitivismo justifica o significado que é dado precocemente a partir de experimentos psicológicos que se materializa por meio da intuição na hora do transpasso de uma língua a outra.

8. REFERÊNCIAS

ALMEIDA FILHO, José Carlos Paes. Conhecer e desenvolver a competência Profissional dos professores de LE. In: **CONTEXTURAS: ENSINO CRÍTICO DE LÍNGUA INGLESA**, 9ª ed. São Paulo: APLIESP, 2006. p. 9-19.

ALONSO, Amado. La LL y sus alteraciones en España y América. Estudios dedicados a Menéndez Pidal, In: **Consejo Superior de Investigaciones Científicas (CSIC)**, tomo II. Madrid, 1951, p. 41-89.

ALONSO-CORTÉS, Ángel. Algunos supuestos fundamentales de la teoría lingüística. In: ALONSO-CORTÉS, Ángel. **Lecturas de Lingüística**, Madrid: Cátedra, 1989.

ANDRADE NETA, Nair. Floresta. Aprender español es fácil porque hablo portugués: ventajas y desventajas de los brasileños para aprender español. **Cuadernos Cervantes de la Lengua Española**, 29, 46-55, 2000. Disponible en: http://www.cuadernos cervantes.com/lc_portugues.html [Acessado em 27 fev 2015].

APRESJAN, Ju. D. “Analyse distributionnelle des significations et champs sémantiques structurés”. In: **Language 1**. Paris: Didier/Larousse.1966

BAKHTIN, Mikhail (Volochnikov). **Marxismo e filosofia da linguagem**. 9. ed. São Paulo: HUCITEC, 2002.

BALDINGER, K. **Teoría semántica**. Madrid: Gredos. 1970.

BARALO OTTONELLO, Marta. **Errores y Fossilización**. Madrid: Universidad Antonio de Nebrija, 1996.

BASSETTO, Bruno Fregni. **Elementos de filologia românica: história das línguas**. São Paulo: Editora da Universidade de São Paulo. 2001, vol.1.

BEHARES, Luis Ernestto. **Planificación lingüística y educación de la frontera urugaya con Brasil**. Montivideo: Instituto Iberoamericano del Niño, 1985.

BENVENISTE, Émile. Natureza do signo lingüístico. In: **PROBLEMAS DE LINGÜÍSTICA GERAL**, Campinas: Pontes, 2005.

BLOOMFIELD, Leonard. **Language**. New York: H.Holt, Rinerhart and Winston, 1933.

BRÉAL, Michel. Ensaí de Sémantique: **science des significations**. França: Hachette, 1924 [1904].

BUGUEÑO MIRANDA, Félix Valentín. **Os dicionários de falsos amigos**. Pelotas: Editora Universidade católica de Pelotas, 2008. p. 1-17.

CEOLIN, Roberto. 2003. Falsos amigos estruturais entre o português e o castelhano. In: **Revista Philologica Românica**. Disponível em: www.romaniaminor.net/ianua/ianua04/ianua04_05.pdf. Acessado em: 29 ago. 2015. pp. 39-48.

_____. **Consideraciones para un nuevo diccionario de falsos amigos español-portugués.** Cuibá: Polifonia, v. 6, 2003, p. 103-127.

CHACÓN BELTRÁN, Ruben. **Towards a Typological Classification of False Friends (Spanish-English).** Revista Española de Linguística Aplicada 19 (pp. 29-39), 2006.

CHAUÍ, Marilena. **Introdução à história da filosofia:** dos pré-socráticos a Aristóteles. São Paulo: Brasiliense, 1994.

CHOMSKY, Noam. **Regras e representações,** Rio de Janeiro: Zahar, 1981.

CHUQUET, Hélène; PAILLARD, Michel. **Approche linguistique des problèmes de traduction anglais-français,** Paris: Orphys, 1987.

COLOMBO, Sylvia. ¿Hablas español? In: **FOLHA DE SÃO PAULO ILUSTRADA,** São Paulo, quarta-feira, 28 de novembro de 2007. Disponível em: <http://www1.folha.uol.com.br/fsp/ilustrad/fq2811200707.htm> [Acessado em: 13 mar. 2015]

CORDER, Stephen Pit. Idiosyncratic dialects and error analysis. In: **INTERNACIONAL REVIEW OF APPLIED LINGUISTICS,** Inglaterra: Oxford University Press, 1971.

COROMINAS, Joan; PASCUAL, José Antonio. **Diccionario Crítico Etimológico Castellano e Hispánico.** Madrid: Gredos, 1983.

COSERIU, Eugenio. **Princípios de semântica estrutural.** Vers. esp. de Marcos Martinez Hernández, rev. por el autor. Madrid: Gredos, 1977, p. 49 - 147.

COROMINAS, Joan; PASCUAL, José Antonio. **Diccionario Crítico Etimológico Castellano e Hispánico.** Madrid: Gredos, 1983.

CRISTALDO, Janer. **Ministro exporta analfabetismo; 31 jan. 2005.** Disponível em: cristaldo.blogspot.com.br/2005/01/ministro-exporta-analfabetismo-no.html. Acesso em 15 jun. 2015.

CRYSTAL, David. **A Dictionary of Linguistics and Phonetics,** Blackwell Publisher: 3ª ed. Oxford, 1992.

_____. **¡Cuan falsos (algunos) amigos!** Rio Grande: Artesto, v. 10, 1999, p. 73-84.

DEACON, Terrence. **The symbolic species: the co-evolution of language and the brain,** New York: W. W. Norton, 1998.

DICIONÁRIO PRIBERAM DA LÍNGUA PORTUGUESA [em linha] 2013, <http://www.priberam.pt/dlpo/abatido> [consultado em 23-02-2015].

DURÃO, Adja Balbino de Amorim Barbieri. **Análisis de errores en la interlengua de brasileños aprendices de español y de españoles aprendices de portugués.** 2ª ed. mod. Londrina: Eduel, 2004.

DURÃO, Adja Balbino de Amorim Barbieri; WERNER, Reinhold. “**Caminhos para a seleção de nominata de um dicionário de falsos amigos**”. Working Papers in Linguistics, 12, 2011, p. 43-53.

ELIZAICÍN, Adolfo; BEHARES, Luis; BARRIOS, Graciela. **Nos falemos brasileiro**. Montevideo: Amesur, 1987.

_____. “**El español en Brasil**”. Háblame. Especialista en Español. 6. p. 14 – 17, 2009 .

_____. **Error Analysis and Interlanguage**. London: Oxford University Press, 1981.

FERREIRA, Itacira Araujo. *O português no contexto do Mercosul*. IN: ALMEIDA FILHO, José Carlos Paes de. **Português para estrangeiros: interface com o Espanhol**. 2ª ed. Campinas: Pontes, 2001, p. 39-47.

FIALHO, Vanessa Ribas. Proximidade entre línguas: algumas considerações sobre a aquisição do espanhol por falantes nativos de português brasileiro. EM: Espéculo. **Revista de estudos literários**, 2005. Disponível em: www.ucm.es/info/especulo/numero31/falantes.html

FIORIN, José Luiz. **Linguagem e Ideologia**. 2ª ed. São Paulo: Ática, 1990.

_____. **Fonología y Ortografía Españolas**. Recife: Bagaço, 2006.

FIRTH, J. R. **Papers in linguistics: 1934-1951**. Londres: Oxford University, 1957.

FRANCIS, Maria. Girata. Estudo metalexiconográfico de falsos amigos do português em relação ao espanhol em dicionários bilíngues gerais e em dicionários de falsos amigos. **Dissertação de Mestrado em Estudos da Linguagem**. Londrina: Universidade Estadual de Londrina, 2010.

FRITZ, Hensey. **The Sociolinguistics of the Brazillian-Portuguese border**. La Haya: Mouton, 1972.

GADOTTI, Moacir. **Diversidade cultural e educação para todos**. Rio de Janeiro: Graal, 1992.

GARCÍA YERBA Valentín. **Teoría y Práctica de la Traducción**, 3ª ed. Madrid: Gredos, 1997.

GECKELER, Horst. **Semántica estructural y teoria do campo léxico**. Madrid: Gredos, 1984.

_____. **Gramática, semántica, universales**. Madrid: Gredos, 1978.

GIRAUD, P. **La Semântica**. México: Fondo de Cultura Económica. 1988.

GOETTENAUER, Elzimar. Espanhol: língua de encontros. IN: SEDYCIAS, J. (Org). **O ensino do espanhol no Brasil: passado, presente, futuro**. São Paulo: Parábola Editorial, 2005.

GUITARTE, Guillermo. El ensordecimiento del zeísmo porteño. **Siete estudios sobre el español de América**; CLH–IFF–UNAM, Publicaciones del CLH, 13, México, 1983. p. 127-166.

GREIMAS, A. J. **Semántica estructural**. Madrid: Gredos.1993

HEGER, Klaus. **Teoría Semántica**. Madrid: Alcalá, 1974.

HJELMLEV, Louis. **Prolegómenos a una teoría del lenguaje**. Madrid: Gredos, 1975.

HOCKET, Charles Francis. **Curso de lingüística moderna**, Buenos Aires: EUDEBA,1971.

HOUAISS, Antonio. **Dicionário eletrônico Houaiss da língua portuguesa**. São Paulo: Objetiva, 2001.

ILARI, Rodolfo; GERALDI, João. Wanderley. **Semântica**. 10 ed. São Paulo: Ática, 2005.

_____. **Introdução à Linguística**. Recife: Editora Universitária da UFPE, (2011)

_____, José Carlos Paes. (org). **Português para estrangeiros interface com o espanhol**. Campinas: Pontes, 2001.

JUSTO GIL, Manuel. **Fundamentos del análisis semântico**, Santiago de Compostela: Universidade. Servicio de Publicación e Intercambio Científico, (1990).

KOESSLER, Maxime; DEROCQUIGNY, Jules. **Les faux amis ou le pièges du vocabulaire anglais**. Paris: Libraire Vuibert, 1928.

LADO, Robert. **Linguística Contrastiva**. Madrid: Ediciones Alcalá, 1973.

_____. **La universidade ante los desafíos de la enseñanza del español en Brasil**. In Eutonoma: Revista de Literatura e Linguística, v.10, pp.1 -23, 2012.

LEIVA, Myrian. Jeanette Serey. Falsos cognatos em português e espanhol. **Dissertação (Mestrado em Linguística Aplicada)**. Universidade Estadual de Campinas, Campinas, 1994.

LIBERALI, Fernanda Coelho; LIBERALI, André Ricardo Abbade. **Para pensar a metodologia de pesquisa nas ciências humanas**. Inter Fainc, Santo André, SP, v. 1, p. 17-33, jun./dez. 2011. Disponível em: <http://www.fainc.com.br/interfainc/revista/inter01.pdf>
Acesso em: out/2015.

LOMBELLO, Leonor Cantareiro. Articuladores e elementos de relação na aquisição de português por um falante de espanhol. In: **Trabalhos em Linguística Aplicada**, vol. 1, n. 2. Campinas: Unicamp, 1983, p. 89-111.

LOPES, Edward. **Fundamentos da lingüística contemporânea**. São Paulo: Cultrix, 2000.

LYONS, John. **Introdução a la linguística teórica**. Barcelona: Teide. 1971.

_____. **Semântica Estrutural**, Lisboa: Presença, 1974.

MARQUES, Rui. Semantic and Pragmatic Constraints on Mood Selection, in: Jaszozolt, K. M. e Ken Turner (orgs.), **Meaning Through Language Contrasts**, Vol.1, Amsterdam/Philadelphia: John Benjamins, 129-146, 2003.

MARTINET, André. **A linguística sincrônica**: estudos e pesquisas. Trad. de Lillian Arantes. Rio de Janeiro: Tempo Brasileiro, 1974.

MARTÍNEZ DE SOUZA, Jorge. **Diccionario de Lexicografía Práctica**. Barcelona: Biblograf, S.A., 1995.

MASIP, Vicente. **Armadilhas da língua espanhola**: um guia completo. Recife: Editora Universitária da UFPE, 2013.

_____. **Fonologia e Ortografia portuguesa**. Um curso para alfabetizadores. São Paulo: E.P.U 2000

_____. **Fonética y ortografía españolas**. Curso Integrado para brasileiros. Recife: Bagaço. 2003.

_____. **Semântica**. Curso-oficina sobre sentido e referência. São Paulo: E.P.U. 2003.

_____. **Gramática histórica portuguesa e espanhola**. Um estudo sintético e contrastivo. São Paulo: E.P.U. 2003

MILLÁS, Maria Leticia Nastari. Lidando com os falsos amigos: um estudo com base em livro didático e em corpus linguístico. **Dissertação (Mestrado em Estudos da Tradução)** – Universidade Federal de Santa Catarina, Florianópolis, 2012.

MIRANDA POZA, José Alberto. **Propuesta de análisis de falsos amigos en español y portuguê**s: *diacronia*, campo léxico y cognición (semântica de los prototipos). Valladolid: Editorial Verdelís, 2014.

_____. **La universidad ante los desafíos de la enseñanza de español en Brasil**. Eutomia (Recife), v. 10, 2012, p. 339-361.

_____. **Introdução à Linguística**. Recife: Editora Universitária da UFPE, 2011.

_____. “Gramática y enseñanza de ELE en Brasil. El alcance del cognitivismo y la importância del abordaje contrastivo”. Anuario Brasileño de Estudios Hispánicos, XX, 2010, p.39-50.

_____. “Consideraciones teóricas acerca de los conceptos de lexicografía, lexicología, semântica, significado y sentido”. En: DURÃO, AdjaBalbino Amorin Barbieri (org). **Por uma lexicologia bilingue contrastiva**. Londrina: Universidade Estadual de Londrina/Serviço de Publicações, 2009, p. 45-60.

MONTAÑO RODRIGUÉZ, Socorro. **Cognados y Falsos Cognados**: Su uso en la enseñanza del inglés. Mexicali Baja California: Universidad Autónoma de Baja California, 2009.

MONTERO, Helder Júlio Ferreira. La incidencia de los falsos amigos en la enseñanza del portugués a hispanohablantes. IN: **Actas del Congreso Internacional Luso-Español de Lengua y Cultura en la Frontera** (Cáceres, 1 al 3 de diciembre de 1994). Cáceres: Universidad de Extremadura, Tomo II, 1996, p. 189-27.

NAVARRO, Tomás. **La medida de la intensidad**. Boletín del Instituto de Filología de la Universidad de Chile. Santiago, Chile. 1964. p. 231-235.

NAVAS SANCHÉZ - ÉLEZ, Maria Victoria. “Interferencias del sistema lingüístico portugués en el aprendizaje de la lengua española”. In: **I Encuentro Internacional de la Unión Latina**, 1986. p. 141- 153.

NEMSER, W. Approximative System of Foreign Language Learners. In: **IRAL IX. Nº.2** 1971, p.115-123.

OGDEN C. K. e RICHARDS I.A. The Meaning of Meaning. **A Study of the Influence of Language upon Thought and of the Science of Symbolism**. Londres, Routledge & Kegan Paul, 1960 [primera edición 1923].

PARODI, Claudia. **El yeísmo en América durante el siglo XVI**. Anuario de Letras 15, 1977. p. 241-248.

PEIRCE, Charles S. **Semiótica**. 3. ed. São Paulo: Perspectiva, 2000.

_____. **Português para estrangeiros**: interface com o espanhol. Campinas: Pontes Editores, 1995.

_____. **Por detrás de la transparencia existe una opacidad!** La lectura por estudiantes brasileños de textos redactados en español. Anuario Brasileño de Estudios Hispánicos, Brasília, n. 12, p. 13-28, 2002.

PORZIG, Walter. **El mundo maravilloso del language**. Madrid: Gredos, in: Beneduzi, Renata (2008)

POTTIER, Bernard. A substância do significado. In: **Linguística geral: teoria e descrição**. trad. adap. Walmírio Macedo. Rio de Janeiro: Presença; Universidade Santa Úrsula, 1978. p. 61-96

_____. **Semántica general**. Madrid: Gredos.1993.

PRADO, Marcial. **Falsos amigos en lexicografía bilingüe**. Hispania, v.72, 1989, p.721-27.

REAL ACADEMIA ESPAÑOLA. **Diccionario de la lengua española**. 22ª ed.2001. Disponível em: <<http://www.rae.es/>>. Acesso em: 5 set. 2015.

RICHMAN, S. Hebert. **A comparative study of Spanish and Portuguese**. Department of Romance Languages, University of Pennsylvania, Ph. D. Thesis. 1965.

ROBINS, Robert. H. **General Linguistics: An Introductory Survey**. Great Britain: Longman, 1971.

RONA, José Pedro. **El dialeto fronterizo del Norte del Uruguay, Montevideo**: Universidad de la República – Facultad de Humanidades y Ciencia – Publicaciones del Departamento de Lingüística, 1959.

SABINO, Mariley Amadeo. **Falsos cognatos, falsos amigos ou cognatos enganosos? Desfazendo a confusão teórica através da prática**. ALFA Revista de Lingüística, São Paulo, 50 (2): 251-263, 2006.

SALINAS, Arturo. Ensino de espanhol para brasileiros: destacar o uso ou a forma? In: SEDYCIAS, J. (org). **O ENSINO DO ESPANHOL NO BRASIL: PASSADO, PRESENTE, FUTURO**. São Paulo: Parábola Editorial, 2005.

SANTOS GRAGALLO, I. **Análisis contrastivo, análisis de errores e interlengua en el marco de la lingüística contrastiva**, Madrid: Síntesis, 1993.

SAUSSURE, Ferdinand de. **Curso de Linguística Geral**. 30. ed. São Paulo: Cultrix, 2001.

SCHAFF, A. **Introducción a la semántica**. México, F.C.E 1966.

SELINKER, Larry. 1972. “**Interlanguage**”: International Review of Applied Linguistics in Language Teaching 10(1–4):209–232.

_____. **Semântica: curso–oficina sobre sentido e referência**. São Paulo: EPU, 2003.

SILVA, Augusto Soares. Linguagem, cultura e cognição, ou a linguística cognitiva. In: SILVA, A. S.; TORRES, A.; GONÇALVES, M. (Org.). **Linguagem, cultura e cognição: estudos de linguística cognitiva**. Coimbra: Almedina, 2004. v.1.p.1-18.

_____. **Sobre alguns tipos de falsos cognatos**, em Anuario Brasileño de Estudios Hispánicos (ABEH), nº 8, pp 21 – 28, 1998.

STEINBERG, D.D. & JAKOBITS, L.A. **Semantics. An Interdisciplinary Reader in Philosophy, Linguistics and Psychology**. Cambridge: Cambridge University Press. 1971.

TEYSSIER, Paul. **História da Língua Portuguesa**. Tradução de Celso Cunha. São Paulo: Martins Fontes, 2007.

TORIJANO PÉREZ, José Agustín. A. **El aprendizaje del léxico en los estudiantes lusófonos**. Revista de Lexicografía, XIV (2008), p. 137-15.

TRIER, Jost. **Der deutsche Wortschatz im Sinnbezirk des Verstandes**, Heidelberg, 1931.

ULLMAN, Stephen. **Semântica: uma introdução à ciência do significado**. 2.ed. Lisboa: Calouste Gulbenkian, 1970.

_____. Uma metodologia específica para o ensino de línguas próximas? In: VÄÄNÄNEN, Veikko. (1968). **Introducción al Latín Vulgar**. Madrid Gredos. VAZ DE SILVA, Ana Margarida Carvalho (2003) “Os falsos amigos na relação espanhol-português”. Cadernos de PLE, 3, pp.75-96.

VIDAL DE BATTINI, Berta Elena. **El español de la Argentina**. Buenos Aires: Consejo Nacional de Educación, 1964.

VINAY, Jean Paul.; DARBELNET, Jean. **Stylistique comparée du français et de l'anglais**. Nouvelle édition augmentée et corrigée. Paris: Didier, [1958] 1977.

VITA, Claudia Pacheco. **A opacidade da suposta transparência: quando “amigos” funcionam como “falsos amigos”**. 193 f. Dissertação (Mestrado em Língua Espanhola e Literaturas Espanhola e Hispano - Americana) - Faculdade de Filosofia, Letras e Ciências Humanas, Universidade de São Paulo, São Paulo, 2005.

WEEDWOOD, Bárbara. **História consisa da linguística**. Trad.de Marcos Bagno.5ª ed. São Paulo: Parábola Editorial, 2006.

WEINREICH, Uriel. **Languages in contact. Findings and problems**. La Haya / París: Mouton. 8ª impresión, 1974 [1ª edición en Nueva York: Publications of the Linguistic Circle of New York, 1953].

WEISGERBER, Leo. Die Sprachfelder in der geistigen Eschliessung der Welt», Festschrift für J. Trier, Meisenheim /Glan, 1954.

WIDDOWSON, Henry George. **Teaching Language as Communication**. London: Oxford University Press, 1978.

WITTGENSTEIN, Ludwig. Notes for Lectures on "Private Experience" and "Sense Data". The Philosophical Review, 1968.

ZAMORA VICENTE, Alonso. Rehilamento porteño. **Filologia**, v. 1. 1949, p. 122.